LUÍS GALVÁO: 25 ANOS A ENSINAR BRIDGE

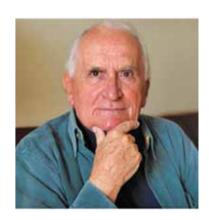
O REFERENCIAL

FOTO: JOSÉ MARIA ROUMIER



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL Director: Pedro Pezarat Correia | Nº 117 | Abril - Junho 2015

25 DE ABRIL ANIVERSÁRIO XLI



PEDRO PEZARAT CORREIA

nosso O Referencial n.º 117 é quase integralmente dedicado às comemorações do 25 de Abril. Porque se celebra a efeméride do XLI aniversário mas também o encerramento do ano das comemorações dos 40 anos que constituiu um encadeamento de eventos que ficará registado como marco da A25A. Foram dezenas, muitas dezenas de festas, de convívios, de sessões, de reflexões, de evocações, de divulgações, por todo o País e pelo estrangeiro. Destacamos, com justica até porque constituiu novidade, as actividades do "Núcleo de Estudos 25 de Abril" (NE25A), um grupo independente de professores que visa afirmar-se como espaço de cidadania, de formação e educação, tendo como alvo preferencial as comunidades e agentes educativos. Comemorou-se o 25 de Abril em São Paulo.

em Tenerife, em Nice, em Cuneo. Aqui com a particularidade de se comemorarem dois 25 de Abril. 25 de Abril de 1945 é a data que os italianos elegeram como a da queda do fascismo, porque foi nesse dia que Milão se libertou culminando o levantamento popular do norte de Itália antes da chegada das tropas aliadas. Disto nos fala o excelente texto de Falcão de Campos.

Recuperamos também uma peça de Mário Pinto relativa a uma visita que fez a Pau há quarenta anos, em que também se festejou o 25 de Abril com os "páras" franceses, ainda surpresos com o feito dos seus camaradas portugueses. Registemos a breve dedicatória do general Marcel Bigeard, referência histórica dos paraquedistas de todo o mundo *A votre peuple qu'il vive en Liberté*. E falamos de livros, de Lídia Jorge, de Matos Gomes (Carlos Vaz Ferraz), sobre Melo Antunes.

São livros de Abril.

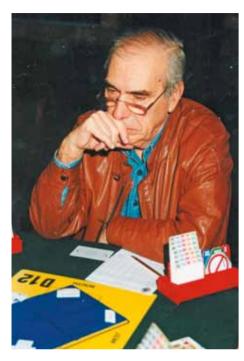
Dos nossos muitos camaradas que nos vão deixando salientamos duas figuras de Abril. Martins Guerreiro traca-nos o perfil de Vaza Pinheiro, o militar de Abril e o poeta, que foi dos sargentos da Armada que aderiram à A25A logo que esta, muito justamente, alargou o seu universo de associados e foi, sempre, como sócio e como dirigente, de uma dedicação exemplar e total entrega aos ideais de Abril de que já era paladino quando por eles se tinha de lutar na clandestinidade. De Óscar Mascarenhas, jornalista de eleição, fala-nos o nosso editor José António Santos, seu amigo e camarada de profissão, num texto em que, através de um percurso profissional, também está muito da história do 25 de Abril.

A A25A tem memória. Não vive do passado nem

para o passado, mas convive muito bem com o seu passado.

A cerimónia de entrega dos diplomas de Sócios de Honra, todos já falecidos, a seus familiares, foi também uma oportunidade para a sua evocação e convívio em torno dos seus mais notáveis. Constituem uma galeria de heróis que enobrece a A25A.

Por fim assinalamos, com toda a justiça, o "Bridge n.º 100". Não podíamos deixar passar em claro o centésimo artigo de uma colaboração de há 25 anos, sem falhar uma edição. Luís Galvão, o seu responsável é, como escreve José António Santos, [...] um exemplo de dedicação a todos os títulos notável, sem precedentes na nossa revista. Pela sua regularidade mas também pela sua qualidade. O Referencial deve este agradecimento a Luís Galvão.



"O Referencial" errou. Na edição anterior, a páginas 202/203, escreveu-se "Bridge 98" quando, na verdade, se deveria ter escrito "Bridge 99". Fica a correcção com o pedido de desculpas a Luís Galvão e aos leitores.

IMPORTA RESGATAR	
E PROMOVER A CIDADANIA ACTIVA	8
A MENSAGEM	18
Iª REGATA DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL	28
COMEMORAÇÕES EM SÃO PAULO	34
COMO O 25 DE ABRIL É FESTEJADO NO CANADÁ	40
CELEBRANDO ABRIL COM AS ESCOLAS	44
DO FASCISMO À RESISTÊNCIA	
25 DE ABRIL EM CUNEO	50
25 DE ABRIL DE 1974	66
RELATÓRIO DOS ACONTECIMENTOS	
DO 25 DE ABRIL NAS CALDAS DA RAINHA	70
FERNANDO VAZA PINHEIRO	98
OSCAR MASCARENHAS (1949-2015)	106
BRIDGE	116
BOLETIM	118

O REFERENCIAL

Propriedade da Associação 25 de Abril - Pessoa colectiva de utilidade pública (Declaração nº. 104/2002, DR II Série, n.º 9 de 18 de Abril) Membro Honorário da Ordem da Liberdade | Presidente da Direcção: Vasco Lourenço | Director: Pedro de Pezarat Correia | Conselho Editorial: Alfredo Bruto da Costa, Amadeu Garcia dos Santos, André Freire, António Morais Sarmento Brotas, Carlos Manuel Serpa Matos Gomes, João Bosco Mota Amaral, João Ferreira do Amaral, José Barata-Moura, José Manuel Pureza, José Viriato Soromenho-Marques, Manuel Martins Guerreiro, Maria José Casa-Nova, Maria José Morgado, Maria Manuela Cruzeiro, Vasco Lourenço | Editor: José António Santos | Fotografia: Armando Isaac, José Maria Roumier, Nuno Augusto, Agência Lusa | Colaboradores: Artur Custódio da Silva, David Martelo, João Magalhães, José Barbosa Pereira, José Fontão, Luís Galvão (Bridge), Luís Vicente da Silva (Cartoon), Manuel Loff, Maria Manuela Cruzeiro, Nuno Santa Clara Gomes | Sede nacional, Administração e Redaçção: Rua da Misericórdia, 95 - 1200-271 LISBOA - Telefone:. 213 241 420 - Endereço electrónico: a25a.sec@25abril.org | www.25abril.org | www.guerracolonial.org | Delegação do Norte: Escadas do Barredo, 120, r/c, esq.- 4050-092 PORTO - Telefone/fax: 222 031 197 - Endereço electrónico: a25a.del-norte@25abril.org | Delegação do Centro Apartado 3041 - 3001-401 COIMBRA Endereço electrónico: a25a.del-centro@25abril.org | Delegação do Canadá Associação Cultural 25 de Abril (Toronto) 1117 Queen Street West Toronto - Ontario M6J3P4 Canadá | Edição gráfica: atelier JMRibeirinho www.jm-designedicoes.com - Av. Infante Santo, 23 -5°C - 1350 - 179 Lisboa | Impressão e acabamento: NORPRINT



"25 DE ABRIL... 40 ANOS... 40 CRAVOS" ÓLEO SOBRE TELA DE SÉRGIO DE LISBOA, PSEUDÓNIMO DE SÉRGIO PARREIRA DE CAMPOS



O REFERENCIAL 7

ANSEIOS E EXPECTATIVAS DE MILHÕES DE PORTUGUESES ESTÃO OFUSCADOS PELA DESGOVERNAÇÃO REINANTE QUE, MAIS TROIQUISTA DO QUE A PRÓPRIA TRÓICA, DESTRÓI DIREITOS E, NOS ESCOMBROS, EDIFICA CAMPOS DE DESEMPREGO E POBREZA. CONTRA ESTE ESTADO DE COISAS, AS MANIFESTAÇÕES POPULARES COMEMORATIVAS DO 41.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL, NOMEADAMENTE, EM LISBOA E PORTO, AFIRMARAM-SE NAS RUAS A RECLAMAR OUTRAS POLÍTICAS QUE LHES DEVOLVAM UMA NOVA ORDEM ECONÓMICA E UMA JUSTIÇA PARA TODOS, RESPEITADORA DOS DIREITOS SOCIAIS. BARGÃO DOS SANTOS E DAVID MARTELO, RESPECTIVAMENTE, FORAM AS VOZES DA A25A QUE SE FIZERAM OUVIR NO COMÍCIO DO ROSSIO, EM LISBOA, E NO ENCONTRO NO IASFA, PORTO (PÁG. 22), NUM MESMO TESTEMUNHO CAPAZ DE GARANTIR A ESPERANÇA.

Importa resgatar e promover a cidadania activa

BARGÃO DOS SANTOS

Caros amigos e amigas, camaradas e companheiros,

Estamos aqui hoje, para celebrar Abril, 41 anos depois.

Abril que pôs fim à mais longa ditadura da Europa, onde havia a maior privação dos direitos humanos.

O regime do "orgulhosamente só", combatido por muitos, alguns anónimos, conduzidos à prisão, à morte ou ao exílio, ou simplesmente dados como desaparecidos.

Estamos aqui, para vos dizer, que o 25 de Abril, apesar daqueles que o têm pretendido denegrir ou mesmo destruir, está vivo e viverá sempre,



Cartaz comemorativo dos 41 anos do 25 de Abril da autoria de José Santa Bárbara.

porque ele foi o nosso amanhecer e o regresso inevitável ao pensamento livre e criador.

traduzido na beleza das palavras de Sofia de Melo Breyner, quando nos disse que "esta é a madrugada que eu esperava, o dia inicial e limpo onde emergimos da noite e do silêncio e e melhor vida. livres habitamos a substância do tempo".

Venho por tudo isto festejar convosco o reencontro de Portugal com a liberdade e a paz, com a esperança e a dignidade.

Caros amigos e amigas,

Vivemos hoje, uma luta difícil pela defesa de uma sociedade regida pelos valores da solidariedade, da justiça e do respeito pela dignidade de todos, contra os defensores da ideologia da lei da selva e do mais forte. Contra os defensores da arbitrardes, da injustiça e da prepotência. Contra os defensores da lei do vale tudo.

Nós militares de Abril, sabemos bem de que lado estamos, ao lado de quem gueremos estar e de que lado vamos continuar!

pontos, aqui temos certezas.

Seguramente ao lado de muitos e igualmente de vós, hoje e aqui presentes, nesta moldura indescritível e impressionante de cor, alegria, força e solidariedade.

Defendemos hoje os mesmos valores do 25 de

Abril, da liberdade e da dignidade.

Defendemos a ideia do ser humano, como o Foi o amanhecer que aqui recordo e tão bem centro e a medida de todas as coisas e para o qual tudo deve convergir, o progresso da ciência, da tecnologia, das artes, da cultura e os avanços da própria Medicina, permitindo mais

> Batemo-nos pelo futuro dos nossos jovens e pelo respeito pelos mais velhos.

> Por isso, entendemos que é necessário romper com a política de devastação social e económica e de confronto que se verifica entre gerações e entre trabalhadores, em que todos acabam por ficar mais diminuídos e mais desiguais.

> Um quadro triste de desalento, sustentado numa crise profunda, suportada e sofrida pelos mais necessitados.

Uma crise que objectiva e claramente afecta cerca de 650 mil crianças e jovens, com o risco de pobreza e exclusão social e ultrapassa o meio milhão de desempregados; uma crise com elevada precariedade de trabalho, estando E se podemos ter dúvidas e temos, em alguns a pobreza, por mais incrível que pareça a rondar já, os que ainda têm emprego.

Caros amigos e amigas,

Falar hoje do 25 de Abril é falar do direito à vida, à dignidade, à liberdade e aos direitos civis, políticos e sociais.



O 25 de Abril constrói -se e consolida-se em cada dia. Com ele iniciámos o caminho da liberdade e da tolerância. Hoje para o continuar, temos de forjar em cada passo a unidade e a solidariedade, porque só essa nos faz crescer. Todos nós como qualquer outro povo merece viver no seu País com dignidade, com esperanca para os filhos, em harmonia; e todos temos direito ao bem-estar, à paz e à tranquilidade. No contexto internacional há hoje ameacas crescentes com cenários da maior intensidade e da maior complexidade.

Falo do terrorismo, do ciberterrorismo e da cibercriminalidade, da barbárie terrorista, do narcotráfico e de tantas outras calamidades como os sucessivos e dramáticos naufrágios no Mediterrâneo, consequência do criminoso tráfico de seres humanos e das razões que efectivamente estão por trás e lhes dão origem e que temos de denunciar e ajudar a combater.

Defendemos a Europa livre, sem discriminação entre países ricos e pobres, os do Norte e os do Sul. Desejamos uma Europa com respeito pela história, segura e solidária, igual para todos e

que nos permita o acesso ao desenvolvimento e ao bem-estar.

Importa voltar a falar de identidade nacional e de Pátria, de segurança e de soberania e voltar a ter orgulho em nós, para valorizar o que de melhor temos e somos capazes, de não esquecer os nossos mortos e deficientes e todos os combatentes de sempre e projectar um País onde todos caibam e onde tudo tenha sentido. As nossas FFAA sabem bem, quanto custa cumprir, mesmo quando são maltratadas e desvalorizadas, seja na sua condição militar, que lhes nega direitos essenciais, seja ainda pela falta de recursos para a defesa do País, perante ameaças cada vez maiores.

São a reserva moral e última da Nação, apenas comprometidas com a Constituição da República, com o País e com a fidelidade ao Estado de direito democrático: defendem no e cumprem missões únicas de interesse público, seja na fiscalização da Zona Económica Exclusiva, no controlo das rotas do narcotráfico, nas acções de patrulhamento, busca e salvamento em alto mar, na cooperação civil militar perante a

calamidade e a catástrofe, entre outras, para além das inúmeras missões de apoio à paz e de ajuda humanitária da maior importância e significado.

Meus amigos e minhas amigas, camaradas e companheiros

O combate à actual crise exige a mobilização activa das mulheres e dos homens sérios de Portugal e exige novas formas de expressão e mobilização.

Temos de ser capazes de com um esforco colectivo e devidamente organizado, dar resposta à corrupção, aos escândalos financeiros, à permanente destruição do aparelho de Estado e às arbitrárias privatizações do sector público, bem à revelia dos interesses nacionais.

O combate à actual crise passa igualmente por não poder aceitar a indignidade que se concretiza nas actuais formas de pobreza e miséria e que se repercutem da forma mais injusta e cruel, sobretudo nas crianças e nos milhares de homens e mulheres que no desemprego se tornam cada vez mais indefesos e humilhados. Merecemos melhor justiça; merecemos as pessoas mais qualificadas e mais motivadas para o desempenho dos altos cargos e funções públicas; merecemos uma escola moderna e activa para professores e alunos.

Cultura acessível a todos; condições que combatam decisivamente o desemprego; espaço aos jovens para aproveitamento das suas qualificações, no seu próprio País.

Precisamos de um aperfeiçoado serviço nacional de saúde, de uma carga fiscal que tendo de ser justa e equitativa, possa gradualmente diminuir; apoio social eficiente que nos permita garantir estabilidade e confiança, sobretudo para os idosos, para as crianças em dificuldade e para as pessoas sem trabalho ou no limiar da pobreza.

Antes de concluir queria dizer -vos que importa resgatar e promover a cidadania activa para que possamos intervir nas decisões que nos dizem respeito defendendo os valores de Abril e porque não estamos sós, comungar com quantos na Europa e no Mundo têm problemas semelhantes e que só pela unidade se poderá recuperar a força que baseada na razão, nos conduzirá a uma sociedade mais justa e mais livre.

Meus amigos e minhas amigas, camaradas e companheiros

Não mais voltaremos, como já alguém disse, a ser o "País apenas rico em pobres"

Termino com a palavra esperança.

Esperança nos nossos valores, esperança na nossa força e esperança na nossa verdade. Esperança em vós e em Abril.

25 de Abril sempre Viva o 25 de Abril Viva Portugal

SERIGRAFIA DE JÚLIO POMAR





Com a serigrafia do Burro a Cantar Fado quis Júlio Pomar homenagear a gesta de Abril quando estavam cumpridos 40 anos sobre a "madrugada inteira e limpa". O quadro original do génio criador foi reproduzido numa edição de 200 exemplares devidamente numerados. As cópias ainda disponíveis podem ser adquiridas na sede da A25A. Os interessados devem solicitar a reserva através de correio electrónico para a25a.sec@25abril.org ou pelo telefone 21 324 14 20.













O REFERENCIAL 15

14 O REFERENCIAL











16 O REFERENCIAL

O REFERENCIAL 17

MENSAGEM

JÁ PASSARAM 41 ANOS sobre o dia em que o MFA libertou os portugueses de uma ditadura de mais de 47 anos, abriu as portas à Liberdade, à Democracia, à Paz, à Justiça Social.

Durante estes 41 anos, os portugueses puderam decidir dos seus destinos, através de eleições livres, escolhendo os seus representantes nos diversos órgãos do poder.

Muitos avanços se conseguiram, a sociedade evoluiu para melhor, mas, é uma constatação que não podemos ignorar, de há alguns anos a esta parte, o retrocesso vem sendo uma realidade e as conquistas alcançadas vêm sendo destruídas, como se quem exerce o poder esteja possuído de um desejo de vingança, para com os que protagonizaram a madrugada libertadora. Assumindo-se, pelo menos aparentemente, como herdeiros dos vencidos em 25 de Abril de 1974.

Resultado, hoje estamos envolvidos por um pântano de indignidade, com servidores subservientes de interesses alheios aos portugueses ao leme do poder.

Como afirmámos há quatro anos, a crise de valores que vivemos é bem mais grave que a crise financeira em que nos lançaram.

A respeitabilidade e a dignidade do País têm sido postas em causa por dirigentes sem idoneidade para o exercício das funções que têm desempenhado e continuam a desempenhar.

Só não assistimos ainda a acções de ruptura violenta porque, apesar de todos os maus tratos de que têm sido alvo, com destruição da condição militar, os soldados de Portugal têm posto acima de tudo o seu sentimento de dever patriótico, cumprindo todas as missões de que são investidos e garantindo a defesa do Estado Democrático e de Direito.

Acreditamos que o seu sentimento de dever cívico continue a sobrepor-se a todos os sentimentos de revolta.

Neste sentido, teremos de ser capazes de fazer uma ruptura com as politicas que levaram Portugal à situação a que chegou.

Temos de continuar a sonhar, mesmo que nos pareça utópico, com o regresso dos valores de Abril à nossa Pátria.

A indignidade atingiu limites insuportáveis, daí que um dos objectivos fundamentais dos próximos tempos é o de recuperarmos a Dignidade perdida. Temos de consegui-lo!

O pão, a habitação, o trabalho, a saúde, a educação e a segurança social têm de voltar a ser direitos efectivos de todos os portugueses.

Temos de conseguir que cada português possa ter o direito de tornar real a utopia de viver no seu Pais, em condições de dignidade.

Para isso, temos de ser capazes de derrotar a ideologia dos mercados, do individualismo e do egoísmo. Só o faremos se conseguirmos resgatar a cidadania, se encontrarmos novas formas de expressão e mobilização.

Os cidadãos têm de ser intervenientes nas decisões que lhes dizem respeito, sejam as individuais, sejam as de sentido colectivo.

Por mais difícil e utópico que nos pareça, temos de conseguir praticar uma democracia de corpo inteiro, uma democracia que viva connosco e não seja apenas uma visita que nos venha bater à porta, de tempos a tempos, para nos pedir um voto.

Temos de acabar com a corrupção, com o não cumprimento dos mais elementares deveres por parte dos dirigentes, com a desbragada destruição do parelho de Estado, com a despudorada transferência de tudo o que é público para o sector privado.

Temos de ser capazes de recuperar um verdadeiro Estado Social, devidamente adaptado aos novos tempos que vivemos.

Temos, enfim, de ser capazes de dar resposta aos anseios de uma enorme maioria de cidadãos que se não revê nos actuais partidos políticos e, ainda menos, nos dirigentes que nos desgovernam.

Para isso, temos de conseguir mobilizar as vontades das mulheres e dos homens sérios de Portugal e recuperar os valores que nos fizeram sonhar há 41 anos.

Não o poderemos conseguir se funcionarmos de forma isolada, por isso temos de congregar esforços com os povos europeus que enfrentam problemas semelhantes e, em conjunto, recuperar o projecto solidário, fraterno e justo que nos levou à integração na Comunidade Europeia.

Caros amigos e compatriotas

Nós não desistimos e acreditamos que, com a mobilização de todos os democratas, conseguiremos recuperar os valores de Abril, para a nossa sociedade.

É essa a nossa convicção, é essa a nossa esperança, é esse o nosso desafio, é esse o nosso compromisso!

Viva Portugal!

Viva o 25 de Abril!

Abril 2015 A Direcção





Renato Gonçalves, Vasco Lourenço e Ildefonso Garcia cantando a "Grândola Vila Morena", no final do jantar



Jantar na Manutenção Militar em Lisboa

A Direcção da A25A promoveu o tradicional jantar comemorativo do 25 de Abril que, este ano, decorreu na Manutenção Militar em Lisboa e reuniu centenas de pessoas conforme as fotos documentam. Congregados pelos ideais de Abril, ali manifestaram a adesão aos valores consignados na Mensagem lida pelo presidente da Direcção da A25A, Vasco Lourenço, cujo o texto se publica na página 19 desta edição. (fotos de Carlos Ricardo)

20 O REFERENCIAL 21

Um novo 25 de Abril

"A esperança portuguesa é militar, é sempre militar."

Francisco Rolão Preto

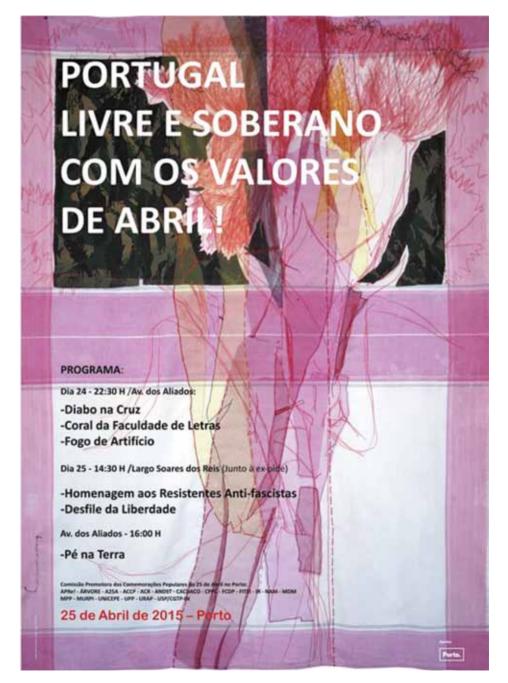
DAVID MARTELO

A CELEBRAÇÃO DE MAIS um aniversário dos agentes políticos, em vez de constituírem da Revolução de 25 de Abril pode constituir uma excelente oportunidade para uma serena reflexão sobre o estado da Democracia em Portugal. Um debate sobre este tema não é, de resto, oportuno exclusivamente em relação ao nosso país, uma vez que a crise internacional, iniciada em 2008, veio abalar profundamente a generalidade dos sistemas democráticos, nomeadamente na Velha Europa.

que deve presidir à sua implementação tem sido motivo de grande desilusão, criando nos cidadãos a amarga ideia de que grande parte a dor, o desânimo e o medo. Sim, o medo!

exemplos de probidade e de civismo, são, pelo contrário, incumpridores de leis e de promessas eleitorais. Na política, à vista de todos, se fazem estágios e se ganham currículos que, depois, habilitam os que deviam servir o Estado a construir prósperas carreiras no sector privado. A acção da Justiça, por outro lado, tarda a convencer os cidadãos da sua eficácia. discrição e independência.

A degradação da actividade política e da ética A conjunção da crise internacional com os erros próprios produziu uma legião de desempregados e espalhou pelos lares portugueses



OS SINTOMAS DE DESORDEM VÃO-SE ACUMULANDO

Já não se trata da desordem nas ruas. É a desordem ao mais alto nível, na indizível liderança política e empresarial. Verdadeiras hecatombes financeiras são fabricadas em bancos e empresas de topo, a uma cadência de autêntico pesadelo. O país, atónito, assiste, pela televisão, ao desfilar de personalidades tidas como pertencentes à nata da nossa elite empresarial, quase todas elas preferindo passar por imbecis desmemoriados a correrem o risco de assumir, com coragem, as suas responsabilidades. No meio desta manifesta desordem, parece, por vezes, que os detentores do poder político pretendem, ainda, que os cidadãos achem normal e se acomodem passivamente às sucessivas anormalidades da governação.

Aqui e ali, ouvem-se vozes clamando que é necessário fazer um novo 25 de Abril

Portugal teve, infelizmente, demasiadas intervenções militares na política, desde 1820. Algumas delas destinaram-se, sem dúvida, a pôr fim a algum tipo de "desordem". Deve sublinhar-se que o Exército sentiu, por diver-

sas vezes, esse chamamento dos Portugueses, mesmo quando em regime democrático. E esse chamamento foi visto, até, de forma regeneradora, tão fundo se tinha despenhado a esperança democrática.

Em 1890, após o *Ultimatum* britânico, Eça de Queiroz, em carta para Oliveira Martins, lançava uma ideia, um quase lamento, a propósito da esperança nas armas:

"É necessário um *sabre*, tendo ao lado um *pen-samento*. Tu és capaz de ser o homem que *pen-sa* – mas onde está o homem que *acutila*?"

Três décadas mais tarde, já nos últimos tempos da I República, era o próprio Fernando Pessoa que partilhava dessa visão redentora, quando afirmava:

"Nossas revoluções são, contudo, e em certo modo, um bom sintoma. São o sintoma de que temos consciência da fraude como fraude; e o princípio da verdade está no conhecimento do erro. Se, porém, rejeitando a fraude como fundamento de qualquer coisa, temos que apelar para a força para governar o país, a solução está em apelar clara e definitivamente para a força, em apelar para aquela força que possa ser consentânea com a tradição e a consecução da vi-

da social. Temos de apelar para uma força que possua um carácter social, tradicional, e que por isso não seja ocasional e desintegrante. Há só uma força com esse carácter: é a Força Armada." E, noutra passagem, resumia, assim, a sua reflexão: "Assim, em vez dos políticos de profissão, (a República) passará a governar pelo exército, que é, de espírito, o contrário deles..."

Tinha razão Fernando Pessoa na distinção que fazia entre o espírito de servir, dominante nas Forças Armadas, e o espírito de servir-se que prevalece em demasiados políticos profissionais. Neste aspecto, o julgamento de Pessoa mantém-se rigoroso e actual. Também não falta, para convergir com semelhante solução, o incompreensível menosprezo e as muitas desconsiderações a que os sucessivos governos têm votado os militares.

No entanto, é indispensável ter a lucidez necessária para reconhecer que a solução da força militar — por muitas razões de queixa que os cidadãos tenham do funcionamento do regime — é completamente desajustada nos nossos tempos. A simpatia internacional que o 25 de Abril suscitou há 41 anos, transformar-se-ia agora em condenação e boicote. Nessa hipó-

tese, qualquer tentativa de exercício do poder imediatamente tropeçaria nas amarras que nos ligam à União Europeia e à União Monetária. Mas fazer algo equivalente a um 25 de Abril é tarefa que está ao alcance de todos os Portugueses. Em cada ocasião que se realizem eleições, passa diante dos cidadãos uma oportunidade de mudança. Se há fenómeno que doa aos militares de Abril é, justamente, constatar a alta percentagem de abstenções verificadas nas idas às urnas, dilapidando uma das armas mais importantes da liberdade que a revolução restituiu ao povo.

É desconsolador ouvir dizer que os partidos são todos a mesma coisa e que não vale a pena votar. Se pensarmos deste modo, jamais conseguiremos a salvação. Não há Democracia sem partidos políticos. Os partidos, mesmo quando falham na sua acção, podem regenerar-se, modificar-se ou desaparecer. Novos partidos se poderão formar.

Não, a esperança não é militar. É civil e está onde deve estar, nas mãos das Portuguesas e dos Portugueses.

Porto, 25 de Abril de 2015

21ª EDIÇÃO EM ALMADA

1212 ginastas animam Festa Jovem

CARLOS MACHADO DOS SANTOS

EMBORA ALMADENSE por adopção há já mais de 30 anos, nunca me fora deparada a oportunidade de assistir a qualquer das vinte precedentes edições da Festa Jovem, que a A25A e o Executivo do meu concelho têm vindo a organizar, em parceria com as Associações de Ginástica de Lisboa e do Distrito de Setúbal, no Pavilhão do Complexo Municipal dos Desportos "Cidade de Almada".

Confirmei, assim, presencialmente, tudo o que havia ouvido contar sobre esta efeméride, sobrevivente heróica do projecto de democratização para a educação física e para o desporto resultante da Revolução de Abril e consignado na Constituição da República de 1975.

O ambiente festivo e salutar, com os próprios atletas, seus familiares e amigos, sócios das associações participantes e público em geral, levou ao completo a lotação do Pavilhão, como se da final de uma prova desportiva de alta com-

petição se tratasse. Ocorreu, assim, o prazer de verificar que o desporto popular e colectivo, sem quaisquer objectivos competitivos, ainda constitui um potencial de atracção e de lazer da população portuguesa. A cerimónia foi iniciada com a actuação da Orquestra "Geração", constituída por jovens habitando zonas desfavorecidas da Grande Lisboa, que interpretou três peças musicais do seu reportório, além do Hino Nacional, que se seguiu ao desfile de todas as classes participantes na Festa. Houve, então, lugar às intervenções do signatário, representando a nossa Associação, e do vice-presidente da Câmara Municipal de Almada, José Gonçalves que centraram as suas palavras nos valores do 25 de Abril, incentivando a continuidade da sua prática, não apenas através da actividade desportiva como, igualmente, mantendo uma atitude cívica que conteste e reverta a situação social e económica do País.



A reportagem fotográfica da festa em Almada foi apagada por erro técnico. A foto acima reproduz um momento dos festejos de 2014.

Procedendo-se à entrega de lembranças às entidades participantes, seguiu-se a actuação das classes dos vinte e quatro clubes, associações desportivas, casas dos povo, associações de moradores, centros culturais, academias de ginástica, acompanhadas por música gravada, oferecendo aos presentes um espectáculo de movimento, de alegria, de juventud e e de cor, com a intervenção total de 1212 ginastas.

Há, pois, que reconhecer o excelente trabalho

dessas instituições e, principalmente, dos representantes das entidades organizadoras que, com o apoio institucional de Confederação do Desporto de Portugal, Comité Olímpico de Portugal e Federação de Ginástica de Portugal, apresentaram um espectáculo de extraordinário impacto desportivo e social, que fez reviver e dignificar os ideais de Abril. Um grande bem-haja a todos!



tivo de Paço de Arcos.

com condições de mar e de vento, e até chuva, relativamente agrestes (ventos de quadrante

O estuário do Tejo encheu-se de cores, no dia W entre os 15 e os 28 nós). Às condições ad-26 de Abril, com as velas das embarcações que versas responderam veleiros e tripulações com participaram na I Regata da Associação 25 de denodado interesse em atacarem o percurso Abril aberta a barcos da Classe ANC A, B, D e escolhido: largada junto à bóia do Jamor, bóia E, organizada pela Associação 25 de Abril, re- de Oeiras por bombordo, Bóia do Jamor por presentada por Nunes Pereira a quem se deve a bombordo, bóia de Oeiras por bombordo e cheiniciativa, com a colaboração do clube Despor- gada em frente ao Clube Desportivo de Paço de Arcos. Aí foram acolhidos todos os veleiros Inscreveram-se quarenta e um barcos, tendo que realizaram a prova e os seus vencedores: largado vinte e oito, na prova que decorreu 1.º classificado - "Blu" classe A, Pedro Soveral Rodrigues, skipper; 2.º classificado - "Blangai" classe D, Nuno Alves, skipper; 3.° classificado

"Viraventos" classe A, José Pereira, skipper. A distribuição de prémios decorreu numa cerimónia realizada, no dia seguinte, nas instalações da Secção Náutica do Clube Desportivo de Paço de Arcos, com a presença de Vasco

contou com os apoios da Câmara Municipal de Oeiras, ENDIH, CDPA e Oeiras Marina – consideraram a realização da regata como prova da democratização e mudança de mentalidades operada em Portugal, porquanto, sublinharam,

não "é todos os dias que se vê uma associação como a Associação 25 de Abril a promover uma regata para veleiros de cruzeiro. Por isso lhe damos a importância que merece, pois transformou o dia de ontem num dia histórico".

Ficaram lançadas as bases para que esta prova, Na ocasião, os organizadores da iniciativa – que a partir de agora, se possa repetir todos os anos. Após a cerimónia da entrega dos prémios foi sorteado entre as tripulações presentes um fim-de-semana para duas pessoas em unidade hoteleira de Paco de Arcos, o qual foi ganho pela tripulação do "Phileas".











30 O REFERENCIAL 31



O pódio da 1.ª Regata da A25A constituido por A. Pedro Soveral Rodrigues (1.º), Nuno Alves (2.º) e A. José Pereira (3.º)



Nuno Campilho, Vasco Lourenço, Nunes Pereira, Mário Afonso, João Mendes e Rui Ribeiro



Nunes Pereira, Nuno Campilho e Vasco Lourenço



O troféu conquistado pelo vencedor da 1.ª Regata da A25A

Comemorações em São Paulo

CARLOS MACHADO DOS SANTOS

PELO SEGUNDO ANO consecutivo, a Câmara Municipal de São Paulo, sob a iniciativa do vereador Paulo Fiorillo, o Centro Cultural 25 de Abril na mesma cidade, com o envolvimento activo do seu presidente, Ildefonso Garcia e dos seus directores, Renato Gonçalves e José António Fernandes e a Casa de Portugal em São Paulo, promoveram um notável programa comemorativo da Revolução dos Cravos, tal qual é conhecida a nossa grande efeméride de Abril de 1974, o qual teve, ainda, o apoio da Prefeitura, do Consulado-Geral de Portugal e presença na Audiência do Mandato do deputada Universidade de São Paulo.

Desta feita, por motivos de agenda política de alguns dos intervenientes, os eventos foram escalonados no período de 14 de Abril a 9 de Maio, constando de conferências, mesas redondas, palestras, debates, um espectáculo sob a forma de conversas musicais e de um acto cívico, no Salão Nobre da Câmara Municipal. Assim, a nossa intervenção nas actividades programadas limitou-se aos dias 7, 8 e 9 de Maio, a saber: dia 7, Acto Solene na Câmara, presidido pelo vereador Paulo Fiorillo, com a participação dos directores do CC25A, cônsul-geral de Portugal, presidente da Casa de Portugal e ou-

tras personalidades políticas e culturais locais e estaduais; dia 8, debate sobre "Os ideais de Abril e a Crise na Europa", no auditório do PC do B, com a participação de Augusto Buonicore, representante da Fundação Maurício Grabois, de Ricardo Alemão de Abreu, secretário de Relações Internacionais do PC do B, do presidente do CC25A e do signatário; dia 9, almoço de confraternização na sede do CC25A, que reuniu cerca de duas dezenas de sócios e de amigos, a que se seguiu a solicitação da nossa do federal Valmir Prascidelli (PT), na cidade de Osasco, onde nos foi proporcionado um lugar na mesa e a oportunidade de dirigirmos uma saudação a um auditório de mais de quatrocentas pessoas.

Prévio aos supracitados eventos, havia permanecido em Lisboa, durante cinco dias, uma delegação de sete cidadãos brasileiros e luso--brasileiros, sócios do Centro Cultural 25 de Abril, entre os quais se contavam os seus presidente (Ildefonso Garcia) e vice-presidente (secretário * da Prefeitura de São Paulo, Renato Goncalves), acompanhados por mais cinco personalidades com responsabilidades políticas e



A cerimónia solene da celebração do 25 de Abril em São Paulo

culturais em São Paulo e em Brasília. Tiveram. então, a ocasião de participar pessoalmente nos actos mais significativos das comemorações do 41º Aniversário do 25 de Abril promovidas pela nossa Associação, designadamente no jantar do dia 24 e no Desfile Popular do dia 25. Essa participação constituiu, para eles, uma experiência que nos confessaram ter sido única e significativa, designadamente pela presença numa enorme e pacífica manifestação com mais de cinquenta mil pessoas, onde a determinação e o apelo aos valores de Abril se expressou de um modo esfusiante. Tiveram a ocasião, cá e lá, de nos expressarem unanimemente a gratidão pela forma como foram recebidos e aceites nos nossos círculos associativos e democráticos. Consideramos a nossa curta, mas intensa, es-

tada em São Paulo como um importante pilar para a percepção e mais aprofundado conhecimento do momento político actual vivido no país irmão. A situação no Brasil é, no mínimo, delicada, pela instabilidade criada através dos media, na sua generalidade propriedade dos grandes grupos financeiros, os quais, expressando-se nos conceitos e na linguagem do "pensamento único" defendem despudoradamente os interesses do "império", como tem sido apanágio em quase toda a América Latina desde que os seus países se libertaram dos antigos colonizadores formais. E, neste caso do Brasil, no presente, o objectivo é óbvio e chama-se Petrobrás. As reservas actuais de petróleo, adicionadas a um recente conhecimento de quase inesgotáveis jazidas de "pré--sal", desencadearam a gula das multinacionais petrolíferas, que não hesitam em recorrer aos meios mais heterodoxos (para não utilizar outros termos) com o objectivo único da posse



Almoço comemorativo no Centro Cultural 25 de Abril em São Paulo

do controlo absoluto da Petrobrás. Daí, toda uma campanha de empolamento de várias irregularidades e, reconheçamos, algumas fraudes na gestão, até agora pública, da empresa. Embora já nos tivéssemos apercebido, não apenas através da nossa comunicação social, que afina pelo mesmo diapasão da do Brasil, como também pela divulgação na "internet" da denúncia exacerbada desses casos, como pelo número e qualidade de indivíduos envolvidos, que a situação estava difícil de gerir, lendo a imprensa de São Paulo e observando os seus programas televisivos, falando com pessoas responsáveis pela política estatal e federal, como nos ocorreu desta feita, proporcionou-nos

uma visão mais profunda sobre a natureza e a raiz destes problemas. O próprio PT, partido do governo, reconhece que tem sido um tanto lento na mudança da sua postura perante os ataques de seus inimigos, conservando-se demasiado tempo numa atitude de "instalado no poder", em vez de assegurar esse poder com uma actividade de denúncia e de mobilização constantes. Quanto a nós, consideramos que a continuação de um governo de esquerda no Brasil é, não apenas muito importante para o povo brasileiro como, mais do que isso, importantíssimo para o mundo, no actual cenário de loucura imperial. A consolidação de uma força opositora unida, seja através dos BRICS (com o



Machado dos Santos a celebrar o seu 72.º aniversário natalício

seu Banco), através da UNASUR, ou da ALBA, apenas para citar as que já são consideradas pelo "império" como um potencial concorrente e, logo, uma ameaça, é determinante para travar a galopante e louca escalada dos "donos do mundo". Foi a interiorização desta realidade, a suprema importância de um Brasil governado à esquerda, que nos deu a oportunidade de expressar a nossa ideia em todas as intervenções e saudações que fomos chamados a fazer. E, fomos bem acolhidos, reconheça-se.

Retomando as comemorações do 25 de Abril, importa recordar o já mencionado na edição nº 114 de "O Referencial", em que a Câmara de São Paulo, em meados do ano transacto, o

do 40° aniversário, por proposta do vereador Paulo Fiorillo, promulgou uma lei declarando o dia 25 de Abril como Festa Municipal e a Revolução dos Cravos objecto de um programa comemorativo anual a partir de 2015. O projecto desse programa, variando anualmente, fica a cargo de uma empresa de eventos com participação do Município, sendo para tal angariados fundos através de uma campanha de mecenato em que são convidadas a participar algumas grandes empresas fornecedoras da Prefeitura de São Paulo. Embora não seja cumprido feriado, o 25 de Abril passa a figurar no calendário oficial da cidade, o que implica a realização de uma Sessão ou Acto Solene no Salão Nobre

da Câmara Municipal, com a participação de autoridades municipais, personalidades políticas, representantes das comunidades portuguesas e de individualidades convidadas, abrangendo vários sectores das artes, das letras ou da política. Foi, igualmente, decidido em Sessão da Câmara que, anualmente e no decorrer do mês de Abril, os alunos das escolas oficiais (dependentes do Município) trabalhem o tema da Revolução dos Cravos em Portugal, a sua importância e o seu impacto na sociedade brasileira, constituindo uma espécie de valorização curricular para os alunos que melhor saibam expor as suas ideias sobre ela. Permitamo-nos, nesta ocasião, expressar o lamento e a indignação perante o que se passa na maioria esmagadora dos municípios portugueses sobre as comemorações de Abril ou, melhor dizendo, o que não se passa!

Uma vez mais, tivemos a ocasião de viver e de conviver as comemorações da Revolução dos Cravos em São Paulo. E, isto significa testemunhar a admiração e o carinho que todos os que as promoveram e nelas participaram alimentam em relação à nossa gesta daqueles meados da década dos setenta. O calor colocado não apenas no decorrer dos eventos, como na re-

cepção que nos dispensaram, são testemunhos de um respeito mútuo que jamais poderemos olvidar. A preocupação desafectada de que nos sentíssemos, ao mesmo tempo, honrados e satisfeitos, traduz, efectivamente que os brasileiros de São Paulo, luso-descendentes, ou não, são pessoas que nos querem bem, são gente que está connosco. Fizeram sentirmo-nos como que em casa. Até fizeram questão de festejar o nosso aniversário pessoal, acidentalmente passado com eles! Se tal nos é permitido, em nome dos Valores de Abril e, no caso particular da nossa Associação, a todos vós, irmãos brasileiros que nos receberam, um Muito Obrigado!

*Diversamente ao sistema autárquico português, no Brasil o poder executivo municipal é exercido pela Prefeitura (correspondente à nossa Câmara Municipal), através dos prefeitos (correspondente ao nosso presidente da Câmara), vice-prefeito e secretários (correspondendo, estes e de facto, aos nossos vereadores); por seu lado a Câmara, constituída pelos vereadores, exerce o poder legislativo, podendo a função destes aproximar-se à dos nossos deputados municipais, apesar de estarem investidos com maior peso político e administrativo.

MEDALHAS COMEMORATIVAS

No exercício do magistério dos valores de Abril a A25A exprime-se em várias linguagens e narrativas. O tempo e a história de Abril estão também contados através da expressão artística de diversos autores, vazada na impressiva comunicação da medalhística. A A25A dispõe de um acervo interessante de medalhas alusivas ao 25 de Abril e a outros momentos importantes da História Contemporânea de Portugal que podem ser adquiridas através de correio electrónico para a25a.sec@25abril.org ou pelo telefone 21 324 14 20.



Como o 25 de Abril é festejado no **Canadá**

MANUEL PEDROSO MARQUES

COM EXCEPCÃO do próprio dia 25 de Abril de 1974, que festejei, festejei e festejei nos dias a seguir, a dez mil quilómetros, no exílio que iá me levava doze anos, o primeiro que festejei fora de Portugal foi o deste ano. E por uma razão que me encheu de alegria. O Núcleo Capitão Salgueiro Maia, da Associação 25 de Abril em Toronto tem convidado todos os anos um Capitão de Abril, para representar a nossa Associação nas comemorações que realizam naquela cidade. Este, o primeiro ano em que a A25A foi representada por um Capitão de Abril, digamos, avant la lettre, pois, eu sou "Capitão de Beja", como nos chamam amigavelmente, mesmo aos muito poucos que já eram majores ou tenentes-coronéis no 25 de Abril.

Os nossos amigos portugueses de Toronto são gente atenta. No ano passado haviam convidado o jornalista Adelino Gomes, que deu mais uma nota do excelente jornalista que é ao des-

cobrir "O rapaz do tanque" – o cabo José Alves Costa, o militar que se recusou, em momento decisivo, a cumprir a ordem de fazer fogo contra Salgueiro Maia e as suas tropas, no Terreiro do Paço. É por isso gente atenta. E atenciosa, porque as atenções que dedicam aos seus convidados estão para além de tudo o que se possa imaginar de espontânea afectividade.

A Associação que reúne os portugueses que no Canadá preservam os valores de Abril é localmente prestigiada. No jantar comemorativo estiveram presentes luso-descendentes de enorme prestígio e representatividade local. Refiro apenas alguns com quem conversei e pude notar uma forma original do seu portuguesismo. São portugueses que se tornaram canadianos, assumida e patrioticamente das duas Pátrias. Presentes o ministro das Finanças da Província do Ontário (capital Toronto), Mr. Sousa, com sua mulher, irmão e pai, o Sr. Sousa da



Nazaré, que um amigo meu daquela terra conhece muito bem; uma vereadora da Câmara de Toronto, Ana Boila e uma deputada à Assembleia Legislativa do Ontário, Cristina Martins, além do cônsul-geral de Portugal em Toronto, Dr. Luís Barros. Não posso deixar de lamentar que no nosso jantar da A25A, em Lisboa, nem um vogal da Junta de Freguesia onde ele se realiza aparece...

A inserção da comunidade portuguesa na sociedade canadiana é verdadeiramente notável. O presidente do maior sindicato do mundo, o LIUNA-Laborers International Union of North America, que filia trabalhadores da construção

civil dos Estados Unidos e do Canadá, é o Senhor Jack Oliveira, eleito por mais de cinquenta mil votos. (Há duzentos mil portugueses em Toronto e quatrocentos mil no Canadá). O seu staff baseia-se na secção do Partido Socialista do Canadá... Os contactos com o movimento sindical português mostraram-se-me evidentes. Por graça, puseram-me a falar com os mais destacados sindicalistas portugueses, ao telefone, para assinalar a minha passagem. E sobre as relações e consequências de dissídios sindicais com os patrões o nível de racionalismo impressionou-me. "As relações são boas e as discussões também... Mas, eles (patrões)

40 O REFERENCIAL 41



precisam de trabalhadores e os trabalhadores precisam de emprego." O sindicato tem um banco, um hospital de odontologia e oftalmologia. Os seus filiados descontam para a reforma do sindicato, além de para outros sistemas, acedendo à pensão completa com 35 anos de serviço e/ou incompleta a partir dos 55 anos de idade. A baixa temperatura do clima protege os trabalhadores da exposição a menos de zero graus. Também ouvi, da parte de todos a que perguntei, que o ritmo de trabalho no Canadá é superior ao de Portugal. Trabalha-se mais e sempre. Não há tempos mortos, à espera de qualquer material, componente ou máquina.

Ao ouvir isto, pensei na baixa qualidade da ação administrativa existente em Portugal.

OS DISCURSOS

Na sessão comemorativa, após o jantar, houve bolo, discursos, banda filarmónica e baile. Os valores cívicos sobrepuseram-se às manifestações de saudade e saudosismo, pois, a grande maioria daqueles portugueses visita regularmente Portugal, têm cá casa e família. Manifestaram sim uma preocupação esclarecida e comum, sobre a crise, a Europa, o futuro. A comunidade tem informação razoável sobre o



que se passa em Portugal. As televisões e as rádios locais, fechadas, por assinatura, transmitem vários períodos noticiosos por dia, em convénio com meios de comunicação social portugueses, e são vários em Toronto. Fui entrevistado a propósito do 25 de Abril em duas ou três estações.

O cônsul-geral apelou à inscrição e ao recenseamento no Consulado, para poderem votar nas próximas eleições. Da minha parte, referi que naquele dia se festejavam várias efemérides, além dos 41 anos do 25 de Abril. Festejavam-se os 70 anos da queda do fascismo na Itália, uma data assinalável do fim da Guerra do Vietname e os 40 anos menos um dia de se conhecerem os resultados das primeiras eleições livres, depois da ditadura, em Portugal. Este facto, de enorme significado cívico, diz-nos que nas últimas eleições realizadas em ditadura, em Portugal, só havia 1.200.000 portugueses recenseados; nas primeiras eleições em democracia estavam recenseados 6.100.000 cidadãos. Se dúvidas houvesse (que não há) sobre o efeito libertador do 25 de Abril, só este facto as eliminava completamente. E assim, porque o 25 de Abril, nos deu o voto livre, mais apelos houve ao voto, esclarecido pela convicção de cada um, com vivas à República, a Portugal e ao Canadá.

Celebrando Abril com as Escolas

Associação25Abril (estatutos)

..."A Associação 25 de Abril é uma associação sem fins lucrativos, de natureza altruísta, destinada à consagração e defesa dos valores cívicos, tendo como fins principais:

«A consagração e divulgação, no domínio cultural, do espírito do movimento libertador de 25 de Abril de 1974»,

«A recolha, conservação e tratamento de material informativo e documental para a história do 25 de Abril e do processo histórico que o precedeu e se lhe seguiu»,

«A divulgação, pedagogia e defesa dos valores e espírito democráticos».

MARÍLIA AFONSO*

A A25A TEM VINDO a desenvolver, no espírito que orientou a sua constituição, um crescente apoio e colaboração com as escolas dos diversos níveis de ensino, traduzido no envio de materiais e documentação a utilizar em actividades realizadas a propósito das comemorações do 25 de Abril. Tem igualmente proporcionado a deslocação às escolas de militares que participaram neste processo histórico e que dele dão testemunho em conferências e debates destinados a alunos e comunidade educativa em geral.

No sentido de aprofundar e diversificar esta colaboração, a A25A decidiu, a partir do ano lectivo de 2013/14, através do projeto A25A/Escolas, e a propósito da celebração dos 40 anos deste acontecimento (que se prolongará por 2014/15), proporcionar aos alunos do ensino secundário, nível em que os conteúdos da História Contemporânea de Portugal são mais aprofundados, a oportunidade de reviver os acontecimentos, situações e momentos decisivos do dia 25 de Abril de 1974 em Lisboa, através do testemunho direto de quem, de algum



Alunos do Colégio Internacional de Vilamoura, no Largo do Carmo em Lisboa com Aniceto Afonso



Alunos da Escola Secundária Matias Aires, na sede da A25A, com Aniceto Afonso e Vasco Lourenco

modo a eles esteve associado ou os conhece profundamente.

Este objectivo concretizou-se através da organização de visitas de estudo que procuraram recordar a acção militar do dia 25 de Abril revisitando o Posto de Comando da Pontinha, seguindo-se o percurso da coluna de Salgueiro Maia em Lisboa e finalizando no Largo do Carmo com visita ao museu da GNR.

As visitas visaram envolver não só os alunos, dando-lhes oportunidade de contactar e conhecer alguns espaços emblemáticos do 25 de Abril de 1974 em Lisboa, mas igualmente os professores de História e disciplinas que, pela sua natureza programática, se podem associar ao debate dos temas que envolvam valores fundamentais subjacentes ao pensamento e acção desencadeada pelos capitães que participaram no 25 de Abril.

O apoio à divulgação deste projeto fez-se com a colaboração e empenho dos Professores Bibliotecários que, a partir da BE e por natureza das suas funções, divulgam, apoiam, promovem e integram projetos e actividades culturais em colaboração com os restantes docentes das escolas. Participaram nas actividades realizadas 125

alunos de cinco escolas e 178 professores, provenientes de Agrupamentos de escolas dos concelhos de Loures, Seixal, Moita, Oeiras e Guimarães.

Guiando-nos *pelos caminhos da memória* estiveram connosco os "capitães de Abril" Pena Madeira (papel das transmissões/Posto de Comando da Pontinha), Aniceto Afonso, Matos Gomes, Sousa e Castro, Santa Clara Gomes, Rosado da Luz e Paiva de Andrade.

Nas visitas ao Quartel do Carmo contámos com o tenente-coronel Nuno Andrade, responsável pelos serviços culturais da GNR, cuja total disponibilidade agradecemos, e que nos conduziu não só pelas memórias à guarda do recém-inaugurado Museu, como falou com detalhe sobre os momentos de tensão e sobressalto vividos no interior do Quartel durante a tarde do dia 25 de Abril de 1974.

Ao encerrar a primeira fase deste projeto, que a A25A vai continuar, desejamos que esta experiência constitua para todos os que nela participaram, em especial os alunos, principais destinatários, uma recordação marcante no respetivo percurso escolar.

* Coordenadora do projecto.



Alunos da Escola Secundária José Augusto, no Largo do Carmo em Lisboa



Alunos da Escola Secundária Leal da Câmara, na sede da A25A

NÚCLEO DE ESTUDOS 25 DE ABRIL

A Liberdade é um estilo de Vida

AMADEU JOSÉ MORAIS GOMES DE FARIA*

O Núcleo de Estudos 25 de Abril (NE25A), grupo independente de professores que funciona desde 2009 como espaço de cidadania, de formação e educação para todas as comunidades e agentes educativos, fomentando e promovendo actividades em prol da democracia, da liberdade e da tolerância, realizou, nos passados dias 27 e 28 de Março, a actividade "Roteiros da Liberdade".

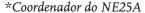
Esta actividade, baseou-se na realização de uma visita de estudo/trabalho, com a particularidade de ser feita exclusivamente por docentes (de vários níveis de ensino e disciplinas), autarcas e membros das comunidades servidas pelo NE25A, num total de quarenta pessoas.

Assim e com o apoio da A25A, visitámos o Museu da Resistência Antifascista (Baluarte Redondo/Segredo, Parlatório e Celas de Alta Segurança) na Fortaleza de Peniche, Posto de Comando do MFA na Pontinha, sede da A25A, e fizemos o percurso (a pé), seguido pelas tropas do MFA (acrescentando a deslocação à rua

António Maria Cardoso), comandadas pelo capitão Salgueiro Maia, nesse que foi o nosso "dia inicial e límpido".

Esta proposta dos "Roteiros da Liberdade" teve por objectivo conhecer e explorar novas possibilidades de trabalho didáctico, para serem desenvolvidas nos seus contextos lectivos pretendendo-se que, particularmente os docentes envolvidos, recolhessem informação e materiais e replicarem esta experiência com os seus alunos (objectivo maior desta visita).

Neste contexto é de inteira justiça assinalar a inexcedível colaboração da A25A, muito em particular da Dra. Marília Afonso, que organizou toda a logística de apoio à visita em Lisboa e presença de alguns dos nomes míticos da Revolução dos Cravos, com quem tivemos oportunidade de falar, conversar, questionar... em suma, colocar em prática Abril.





Amadeu Faria entregando o troféu do NE25A ao presidente da Direcção da A25A



Jantar Convívio NE25Abril na A25A

Do fascismo à resistência 25 de Abril em **Cuneo**

FALCÃO DE CAMPOS

Uma delegação da A25A, constituída pelo presidente da Direcção Vasco Lourenço e por mim, levou a efeito de 19 a 23 de Abril uma visita à cidade italiana de Cuneo e a algumas outras pequenas cidades da sua província. (Ver peça na página 60)

O convite para esta deslocação foi feito em nome da delegação provincial da A.N.P.I. (Associazione Nazionale Partigiani d'Italia) pela sua presidente Ughetta Biacotto, e teve como pretexto a comemoração dos dois 25 de Abril, o português de 1974 mas também o italiano de 1945, ideia nascida dos esforços de um casal de italianos entusiastas de Portugal e do seu 25 de Abril, Enrico Falco e Olivia Blengino.

Durante as visitas efectuadas foram permanentes os testemunhos de um período terrivelmente trágico, quer através dos encontros com alguns dos ainda sobreviventes, todos bem avançados na idade, quer através dos inúmeros monumentos e lápides que recordam os caídos na luta pela libertação da ocupação nazi.

Será assim interessante para a maioria dos leitores de "O Referencial" conhecer um pouco melhor a origem e a evolução do regime fascista em Itália e as vicissitudes que levaram ao aparecimento de uma resistência ao ocupante alemão e ao seu aliado da República de Salò de Setembro de 1943 a Maio de 1945.



Cemitério e Monumento à Resistência em Certosa de Pesio

No decurso da I Guerra Mundial, o reino de Itália, que até então participava na Tríplice Aliança com os Impérios Alemão e Austro-Húngaro, decidiu alinhar com os países da Tripla-Entente, França, Grã-Bretanha e Império Russo, declarando guerra em 1915 às potências da Europa Central, possivelmente com o intuito de recuperar territórios ainda pertencentes à Áustria-Hungria que considerava como terras italianas, a Província de Trento e a região de Trieste.

Terminada a guerra com enormes sacrifícios materiais e humanos – seiscentos mil mortos e meio milhão de mutilados – foi geral em Itália, sobretudo entre os antigos combatentes, a

sensação que teriam sido injustamente tratados pelos seus aliados na distribuição das compensações de guerra, o que, juntamente com a grave crise económica consequência da guerra, levou ao aparecimento de um período de terrível agitação social, habilmente explorado por homens como o ex-socialista Benito Mussolini, que só terminou quando o Rei Vittorio Emanuele III o convidou para formar governo em Outubro de 1922, após a tão propagandeada Marcha sobre Roma que ele teve o cuidado de fazer de combóio.

Mussolini não demorou muito tempo a eliminar todo o tipo de oposição e com o apoio da monarquia criou o primeiro estado fascista,

que serviu de modelo para alguns outros, entre os quais o Estado Novo do seu grande admirador António de Oliveira Salazar: corporações, censura, Legião, Mocidade Portuguesa, Obra das Mães, F.N.A.T., etc., são tudo cópias pálidas de idênticas entidades criadas durante o fascismo italiano; só a PVDE, antepassada da PIDE, foi buscar os seus métodos mais à GESTAPO do que à OVRA italiana!

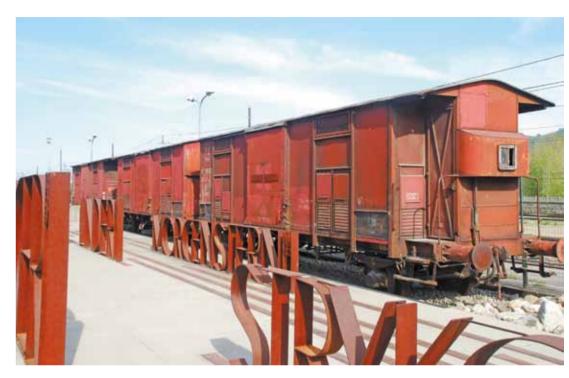
Nessa época um dos discípulos de Mussolini foi Adolfo Hitler que lhe seguiu as pisadas e que mais tarde o distanciaria em tudo, mas que na fase de conquista do poder foi decididamente apoiado pelo ditador italiano.

Aproveitando a existência de velhos diferendos não sanados com origem na repartição dos territórios africanos após a conferência de Berlim de 1884, Mussolini atacou a Abissínia em 1935, que conquista sobretudo à custa dos esforços da engenharia militar na construção de estradas e em que a desproporção das forças em presença não permitia outro desenlace. A reprovação quase unânime da comunidade internacional não teve grandes resultados práticos salvo provocar uma maior atracção pela ditadura hitleriana, o que vem a ter concretização material no apoio que ambas as ditaduras

dão à sublevação dos generais revoltosos em Espanha em Julho de 1936 e mais tarde na assinatura do Pacto de Aço, o famoso Eixo.

E se no início daquela guerra civil a Itália ainda aparece como o apoio mais importante ao franquismo, com o evoluir dos combates verificase que a actuação da Legião Condor alemã, em que são testados em condições de guerra real os mais modernos aviões e blindados que a Alemanha está a construir no âmbito do seu rearmamento acelerado, é muito mais decisiva do que a das divisões de "voluntários" italianos com armamento muito mais obsoleto, suficiente para esmagar abissínios mas não para as condições de uma guerra moderna. O discípulo Hitler tinha em poucos anos de poder ultrapassado no campo guerreiro o seu mestre Mussolini!

Em 1938, Mussolini, que até então agira como protector da independência da Áustria, fecha os olhos ao *Anschluss*, a anexação daquele país pela Alemanha hitleriana, o que será talvez a última vez em que Hitler lhe fica grato por uma sua colaboração. Mais tarde no mesmo ano, em Munique, quando da crise dos Sudetas que levará posteriormente ao desmembramento da Checoslováquia, age já como comparsa do personagem principal, Adolfo Hitler.



Monumento aos deportados judeus em Borgo San Dalmazzo

Quando em 1 de Setembro de 1939 a invasão da Polónia pelos alemães inicia a II Guerra Mundial, Mussolini prefere ficar fora do conflito, esperando talvez uma repetição do que sucedera na I Guerra, um conflito prolongado com a exaustão das partes em luta, de que ele mais tarde tentaria servir de árbitro.

O rápido colapso do exército francês em Maio e Junho de 1940 desmentem a sua espectativa e levam-no, contra a opinião das chefias militares, a declarar guerra à França e à Grã-Bretanha em 10 de Junho, quando é certa a derrota da França pelos exércitos alemães. Foi o que Roosevelt descreveu como a punhalada nas costas da França dada pelo chacal italiano, como então Churchill o apelidou!

A relativa impreparação do exército italiano foi patente quando após duas semanas de combates as forças italianas alcançaram unicamente a primeira cidade francesa a seguir à fronteira, Menton. É preciso reconhecer que a zona alpina em que se deu o embate não favorecia o atacante! Ainda desta vez o armistício assinado em 24 de Junho com a França, só alguns dias depois do paralelo armistício assinado entre a França e a Alemanha com o objectivo de ganhar alguns dias mais de combate, não trouxe à Itália de Mussolini as compensações desejadas, o que o levou a desencadear a invasão do Egipto a partir da colónia italiana da Líbia. Após alguns êxitos iniciais, as forças italianas foram repelidas pelas bem menos numerosas mas mais moto-

52 O REFERENCIAL 53

rizadas forças do Império Britânico, que entraram profundamente em território italiano.

Pela primeira vez é Hitler que vem em seu socorro, com o envio do Afrika Korps e do seu lendário chefe Rommel. Inicia-se assim uma série de avanços e recuos que se vão prolongar até a vitória dos aliados em El Alamein em Outubro de 1942, que seguida pouco depois pelo desembarque dos anglo-americanos em Marrocos e na Argélia, dá lugar ao início do fim do domínio do Eixo no norte de África.

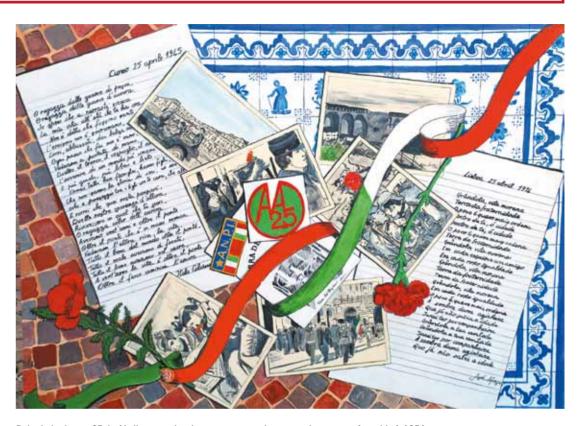
Entretanto, e não querendo ficar atrás do seu pupilo, Mussolini decide que a Itália tem que ter a sua guerra vitoriosa e ataca a Grécia a partir da Albânia que em 1939 tinha sido anexada ao Reino de Itália. Também aqui o terreno montanhoso não favorece o atacante e pouco depois são os gregos que põem em retirada as forças italianas. Pela segunda vez Hitler vai em socorro do seu incómodo aliado e invade a Jugoslávia e a Grécia, expulsando o corpo expedicionário do Império Britânico que tinha vindo em auxílio daquele país.

Só que desta vez não se trata de duas ou três divisões que são enviadas para um teatro de guerra secundário como é a guerra na fronteira do Egipto, mas importantes forças que são des-

viadas da planeada invasão da União Soviética. Pior ainda, a operação Barbarossa é adiada por cerca de mês e meio, o que terá consequências fatais para os alemães quando o avanço das suas forças se extingue no final desse ano à vista de Moscovo, em grande parte devido à impreparação do exército alemão para combater durante o duro inverno russo. Pela primeira vez a Wermacht sofre uma derrota na sua até então imbatível conquista da Europa.

Também aqui Mussolini pretende participar na luta do seu aliado e envia uma importante força expedicionária para a frente russa que chega a ter o efectivo de duzentos e trinta mil homens. Setenta e quatro mil morrem em combate ou no cativeiro. Não por acaso durante a nossa visita vimos que nos monumentos comemorativos dos mortos nas duas grandes guerras são muito numerosos os caídos na frente russa.

Vemos pois que repetidamente Mussolini empenhou as forças armadas italianas, quase sempre contra a opinião das chefias militares, em guerras cujo único fim era a sua pretensão de se afirmar como grande líder mundial. Não admira que para muitos italianos essas guerras lhes fossem estranhas e que muitas vezes preferiram a rendição a lutar por uma causa que



Painel alusivo ao 25 de Abril, vencedor do concurso escolar, posteriormente oferecido à A25A

consideravam errada.

Tendo nascido em 1934, frequentei a instrução primária durante a II Guerra. Foi inevitável brincar às guerras durante os recreios e se era fácil encontrar quem quisesse fazer de inglês ou mesmo de alemão, nunca havia voluntários para assumir o papel do italiano! Esta imagem desfavorável do combatente italiano, incentivada também pela activa propaganda aliada, tinha alguma justificação, mas pouco tinha a ver com o valor individual do combatente e mais com as condições em que o levavam a combater.

Terminada a guerra no norte de África, os aliados, que ainda não estavam em condições de

proceder à abertura da segunda frente com um desembarque no norte da França, decidem contribuir indirectamente para o enorme esforço militar dos soviéticos com a conquista do "ventre mole da europa", a conquista da Itália, seguindo a ideia fixa de Churchill e contra a opinião dos generais americanos.

Iniciada com a natural invasão da Sicília em Julho de 1943, esta acção provoca um grande abalo nalguns dos próximos colaboradores de Mussolini, que sem porem ainda em causa a sua chefia pretendem uma alteração na forma de afrontar a grave situação que se anuncia. Numa reunião do Grande Conselho Fascista

em 25 de Julho, que já não se reunia há vários anos, é aprovada por maioria uma moção de Dino Grandi, um dos fiéis da primeira hora de Mussolini, que de certo modo critica a actuação do ditador.

Totalmente surpreendido por esta reviravolta mas convencido que não se trata de um verdadeiro golpe de estado pede audiência ao Rei, que para sua surpresa lhe comunica a sua destituição e substituição pelo velho marechal Badoglio, militar respeitado por ter sido o conquistador da Abissínia. Preso à saída da audiência para "sua protecção pessoal", é conduzido numa ambulância para um quartel de carabineiros e mais tarde para um hotel numa montanha isolada em que o seu amigo Hitler virá mais tarde a resgatá-lo com um golpe de Na sua precipitação "esquecem-se" totalmente mão do SS Scorzeny.

O novo governo do marechal Badoglio apressa--se a confirmar a manutenção da aliança com os alemães e a continuação da guerra contra os aliados, mas em segredo inicia negociações com representantes do general Eisenhower, então comandante em chefe no Mediterrâneo, para a celebração de um armistício que deveria ter efeito quando os aliados desembarcassem em força no sul da Itália e assim evitar que o país fosse palco de mais destruições.

As naturais desconfianças dos aliados em relação a um país inimigo que se prepara para virar totalmente de política dá lugar a confusas negociações e mal-entendidos, que levam a que o armistício assinado em segredo seja do conhecimento geral antes do previsto por Badoglio e pelo rei. Estes, temendo a natural reacção do "aliado" alemão que entretanto deslocara importantes forças para se opor à invasão do sul de Itália, só pensam em alcançar a zona já ocupada pelo exército britânico na extremidade da península, e acompanhados pelas principais chefias militares embarcam numa corveta que os leva a Brindisi, a salvo de quaisquer represálias dos alemães.

de alertar a totalidade das forças armadas italianas que em Itália, no sul de França, nos Balcãs e na Grécia se contam por mais de um milhão de militares. Como consequência deste indecoroso comportamento a grande maioria das unidades militares são apanhadas de surpresa pelos seus ex-aliados da véspera, desarmadas e mais de seiscentos mil militares são enviados para campos de concentração na Alemanha, onde muitos não resistiram às más condições do tratamento imposto pelos alemães.

Algumas unidades resistem ao desarmamento e combatem com valor, mas esmagadas pelo superior poder de fogo dos alemães são sucessivamente aprisionadas. Em Cefalónia, uma ilha grega, após dura resistência, cerca de cinco mil homens da guarnição italiana são fuzilados pelos alemães, actuação que se repete um pouco por todo o lado em menor escala.

O caso particular das forças italianas de ocupação do sul de França interessa-nos sobremaneira. Após o armistício e sem liderança superior, os soldados pensam na sua maioria em regressar por todos os meios à sua disposição, muitas vezes a pé, à sua região de recrutamento, precisamente o Piemonte, pois muitos pertencem às tropas alpinas. A cidade mais próxima da fronteira é Cuneo e é através desta cidade que tentam alcançar os seus diversos destinos. Infelizmente para eles as tropas de ocupação alemãs tiveram mais do que tempo para na sua maioria preparar a sua intercepção, desarmamento e deportação em vagões de gado com destino aos campos de concentração. No entanto, milhares conseguiram escapar ao cativeiro e acoitaram-se nas montanhas circundantes, dando início aos primeiros destacamentos de re-

sistentes, enquadrados por jovens oficiais subalternos que os mantinham sob uma certa organização militar característica da sua proveniência. Iniciam-se assim longos meses de privações, entrecortadas por acções de sabotagem e as consequentes acções de represália por parte das forças alemãs ajudadas pelas unidades do exército republicano entretanto criado no norte de Itália pelo desgastado Mussolini, o que veio sobrepor à guerra contra o ocupante alemão a guerra civil entre italianos.

A esperada rápida conquista da península italiana pelos exércitos aliados tornou-se numa exasperante lenta avançada de quase dois anos, o que dificultou em muito a luta da resistência no norte de Itália, entretanto reforçada por muitos civis que fugiam à repressão fascista ou simplesmente ao trabalho obrigatório na Alemanha. Os longos meses de luta deram lugar a terríveis represálias sobre as populações civis que segundo o ocupante alemão ajudavam a resistência, o que por vezes era unicamente o pretexto para justificar as suas bárbaras acções sobre populações indefesas.

Na visita que a delegação fez à cidade de Boves, foi-nos dado a conhecer um episódio dramático que pode servir de exemplo para os muitos

que ocorreram naquela zona. Em 19 de Setembro de 1943 uma força alemã comandada pelo SS Joachim Peifer investiu contra a cidade alegando que dias antes os resistentes que se aninhavam nas montanhas circundantes tinham aprisionado dois soldados alemães. Na ausência do presidente da Câmara, chamaram o pároco local e um outro habitante influente e obrigaram-nos a ir negociar com os resistentes a entrega dos dois alemães. Caso contrário a cidade seria totalmente incendiada. Perante esta ameaça e após dramática discussão acederam os resistentes à entrega dos prisioneiros assim como a do corpo de um outro alemão morto no recontro anterior. Ainda os parlamentares e os alemães não tinham regressado à cidade já Peifer tinha mandado incendiar a cidade e em seguida proceder ao fuzilamento de trinta e dois habitantes incluindo os dois parlamentares, que foram queimados ainda vivos. Muitos anos mais tarde aquele SS terminou tranquilamente a sua existência numa aldeia da sua Baviera natal!

Este tipo de comportamento dos alemães foi comum em toda a província de Cuneo e em todos os locais que a delegação da A25A visitou foram inúmeras as lápides recordando onde

foram chacinados indiscriminadamente resistentes e população civil. A prova que setenta anos depois a recordação dessas barbaridades ainda está viva foi-nos confidenciada pelo presidente da Câmara de Boves que, tendo representantes da igreja local entrado em contacto sigiloso com os seus homólogos da região de origem do chefe das SS para proceder a uma reconciliação entre as duas populações, se via agora na obrigação de assumir publicamente tal posição e que esperava encontrar a oposição de alguns dos descendentes dos que tinham perdido a vida naquela ocasião.

A luta dos resistentes prolongou-se com intensidade moderada até Abril de 1945, em que com a aproximação das forças aliadas foi dado o sinal do levantamento geral pelo CLNAI com sede em Milão, de forma que na generalidade todo o norte de Itália acabou por se libertar antes da chegada dos aliados. O levantamento e a libertação das diversas cidades prolongaram-se por cerca de duas semanas, tendo sido escolhido o dia 25 de Abril por corresponder ao sucedido precisamente em Milão, principal cidade do norte de Itália.

Eis porque houve dois 25 de Abril!



Viagem a Cuneo para celebrar Dois 25 de Abril

NICOLE FALCÃO DE CAMPOS

OS DOIS REPRESENTANTES da A25A. Vasco Lourenço e Falcão de Campos acompanhado da sua mulher, partiram a 19 de Abril de 2015 do aeroporto da Portela e chegaram a Nice onde foram recebidos por Enrico Falco e Ughetta Biancotto, presidente da ANPI, entidade que convidou oficialmente a A25A a participar na comemoração dos dois 25 de Abril. A viagem de Nice a Cuneo durou 2 horas e meia. Durante o trajecto a delegação da A25A pôde descobrir a paisagem montanhosa e agreste dos Alpes. A flora começa a exibir as suas flores e as suas árvores verdejantes. No fundo do vale o rio desce rapidamente em torrentes e cascatas. O sol fez o seu aparecimento e acompanhou a delegação durante toda a permanência em Itália. Chegada e instalação a Cuneo a meio da tarde. A delegação foi recebida ao jantar por Olivia, esposa de Enrico, que a acolhe de braços abertos e com um entusiasmo extraordinário. Na verdade,

Olivia e Enrico já vieram a Portugal inúmeras vezes e enamoraram-se pelo nosso país. Olivia desembaraça-se bastante bem em português. No primeiro dia do programa previsto, 20 de Abril, a delegação participou num encontro num cinema de Cuneo com cerca de trezentos e cinquenta alunos do secundário para um debate sobre os dois 25 de Abril, durante o qual foram expostos painéis alusivos ao 25 de Abril de 1974 feitos pelos alunos no âmbito de um concurso. Durante o encontro foram proclamados os vencedores do concurso e o respectivo painel foi oferecido à A25A, reproduzido na pág. 55 desta edição. Durante a tarde a delegação visitou a Casa Museu Galimberti, em seguida descobriu o grande monumento erigido à Resistência onde foi deposta uma coroa de flores. De seguida, na Câmara Municipal foi recebida pelo presidente da Câmara de Cuneo. Durante esta visita houve intervenções do pre-



O presidente da Câmara Municipal de Cuneo quando recebia a delegação da A25A

sidente da Câmara e de Vasco Lourenço a que se seguiu uma troca de medalhas comemorativas. À noite a delegação encontrou-se de novo no mesmo cinema com cerca de cento e sessenta adultos para de novo um debate sobre os dois 25 de Abril.

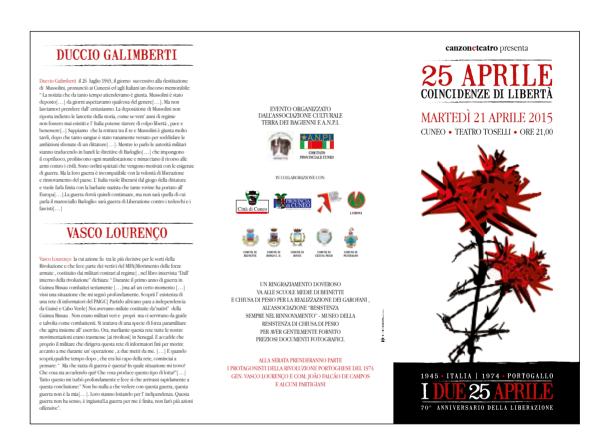
No dia 21 de manhã visita a Beinette recebidos pelo vice-presidente da Câmara e após as habituais saudações deposição de uma coroa de flores no monumento aos mortos de todas as guerras, com leitura de textos e de poesias por alunos da escola secundária local. Às 10.30 chegada a Chiusa di Pesio: recepção na Câmara com saudações do presidente da Câmara e intervenção do presidente da Direcção da A25A, troca de presentes e encontro com estudantes da escola secundária, a que se seguiu a visita do Museu da Resistência do Vale de Pesio.

Em seguida a delegação deslocou-se a Certosa de Pesio para visitar o imponente monumento e os túmulos de alguns resistentes do Alto Vale de Pesio, teatro de duros combates em Abril de 1944 entre o grupo de resistentes do capitão Pietro Cosa e as forças nazi-fascistas vin-

das da planície. Às 15.30 a delegação chega a Peveragno: saudação do presidente da Câmara e agradecimento de Vasco Lourenço, seguida da leitura por alunos da escola secundária de textos alusivos à Resistência. Um grupo de jovens saxofonistas da banda municipal interpretou a "Bella Ciao" e músicas occitanas foram interpretadas à viola por um músico local. Em seguida, a delegação deslocou-se à Praça Paschetta para prestar homenagem à memória dos trinta mártires civis massacrados naquele local em 10 de Janeiro de 1944 pelas tropas nazis. Às 21.00, em Cuneo, realizou-se no Teatro Toselli um espectáculo de gala dedicado aos dois 25 de Abril. A sala deste bonito teatro encontrava-se cheia (seiscentas e vinte pessoas). Alunos das escolas distribuíram a toda a assistência belos cravos vermelhos em papel, fabricados pelos alunos das escolas Secundárias de Beinette e de Chiusa di Pesio. Presenca emocionante de alguns antigos resistentes e combatentes pela liberdade, já de idade muito avançada e bastante comovidos, representando diversas associações. Numerosa a representação da ANED (Associação Nacional dos Antigos Deportados Políticos). Entrega da medalha em prata comemorativa dos 25 anos da A25A à presidente da ANPI, Ughetta Biancotto. O espectáculo apresentado foi muito bem organizado e teve grande qualidade. A assistência pôde ouvir canções

italianas e igualmente portuguesas com destaque para "Grândola Vila Morena" (cantora Ada Prucca e direcção musical de Mario Manfredi). No dia 22 de manhã a delegação era esperada em Boves, cidade que recebeu a medalha de ouro de valor civil pela resistência ao nazi-fascismo. A cidade foi incendiada pelos alemães como acção de represália e teve numerosas vítimas civis. Homenagem em frente às lápides comemorativas com a participação da Câmara. Visita à escola secundária e encontro com cento e vinte e cinco alunos que procederam a leituras e entoaram canções. A pequena cidade estava ornamentada com as bandeiras italianas e portuguesas. Visita à Escola da Paz, centro de encontros e de iniciativas a nível nacional mas também internacional sobre o tema da Paz. Da parte da tarde chegada a Borgo San Dalmazzo, recepção na Câmara Municipal, e visita do Memorial da Deportação, testemunha do local onde foram reunidos os judeus em fuga (entre os quais numerosas crianças muito jovens) vindos de França (Saint Martin Vesubie) e que em seguida foram embarcados em vagões de gado e enviados para campos de concentração alemães. Às 21.30 concerto em Borgo San Dalmazzo no Auditório Bertello com a participação do coro Monserrato e do grupo de acordeonistas da escola de música da cidade.

No dia 23, de manhã visita ao Instituto Históri-



co da Resistência e da História Contemporânea da Província de Cuneo, recebidos pelo seu director Michele Calandri. Uma referência particular de agradecimento às tradutoras Márcia Almeida, brasileira, e Anna Beltritti, italiana, que foram de uma gentileza exemplar. No final da manhã regresso a Nice para apanhar o

avião. O tempo está bom e a delegação admira mais uma vez a bela paisagem alpina, verde e agreste temperada pela chegada da primavera. Vasco Lourenço, Falcão de Campos e sua mulher despedem-se com uma certa emoção dos seus acompanhantes Enrico e Ughetta. *Bella Ciao* até à próxima.

Jornada inesquecível



Espectáculo de gala no Teatro Toselli em Cuneo com a presença de alguns resistentes da 2.ª Guerra Mundial

FOMOS COMEMORAR os "Dois 25 de Abril", o italiano de 1945 e o português de 1974, a Cuneo, no norte de Itália.

Vivemos uma jornada inesquecível e dali regressámos mais determinados a preservar a memória, a não permitir que a apaguem, pois só assim se poderão evitar repetições de novos fascismos, nazismos, ou ditaduras mais ou menos "suaves".

Passados 70 anos, é extraordinária a forma co-

mo os italianos de Cuneo, onde se incluem alguns veteranos *partiggiani*, mantêm viva a memória dos crimes cometidos pelos *tedeschi*, isto é, os alemães nazis.

A nós, portugueses, deram-nos força na nossa luta pela recuperação dos valores de Abril. Obrigado, amigos de Cuneo, pela licão de forca

Obrigado, amigos de Cuneo, pela lição de força e determinação que nos deram!



Em Cuneo, a delegação da A25A em frente ao monumento à Resitência, obra da autoria de Umberto Mastroianni, irmão do actor Marcello Mastroianni

٧L

ENSAIO

25 de Abril de 1974

JOSÉ BAPTISTA*

No final do terceiro quartel do século XX, no dia 25 de Abril de 1974, ocorreu em Portugal um golpe militar que rapidamente evoluiu para uma revolta militar apoiada pela maioria do povo português.

Essa surpreendente, mas igualmente celebrável união entre os militares e o povo, expressava o sincero e enorme desejo de uma nação em mudar o seu regime político e alterar o seu percurso político/social no contexto histórico mundial.

Após quarenta anos, longos e asfixiantes, de uma governação ditatorial semifascista, Portugal invertia a sua trajectória no rumo da História mundial. O 'Estado Novo' chegava ao fim, colapsava por efeito dos seus muitos, variados e imperdoáveis crimes políticos, entre os quais aqui se relembram somente os presos políticos torturados e mortos na prisão do Tarrafal, as vítimas da Guerra Colonial, de ambos os lados, e o assassinato do general Humberto Delgado. A também denominada "Revolução dos Cravos" foi um acontecimento político/social de dimensão mundial, e absolutamente determinante na recente história de Portugal, encontrando-se na génese do actual sistema político português.

A aprovação em 2 de Abril de 1976 de uma nova Constituição da República Portuguesa conferiu ao 25 de Abril de 1974 o estatuto históri-

co/científico de uma Revolução, e, cimentou a mudança do sistema político português.

A partir dessa data histórica, Portugal passa a ter como sua lei fundamental uma das constituições europeias que melhor espelha as conquistas democráticas da modernidade, o que permitiu a Portugal encetar os primeiros passos na direcção da Democracia.

A redacção da nova Constituição da República Portuguesa foi um processo político ideologicamente conflituoso, mas também politicamente muito enriquecedor, construído através de conflitos e compromissos, cujos protagonistas foram os novos actores políticos nascidos da Revolução de 25 de Abril de 1974, ou seja, os novos partidos políticos, constituídos nas primeiras horas da Revolução, os antigos partidos políticos saídos da clandestinidade, o Movimento das Forças Armadas (MFA), os sindicatos, etc...

A redacção da nova Constituição incorporou novas e velhas ideias políticas, algumas das ideias políticas presentes na nova Constituição da República Portuguesa, como a ideia de Portugal caminhar no sentido da construção de um Estado Socialista, resultaram claramente do fervor político inerente ao momento histórico revolucionário, o qual para ser melhor com-



preendido necessita também de ser inserido no contexto histórico, político e militar mundial, da denominada política de blocos (comunismo/capitalismo).

Noutro sentido, ou seja, no da permanência do espirito capitalista, a nova Constituição da República Portuguesa conservou a ideia do direito à propriedade privada, inspirada no liberalismo inglês lockiano.

A nova Constituição albergou também o pensamento dos filósofos da Revolução Francesa de 1789, como Montesquieu e Rousseau, quer através da institucionalização do conceito de Estado de Direito e a indispensável separação de poderes, quer através da universalização do direito de voto e a institucionalização das regras de uma democracia representativa.

Houve também espaço político para absorver

o pensamento político/social dos reformistas sociais europeus do pós-II Guerra Mundial, como William Beveridge, e de conceitos como o de *Wellfare State* (Estado-social).

A fusão deste conjunto de ideias políticas que germinaram ao longo de séculos da história da humanidade, e outras que não estão aqui mencionadas, fez do texto da nova Constituição da República Portuguesa um texto fabuloso e brilhante No entanto, quer a dimensão, quer a profundidade deste legado político inspirador, não impediu que Portugal viesse a mergulhar numa avassaladora crise económica, financeira e social após o final da primeira década do século XXI, acarretando esse facto uma preocupante perda de credibilidade da classe política e da actividade política em Portugal.

A actual crise económica, financeira e social

portuguesa é também uma crise do actual regime político.

A actual crise resulta essencialmente das estreitas e promiscuas relações estabelecidas entre o poder político e o poder financeiro, durante os últimos trinta anos da nossa história colectiva, com a clara subalternização do poder político face ao poder financeiro.

Dos factos elencados resultou um conjunto de erros governativos, quer na escolha do modelo económico, financeiro e social português, quer na sua gestão, o que por si só, conduziria Portugal a uma crise económica, financeira e social, mas que não seria tão grave sem o efeito catalítico da gravíssima crise financeira mundial de 2008.

A globalização, o advento do neoliberalismo e a desregulação financeira, estão seguramente na origem da crise financeira mundial de 2008, ao darem à especulação financeira uma nova dimensão e ao proporcionarem à ganância humana novos e férteis terrenos para crescer.

A queda do Muro de Berlim em 1989 e a implosão da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1991, não devolveu somente a esperança de liberdade e democracia

a uma parte do planeta, permitiu também que os ventos políticos neoliberais soprassem sem oposição, deixando de haver fronteiras físicas e ideológicas que os travassem, sendo neste novo contexto político global que, uma parte dos ideais da Revolução de 25 de Abril de 1974 tem sido triturada pela engrenagem da História.

Nestes últimos anos a situação económico/social do povo português agravou-se substancialmente por efeito de uma agenda política mundial de natureza neoliberal e tecnocrática, que encontrou na actual mediocridade político/governativa portuguesa uma forte aliada, o que conduziu a um claro agravamento da injustiça social e ao acentuar dos seus indicadores, cresceu a pobreza, aumentou o desemprego, diminuiu o acesso à saúde, à educação, à habitação, perderam-se direitos laborais e a emigração forçada separou famílias.

Por força dos factos anteriormente referidos, é cada vez mais importante celebrar o 25 de Abril de 1974 e combater a erosão política dos seus ideais. Viva o 25 de Abril!

Viva Portugal!

*Mestrando em Ciência Política

VINHO DO PORTO COMEMORATIVO

Produziu o Barão de Vilar um Porto Reserva Tawny com estágio durante 7 anos em cascos de madeira adquirindo uma textura suave com um intenso e complexo aroma. Daqui se extraiu uma série de garrafas especialmente para a A25A assinalar os 40 anos do 25 de Abril. Pronto a beber o Porto Tawny ganha outra vida com a idade. Como Abril é necessário saborear e conservar os seus valores. Os interessados poderão adquirir as garrafas ainda disponíveis através de correio electrónico para a25a. sec@25abril.org ou pelo telefone 21 324 14 20.



HISTÓRIA

CONFIDENCIAL

MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS RELATÓRIO DOS ACONTECIMENTOS DO 25 ABRIL NO R.I.5/CALDAS DA RAINHA

1. SITUAÇÃO PARTICULAR

- a) Todos os oficiais e sargentos e até praças do R.I.5 ficaram traumatizados em alto grau com o acontecimento do 16MARÇO e com as consequências que recaíram sobre a grande maioria de oficias e sargentos do Q.P. e do Q.C. que aderiram a esse *movimento*.
- b) Mesmo depois de interrogar alguns capitães intervenientes no 16MARÇO, não consegui saber as causas concretas dessa "precipitação"; nem eu. nem eles.
- c) Na reunião de Cascais não fora ventilada a hipótese imediata da intervenção armada organizada, pelo que houve perplexidade em alguns oficiais.
- d) O ambiente vivido no R.I.5 durante o período de 16MARÇO a 25ABRIL foi difícil, marcado pela desconfiança e pela dúvida sistemática de que fosse possível um novo levantamento em tão curto prazo.
- ea) Os poucos contactos que tentei foram rejeitados nessa base, de certo modo aceitável para as circunstâncias.
- f) A mudança total de quadros que se processou por duas vezes, impediu qualquer trabalho de aliciação.g) A posição de isenção e descré-

dito perante o M.F.A. dos oficiais superiores da Unidade em face dos acontecimentos do 16MARÇO e a posição legalista do comandante, determinaram a impossibilidade de qualquer contacto com êxito a esse nível antes do dia 25Abril

h) De todos os capitães destacados em diligência para o R.I.5 em 17Março, apenas eu lá me conservei. Os outros mudaram todos de situação após o términus da recruta.

2. DESCRIÇÃO DOS ACONTECIMENTOS

Através do Asp. Of. Mil.º Eng.ª FORTUNA-TO, tal como eu em diligência no R.I.5 após o 16MARÇO, e dos meus camaradas do Porto, do Major CORVACHO em especial, fui contactado no sentido de cumprir a missão de, com forças do R.I.5, libertar os presos políticos do Forte de Peniche. Respondi dizendo que, dadas as circunstâncias especiais da unidade considerava impossível cumprir a missão.

Em face disso foi-me atribuída a missão de, no mínimo, impedir que as forças do R.I.5 se opusessem ao avanço da coluna que, da Figueira da Foz iria dirigir-se a Peniche.

Dia 24, pelas 10H00 o Asp. FORTUNATO veio transmitir-me a data do golpe, 25ABRIL de

madrugada, e que portanto deveríamos tentar fazer qualquer coisa.

Dado sabermos que a rádio passaria a transmitir comunicados, combinámos que após isso tentaríamos aliciar o pessoal a nosso favor.

Cerca das 2508H00 dirigi-me ao major Vagos e ao major Monroe dizendo-lhes que o que se estava a passar era geral e que portanto deveríamos também pensar numa opção. Transmiti ao major Vagos a informação de que, quem estava dentro do assunto era o Asp. Fortunato, pois caso o comandante me prendesse, seria ele o único dentro da Unidade a saber o que se passava. Contactei igualmente o comandante da C.Caç., Cap. Inácio, o comandante da Formação Cap. Moncada bem como o Cap. Pisco, o Ten. Mil.º Canha e o Ten. Inf.ª Nunes que, por desconhecerem o assunto, ficaram um tanto perplexos.

Após isso dirigi-me ao Gabinete do comandante, coronel Horácio Rodrigues, a quem expliquei que este movimento era geral sendo eu o delegado do M.F.A. na Unidade, que desta vez era mesmo a sério, e que deveria pensar em tomar uma posição a favor do M.F.A. Respondeu-me que obedeceria ao seu superior hierárquico mas que, no entanto, reuniria os oficiais

caso à Unidade fosse atribuída qualquer missão de combate.

Cerca da 2509H30 passou à frente do R.I.5 uma coluna com cerca de 40 viaturas em direcção ao Sul.

O comandante da coluna mandou-me chamar, mas como eu demorasse em aparecer (estava mais que entretido a falar com os oficiais da Companhia de Caçadores operacional que entretanto alguém mandara formar), continuou ao seu destino.

Durante todo o dia ouviu-se a rádio, esclareceram-se em especial os oficiais e sargentos, podendo eu afirmar sem receio de engano que, cerca das 2512H00, a Unidade estava mentalizada para não obedecer a qualquer ordem do Comando, se fosse dada no sentido de sair em missão de combate contra o Movimento.

Cerca das 2518H00, o comandante chamou os comandantes de companhia dizendo-lhes que continuava a obedecer ao Comando da Região Militar de Tomar e que aquele tinha determinado que não haveria confronto de tropas mas que, caso houvesse tropas frente a frente, a R.M.Tomar deveria ser contactada e daria então directrizes.

Em face dessa situação telefonei cerca das

HISTÓRIA

2522H00 para a minha Unidade no sentido de que a Comissão fosse contactada e atribuísse uma qualquer nova missão ao R.I.5 a fim de ter uma base real para entrar em acção prática. Cerca das 2602H00 dirigi-me aos majores Monroe e Vagos no sentido de que exigissem da Junta de Salvação Nacional.

Os dois majores contactaram o comandante e este, após uma consulta à R.M., disse que estava com o governo legal, não se pronunciando no entanto sobre o que considerava governo legal. Todos os oficiais fervilhavam de impaciência e, dado que a missão de neutralidade atribuída ao R.I. 5 parecia estar cumprida, lutei dali em diante apenas para evitar ter de prender o comandante, caso tergiversasse.

Os três oficiais superiores, embora não tivessem sido capazes de tomar uma atitude decisiva, deram-me a garantia de que não haveria tropas do R.I.5 a tentar impedir o Movimento, tendo todos eles exercido a máxima influência junto do comandante no sentido de o forçarem a uma decisão sensata mas que não lograram atingir. Assim se continuou até que, cerca das 2610H00, os majores Serrano e Monroe vieram ter comigo informando-me de que o comandante finalmente se tinha decidido, dizendo que, como a R. M. se não pronunciava, fosse qual fosse a posição da Região, estava coma Junta de Salvação Nacional.

Figuei satisfeito, pois com cerca de oitocentos instruendos ainda a receber fardamento, não me agradava nada ter de obrigar o comandante a desligar-se do comando, tanto mais que não tinha a certeza exacta de qual a posição dos oficiais superiores se houvesse uma ordem do comandante uma posição contra ou a favor de reacção ao Movimento organizada pela Região Militar de Tomar, sobretudo se aparecesse pessoalmente a comandar essa reacção algum oficial de patente muito superior, mormente algum oficial general.

Cerca das 2612H00 o major Serrano veio ter comigo dizendo que afinal o comandante voltara com a palavra atrás e que estava de novo com o espírito francamente legalista. Disse-lhe que isso era intolerável e que iria tomar as minhas providências.

Como a R.M.T. abrandasse a situação de segurança e a porta de armas do quartel se abrisse, e como o comandante começasse a falar da possibilidade de um contragolpe, o capitão Pisco, que ouviu essa observação da boca do próprio, veio alertar-me no sentido de uma possível reacção da parte da R.M.T., por exemplo o corte da estrada de Peniche onde se encontravam as tropas quem cercavam o Forte. Em face disso telefonei ao major Serrano dizendo-lhe que ia tomar uma atitude definitiva.

Chamei os oficiais e sargentos (furriéis) das Ca CAC. e Formação, que já se haviam comprometido a só a mim obedecerem e mandei-os para as casernas a fim de enquadrarem o respectivo pessoal; chamei os comandantes das C. Cac. da Recruta capitão Pisco, Ten. Nunes e contam e sugeri-lhe o envio de dois telegramas Ten. Mil^o Canha, os quais me apoiaram a 100 por cento, indo enquadrar também o seu pessoal, enquanto que as munições disponíveis no gabinete do Oficial de Dia ficaram à minha disposição guardadas pelo Oficial de Prevenção e Piquete. Juntamente com o capitão Pisco contactei o Sargento da Guarda, o qual se CAS ARMADAS prontificou a não obedecer a qualquer ordem de fogo dada directamente pelo comandante, e 2º- PARA A JUNTA DE SALVAÇÃO NACIONAL dirigi-me ao gabinete deste, que entretanto me mandara já chamar, possivelmente por reparar que algo de estranho (?) iria acontecer.

Pus então o comandante ao corrente da situação do momento, dizendo-lhe que eu teria então de tomar uma posição que só por respeito aos seus cabelos brancos não tinha sido já tomada, uma atitude mais drástica contra ele. Tentou elucidar-me dizendo-me que afinal não era eu quem comandava a unidade, e respondi--lhe que visse bem se tinha a certeza, tentando o major Serrano, que entretanto entrara no gabinete quase logo atrás de mim, mostrar-lhe que ele, comandante, já não controlava nada na unidade. Tentava-se apenas evitar que passasse pela mesma situação altamente desprestigiante por que passara no 16 de Março: ser preso. Respondeu dizendo-me que tinha de obedecer ao seu chefe hierárquico, tanto mais que era seu

amigo há muitos anos. Respondi-lhe dizendo que numa situação destas as amizades pouco que se transcrevem:

1º- PARA A R.M. TOMAR

De: CMDT. R.I. 5 G.D.H. - 2714H00ABR74 VIRTUDE NAO ESCLARECIMENTO POSI-ÇAO ESSA INFO ADIRO MOVIMENTO FOR-

De: CMDT. R.I. 5 G.D.H. - 2714H00ABR74 VIRTUDE R.M.T. NAO TOMAR POSIÇAO INFO VEXAS CMDT. R.I.5 COR. HORÁCIO RODRIGUES ADERE TOTAL-MENTE MOVIMENTO FORÇAS ARMADAS E AGUARDA ORDENS

Recusou e pediu para esperarmos até telefonar de novo para a R.M.T. Disse-lhe que sim mas que não esperava muito mais tempo.

Contactei em seguida o capitão Moncada dizendo-lhe que estava prestes a tomar conta da unidade e que a sua companhia já estava por mim controlada. Respondeu-me dizendo que estava com o Movimento. Inquiri também o Oficial de Segurança da Unidade, Ten. Lourenço, que se mostrou agitado e com vontade de que o comandante se pronunciasse a favor do Movimento, mas sem ser capaz de optar por

HISTÓRIA

si próprio. Não consegui encontrar o capitão Inácio, que entretanto deve ter-se escusado a 1. Chamo a atenção para o apoio dado pelo Sr. qualquer contacto.

mou-me de que o comandante telefonara para ao Movimento.

Disse-lhe que aceitava essa atitude se fosse ex- 2. Chamo igualmente a atenção para o apoio pressada em frente de todos os oficiais. Respondeu-me que o comandante iria fazer uma reunião de oficiais para esclarecer de vez o assunto. Vim cá baixo dar a novidade e deparei com um conjunto de oficiais, sargentos e praças que se tinham juntado no átrio do Comando, ansiosos por notícias.

Expliquei-lhes o que se passara e todos ficaram satisfeitos dando vivas à Junta de Salvação Nacional e ao Movimento das Forças Armadas. Os oficiais reuniram-se na biblioteca e o comandante esclareceu a sua posição referindo claramente que fora tomada porque a R.M.T. e o seu chefe hierárquico a tinham também tomado, expressando votos sinceros de que o novo governo encaminhasse o povo e o País para uma nova era de felicidade.

3. NOTAS ESPECIAIS

- Asp. Of. Milo. de Enga Fortunato, que contri-Cerca de dez min. após, o major Serrano infor- buiu com a sua acção esclarecedora junto dos subalternos para que, desde cedo o pessoal se a R.M.T. e que esta aderira incondicionalmente decidisse a, de forma nenhuma, actuar contra o M.F.A.
 - que o capitão Pisco me deu quando se tratou de efectivamente tomar uma atitude drástica.
 - 3. Refiro o facto de que, embora os oficiais superiores não tivessem tomado uma atitude decisiva, várias vezes me perguntaram qual era a missão atribuída pelo M.F.A. ao R.I.5 e que, depois de lhes ter sido dito que apenas me tinham incumbido de que o R.I.5 se mantivesse neutral, me asseguraram que essa neutralidade seria mantida, desenvolvendo constante pressão junto do comandante no sentido de que este tomasse uma posição. A declaração do comandante em 2610H00 de que estava com o Movimento, a eles se deve, e o facto do comandante duas horas depois voltar à posição legalista chocou-os e decidiu-os em 2614H00 a apoiar-me, desta vez julgo que incondicional-

mente. Mantenho no entanto a opinião de que, se durante o dia 25 tivesse havido reacção organizada e comandada pessoalmente por algum oficial de patente muito superior, a atitude destes oficiais seria imprevisível.

4. O comandante do R.I.5, apesar de ter sido advertido logo na manhã de 25, apesar de ter sido informado de que à frente do seu Regimento passaram cerca de quarenta viaturas com tropas vindas do Norte (nem sequer se dignou ir ver com os seus próprios olhos), apesar dos comunicados da rádio e das imagens da televisão, esteve até ao fim com a esperança de que um contragolpe se verificasse e mesmo em 2614H00, quando se viu obrigado a optar definitivamente, ainda alegou que a R.M. Coimbra, a R.M.Tomar e a R.M.Évora se não tinham ainda pronunciado, e que as unidades da sua Região Militar se mantinham todas na expectativa. Mesmo em 27 pela manhã, quando o major Pita Alves me telefonou de Lisboa ordenando que o pessoal de Peniche fosse rendido por nós, o comandante do R.I.5 quis que a ordem viesse através do seu canal de comando da R.M.T., e pôs objecções dado que se pensou

que nesse momento a R.M.T. estivesse a ser comandada por um tenente-coronel, portante de antiguidade inferior, pondo entraves à organização da coluna no aspecto de armamento quando quisemos transportar bazucas e morteiros 60, assim como quanto ao número de munições que pretendíamos transportar, tudo, segundo me pareceu, em atitude ainda de desconfiança, pelo que mesmo nessa altura, eu e o capitão Pisco tivemos a noção de que, para cumprir a ordem teríamos ainda que tomar uma atitude drástica. Felizmente que a R.M.T. estava comandada por um coronel mais antigo e ele anuiu, como seria aliás de esperar, à ordem recebida através do canal atrás enunciado.

Porto, 11 de Maio de 1974

O OFICIAL DELEGADO DO MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS NO R.I.5

ANTÓNIO AFONSO GONÇALVES CAP. INF^a

41.º ANIVERSÁRIO 25 DE ABRIL

Liberdade vem de fora para dentro ou de dentro para fora?

MANUEL CLEMENTE

O 25 de Abril nos dias de hoje é como ir ao baptizado de um primo afastado em Trás-os-Montes, celebramos porque tem de ser. No entanto, para o País do "faz de conta", é suficiente. Isso porque, no seguimento do "parecer em vez de ser", o que importa é parecer que vivemos em democracia e somos livres! Mas o que é isso de ser livre? Se podermos escolher apenas entre as hipóteses apresentadas será que temos livre escolha? Temos liberdade de expressão quando nos deixam falar, mas não deixam que ninguém nos oiça? Vivemos tempos ilusórios! Tempos estes em que chamamos democracia a uma ditadura multifacetada. Multifacetada porque, ao contrário do Estado Novo em que existiam "inimigos" bem identificados, agora ninguém sabe: quem é quem, quem faz o quê, como e onde. E, como em qualquer guerra, para combater o inimigo é preciso que ele esteja identificado. Já a liberdade de expressão é tida como poder dizer o que se quiser quando bem apetecer. Parece-me uma definição curta quando uns apenas podem expressar-se de quatro em quatro anos enquanto outros expressam-

-se diariamente e anaforicamente nos nossos meios de formatação.

Vemos a corrupção mascarada de incompetência, a má distribuição disfarçada de escassez e a miséria travestida de austeridade. "Nem tudo o que parece é", diz, e muito bem, o nosso povo. Não é por parecer que vivemos democraticamente que é realmente isso que temos. Mas faço aqui o *mea culpa*: temos uma vontade real de ser livres? Acreditamos numa sociedade livre? Queremos, ao menos?

A liberdade não advém, somente, de uma revolução política. Seremos livres quando revolucionarmos a nossa consciência, a nossa mente e as nossas energias. O 25 de Abril, na sua génese, quis dar uma vida melhor às pessoas. No entanto, e não descurando a sua nobre intenção, veio apenas democratizar o oportunismo e o chico-espertismo. Foi como dar um Ferrari a alguém que acabou de tirar a carta.

A consciência das pessoas não acompanhou, individualmente, a revolução material que se sucedeu. Mantivemos a ganância, o egocentrismo, a inveja e o preconceito. A ditadura do inte-

resse individual prosseguiu. E tudo isto graças à nossa ignorância. Ignorância essa que desperta o medo que, por sua vez, faz com que o nosso eu mais primitivo se erga. E assim entramos nesta correria infinita tendo como pista a sobrevivência. E, melhor ainda, dizemos que queremos o melhor para os nossos filhos quando, na verdade, limitamo-nos a perpetuar este ciclo vicioso em que estamos inseridos. Porquê? Porque, para além de não sabermos que sabemos fazer diferente, temos medo de ser diferentes. O diferente não é bem aceite pelas restantes pessoas. Não ser bem aceite faz-nos sentir desenguadrados. Estar desenguadrado baixa a nossa autoestima. Falta de autoestima leva-nos a ter mais medo. E quem tem medo não consegue ser livre. O conflito é interno... será que vivemos uma crise do "eu"? Certamente.

Do "eu" e não só: crise económica, crise financeira, crise política, crise ambiental, crise nervosa, crise moral, crise de qualquer coisa. A realidade é que temos mais diversidade de crises do que de vontades políticas ou mesmo conteúdos televisivos. Mas, diversidade à parte,

todas elas têm em comum o facto de não serem abrangentes. No entanto, existe uma que, ao contrário do bom senso, toca a quase todos: a crise da meia-idade. Elliot Jaques, criador do termo "meia-idade", utilizou-o para descrever a insegurança que alguns indivíduos sentem entre os quarenta e os sessenta anos quando se apercebem que a juventude (física e/ou psicológica) se está a esmorecer. Posto isto, mais do que assinalar os 41 anos de Abril, impõe-se celebrar o primeiro aniversário da crise de meia--idade do 25 de Abril! A idade avança e com ela o cabelo recua, até à calvície plena. Com o 25 de Abril tem sido semelhante, ora não fosse ele um quarentão, mas neste caso vão recuando a moral, os valores e os direitos até ao estado em que estamos.

Enfim, temos (deveríamos) de assinalar a data. Mais que não seja para massajar o PIB com um aumento do consumo de cravos.

A Revolução também passa por seres um bom Pai, um bom Filho, um bom Amigo, um bom Cidadão, um bom Homem Keidje Lima (Valete)

Pau – École de Troupe Aeroportés/1975

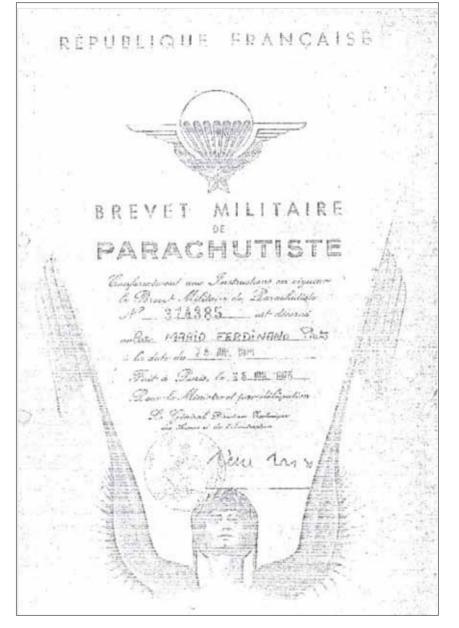
MÁRIO PINTO

EM 25 DE JULHO DE 1975, desloco-me a França, acompanhando a equipa de pára-quedismo portuguesa que ia participar no CISME, na ETAP, na cidade de Pau.

O chefe da equipa era o tenente-coronel páraquedista Ramos Gonçalves, que na altura Comandava o BCP-21 e fora seleccionado para aquele *meeting* desportivo.

A equipa teve um comportamento aceitável. A Base de Pau tinha das melhores condições militares que eu jamais tinha visto. Camaratas do mais moderno e com condições extraordinárias de higiene e de aquartelamento. Armamento altamente sofisticado e eficiente. Museus fabulosos sobre as guerras que os páraquedistas franceses enfrentaram no ultramar, com um acervo riquíssimo daqueles confrontos. Messes modernas com capacidade para servir um grande conjunto de militares, com refeições de grande quantidade e qualidade requintada da cozinha francesa.

Marchandising de grande desenvoltura sobre a capacidade dos "páras" franceses. Postais com os mais diferentes tipos de salto, emblemas



das unidades, brevês, t-shirts com diferentes pára-quedas, etc., etc.

Os pára-quedistas franceses foram simpáticos e acolhedores.

Alguns executantes haviam participado comigo no CISME de Sintra. Tive a oportunidade de os rever.

A cerimónia de distribuição dos prémios do campeonato realizou-se no Casino de Pau, decorado com grande aparato e fino gosto.

Aí entrei em contacto com o secretário da Defesa, julgo que era esta a função política do senhor que presidia à realização do evento e que na circunstância era o general pára-quedista Bigeard, herói mítico dos pára-quedistas francesas e dos livros de Jean Lartéguy. Era uma personagem por quem nutria simpatia e gostava de poder imitar.

Este militar começara como soldado. Foi sargento. Distinguiu-se na Resistência, durante a 2.ª. Guerra Mundial. Seguiu-se a Indochina e Dien Bien Fhu. Os seus dotes de heroísmo, já como oficial, suplantaram-se.

Por fim na Guerra da Argélia, como general. Esta personagem guerreira nunca passou pela École Militair de Saint-Cyr!...

Os escritores referenciaram-no. A França reconheceu os seus actos, o seu heroísmo e a sua

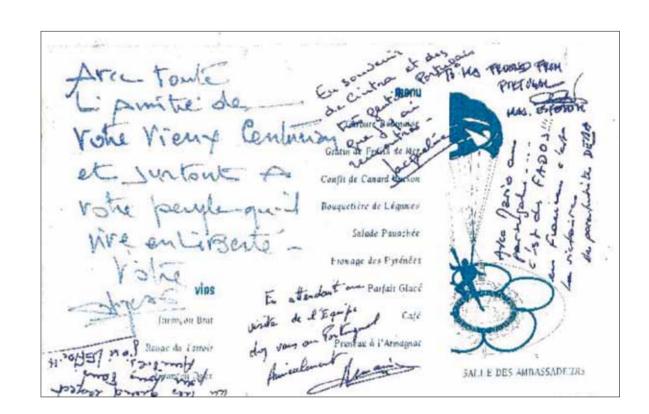
capacidade como condutor de homens, agraciando-o com as mais distintas condecorações e levando-o aos mais altos postos militares e à Galeria dos Maiores de França.

Isto demonstra o pulsar democrático de uma grande nação que sabe compensar os seus heróis. Por fim, ascendeu a um cargo político, como secretário de Estado da Defesa.

Comparemos com o que aconteceu com a generalidade dos oficiais oriundos de miliciano, grandes combatentes, alguns agraciados com as condecorações maiores e até com a Torre Espada, foram sujeitos a um humilhante curso na Academia Militar, do qual não lhes foi reconhecido qualquer valor ou direitos!...

A biografia de Bigeard, publicada no "Expresso", do embaixador António Cutileiro, dá-nos um testemunho inequívoco, da sua grande valentia. Tive uma certa ousadia em Pau, como é meu timbre, de aproveitar a oportunidade de me aproximar do senhor e com ele dialogar, perguntando-lhe em especial como tinha visto a Revolução do 25 de Abril.

Foi simpático no contacto e respondeu-me enviando uma saudação aos militares que nela intervieram, por terem tido a coragem de vencer um regime despótico e terem conquistado a Liberdade.



Fez votos para que a Paz e a Democracia viessem a constituir os objectivos fundamentais da revolução portuguesa.

Escreveu tudo isto, num convite do Casino de Pau, dizendo a terminar:

Avec toute l'Amitié de votre vieux Centurion e tiste n.º. 374385, da República Francesa.

surtout à votre peuple qu'il vive en Liberté – Votre Bigeard.

Depois dos saltos de queda livre que executei foi-me atribuído o *Brevet Militaire de Parachutiste* n.°. 374385, da República Francesa.





A actuação do Coro da Junta de Freguesia de Alcântara

JUNTA DE FREGUESIA DE ALCÂNTARA HOMENAGEOU Marques Júnior

A Junta de Freguesia de Alcânrara promoveu nas suas instalações a mostra denominada "40 Anos Eleições Livres – Exposição Marques Júnior" para evocar a instauração da Democracia em Portugal e ao mesmo tempo homenagear a memória de um dos seus obreiros, Marques Júnior.

Inaugurada no dia 16 de abril, a exposição contou, entre outros, com as presenças de Ramalho Eanes, Maria Luísa Marques Júnior, Vasco Lourenço, Helena Roseta e Fernando Medina. A cerimónia iniciou-se com a actuação do Coro da Junta de Freguesia de Alcântara, segunindo-

-se as intevenções de Davide Amado, presidente da Junta e de Vasco Lourenço presidente da Direcção da A25A. Tomaram ainda a palavra Ramalho Eanes e o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Fernando Medina.

As crianças das Escolas EB1 de Santo Amaro ofereceram às personalidades presentes trabalhos alusivos ao 25 de Abril por elas realizados. A exposição esteve patente na Junta de Freguesia de Alcântara até ao fim de Abril e reverteu para a Associação 25 de Abril.









O presidente da J.F. Alcântara, Davide Amado, no uso da palavra



Ramalho Eanes associou-se à homenagem a Marques Júnior





Fernando Medina, presidente da C.M. Lisboa, apoiou a iniciativa da J.F. Alcântara



"A Estrada dos Silêncios"

PEDRO PEZARAT CORREIA

CARLOS VAZ FERRAZ (CVF, o nosso Carlos Matos Gomes), já não nos surpreende. A sua infindável e riquíssima veia criativa brinda-nos, de cada vez que anuncia um novo romance, com mais uma magnífica história. Não nos surpreende porque já sabemos que vai ser assim. CVF tem o segredo dos grandes ficcionistas para os quais tudo parece fácil, tece o ambiente da intriga, vai alimentando o mistério, traça o retrato das personagens e deixa o conflito desenrolar-se, naturalmente, até desembocar num fim, que pode ser inesperado mas que é um desfecho lógico.

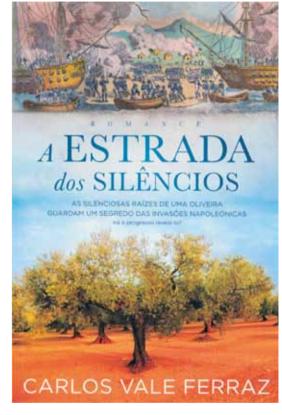
As histórias do CVF desenrolam-se sempre à volta de um conflito. Este tem dois protagonistas, uma jovem juíza e um velho caturra. Mas é, à partida, uma história subvertida, porque a juíza, o poder que tem de aplicar a lei, ainda está a cicatrizar as feridas de uma juventude acidentada, libertina, que usou e abusou de todos os excessos do seu tempo, que militou na extrema-esquerda mais radical, e o transgressor é um velho conservador inconformista, paradoxalmente afrancesado e monárquico integralista adepto da origem divina do poder mas dum divino sagrado e não de um Deus

feito homem. E depois é um conflito que se projecta, em flash back, nos antepassados de ambos naquela região beirã em que todos são primos uns dos outros, que remontam às invasões napoleónicas, franceses que por razões diversas se fixaram em Portugal, aqui se cruzaram com portuguesas e deixaram descendência. O conflito da atualidade gira em volta de uma estrada, a modernidade para integrar Portugal na Europa como, aliás, Napoleão já o tentara duzentos anos antes. A juíza não está a favor nem contra, apenas tem que aplicar a lei. O antagonista está contra. Porque não acredita no progresso, para ele o Portugal autêntico é mais o dos lusitanos do interior agarrados à terra do que os dos lusíadas do litoral que se aventuraram pelo mar fora. E porque a estrada ameaça o seu Monte Cimeiro, as raízes o seu património, não material mas cultural, simbólico, afectivo. São, afinal, os conflitos que atravessam toda a História de Portugal depois dos Descobrimentos, que opõem a utopia de D. Sebastião que leva a Alcácer Quibir e o conservadorismo do Velho do Restelo com os fantasmas do Cabo das Tormentas.

Por regra o conflito dos romances do CVF

centra-se num grande tema dos dias correntes. Em *A Estrada dos Silêncios* é a Justiça que está em questão. Uma justiça em relação à qual a própria juíza, sujeita às mais variadas chantagens, já perdera as ilusões, porque as leis não servem para fazer justiça mas apenas para serem aplicadas.

Nenhuma obra de CVF dispensa a guerra colonial. E ela percorre em cada passo A Estrada dos Silêncios. Mesmo quando o tempo é o das invasões napoleónicas, na guerrilha permanente mas em que os guerrilheiros são os portugueses, que leva o capitão Alphonse Barre, das legiões de Junot, primeiro antepassado francês do velho protagonista da história a reconhecer que aquela guerra de Napoleão na Europa contra a Inglaterra não tinha sentido, porque não se podia vencê-la. Ao evocá-lo o seu descendente acrescentaria, dois séculos depois e citando Voltaire, que nenhuma guerra compensou com um pouco de bem, o seu mal. É ainda a guerra colonial que o autor conheceu bem e que caricatura no burlesco da operação que a GNR monta contra o Monte Cimeiro, uma complexa operação de "cerco e assalto" para ir desalojar do monte um "inimigo" que se sabia

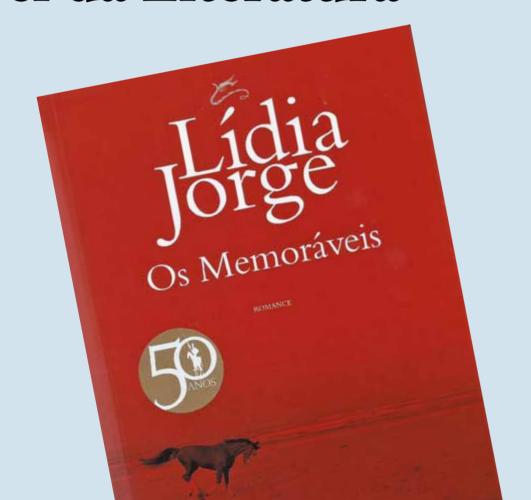


não ir além de um velho rebelde quase octogenário, uma cigana apátrida e um cão rafeiro. É também a guerra colonial que está presente no desfecho final, porque acaba por ser a maldição do feitiço de Kanyemba, que pairava desde que as águas da albufeira de Cabora Bassa tinham submergido as terras sagradas do Songo, que se vinga na albufeira de Montargil e vai resolver o conflito da estrada.

Confuso? Óptimo, leiam o livro e vão entender tudo.

Recensão de "Les Mémorables" em "Le Figaro Littéraire"

Jornalista francês elege Lídia Jorge para Nobel da Literatura



O JORNALISTA FRANCÊS, Sébastien Lapaque, assina na página 5 do "Le Figaro Littéraire", de 30 de abril de 2015, uma recensão ao último roman-

de 2014, D. Quixote), cuja tradução para francês, de G. Leibrich, publicada pelas Éditions Métailié, em Franca, sob o título "Les Mémorables". Rendido perante a narrativa da romancista portuguesa, Sébastien Lapaque considera "Les Mémorables" como um "romance hipnótico", afirma que os amantes da arte de grande estilo sabem que a voz da autora conta no universo das literaturas europeias contemporâne-

as, e vai mais longe

ao afirmar que "an-

tes do seu compatriota António Lobo

Antunes ou que o

ce de Lídia Jorge, "Os

Memoráveis" (Março

moçambicano Mia Couto" Lídia Jorge "merece róis, como também sobre a sociedade portugueser o segundo escritor lusófono a ser coroado sa, na sua grandeza e nas suas misérias." com o prémio Nobel da Literatura".

Em "Os Memoráveis", Lídia Jorge revisita o tempo histórico da revolução dos cravos em Portugal e constrói uma narrativa através da perso-

> nagem de uma jovem repórter portuguesa em Washington, convidada em 2004 a fazer um documentário sobre o 25 de Abril de 1974. "Aceite o trabalho, regressa a Portugal, contrata dois antigos colegas, e os três jovens entrevistam vários intervenientes e testemunhas do golpe de Estado, revisitando os mitos da Revolução de Abril. Um percurso que permite surprender o efeito da passagem do tempo não só sobre esses he-



O Exemplo de Melo Antunes

As comunicações e testemunhos apresentados conhecimento do militar, pensador e estadista, no colóquio "Liberdade e coerência cívica – o exemplo de Ernesto Melo Antunes na História Contemporânea Portuguesa" realizado, em Dezembro de 2009, na Fundação Gulbenkian, quando então se assinalavam dez anos sobre a morte do "ideólogo do 25 de Abril", foram reunidos em livro organizado por Maria Inácia Rezola sob chancela da Âncora Editora. O colóquio resultou da iniciativa de uma comissão promotora constituída por Amadeu Garcia dos Santos, António Franco, António Ramalho Eanes, Fernando Melo Antunes, Gabriel Espírito Santo, José Loureiro dos Santos, José Ponces Aparício, José Romano, Maria Inácia Rezola, Mário Mesquita, Miguel Lobo Antunes, Pedro Pezarat Correia, Vasco Lourenço e Vítor Alves e foi seu objectivo contribuir "para um melhor

na sua dimensaão pública e participação cívica". O livro "Liberdade e coerência cívica – o exemplo de Ernesto Melo Antunes na História Contemporânea Portuguesa" foi publicamente apresentado pelo embaixador António Franco, no dia 7 de Maio, na sede da A25A. Nele se condensam olhares diferentes sobre os contributos fundamentais de Melo Antunes no processo revolucionário de Abril de 1974 e na instauração da democracia em Portugal, indispensáveis para melhor compreensão da sua contextualização e importância. Isto mesmo é sublinhado por Maria Inácia Rezola na Introdução do livro: "O grande interesse destas contribuições, mas também o facto de estarem em curso as celebrações do quadragésimo aniversário do 25 de Abril de 1974, justificam que, apesar de te-

COMISSÃO PROMOTORA DA HOMENAGEM A ERNESTO MELO ANTUNES LIBERDADE E COERÊNCIA CÍVICA O EXEMPLO DE **ERNESTO MELO ANTUNES**



Baptista Lopes (Âncora Editora), António Franco, Vasco Lourenço e Maria Inácia Rezola

rem decorrido cinco anos sobre a realização do evento, se promova esta publicação".

No Prefácio, António Franco regista algumas memórias pessoais. "Ernesto Melo Antunes leu compulsivamente, a partir da adolescência, tudo o que importava ler e lhe chegava às mãos. Dos clássicos gregos e romanos a Rousseau, Stendhal e Proudhon, de Marx a Gramsci e Fanon, dos românticos e realistas portugueses a Chateaubriand, Yourcenar e Hannah Arendt. Mas também, e decerto surpreendentemente para muitos, mergulhou nos textos do Padre António Vieira e de outros grandes jesuítas que lhe foram coevos, sobre os quais entretinha com especialistas – como Margarida Vieira Mendes – longas e substantivas discussões. Tudo leu e digeriu com vagar, jamais cedendo a ajanotar-se com manifestações de erudição

livresca." (...) "Militar de parte inteira, corajoso em todas as circunstâncias, austero e parco, avesso a mundanismos e protagonismos fáceis, foi sempre mais selectivo do que solitário (na observação certeira de Vítor Alves), senhor de um horror ético e estético aos malabarismos da baixa política e da pequema intriga. A mediocridade ou o pragmatismo bacoco dos comportamentos políticos tolhia-o, a dos comportamentos humanos incomodava-o. Em silêncio, as mais das vezes em silêncio..."

Mais do que uma homenagem a Melo Antunes, este livro – de vários autores – é indispensável à compreensão de boa parte da nossa história contemporânea, e isso talvez seja o melhor tributo a prestar ao "intelectual fardado".



"Vozes de Abril na Descolonização"

EM 2009, A ASSOCIAÇÃO 25 de Abril no âmbito das suas atribuições estatutárias dinamizou uma parceria com o Centro de Estudos de História Contemporânea, do ISCTE-IUL; o Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova e a Fundação Mário Soares, com o objectivo de "promover e estimular a investigação histórica sobre a componente militar da revolução portuguesa, designadamente no que se refere à presença e acção de militares das FA num vasto leque de sectores da vida pública nacional e das ex-colónias portuguesas – definindo como quadro temporal principal o período entre o 25 de Abril de 1974 e a aprovação da Constituição da República Portuguesa, em 25 de Abril de 1976, sem prejuízo das extensões que se revelarem necessárias, designadamente no que se refere aos actos preparatórios do 25 de Abril, aos diversos processos eleitorais, às independências das ex-colónias e ao período que decorreu até à primeira revisão constitucional de 1982 e consequente extinção do Conselho da Revolução".

No dia 4 de Junho passado foi apresentado, na sede da A25A, o livro "Vozes de Abril na Descolonização" a primeira obra escrita resultante de estudos e investigação integrados naquele projecto, sob a direcção da professora Ana Mouta Faria e professor Jorge Martins do Centro de Estudos de História Contemporânea do ISTE-IUL. O livro resultou de entrevistas a três militares presentes em cada um dos três teatros de operações quando se deu o processo de transição de poder naqueles territórios. Os militares entrevistados foram os coronéis Carlos Matos Gomes, José Villalobos Filipe e Nuno Alexandre Lousada, que prestavam serviço respectivamente na Guiné, Angola e Moçambique. Os entrevistadores foram o Dr. Rui Brito Camacho Duarte, Prof. Jorge Martins e Prof.^a Ana Mouta Faria.

A apresentação do livro, presidida pelo presidente da Direcção da A25A Vasco Lourenço, esteve a cargo de Aniceto Afonso, tendo ainda usado da palavra Pedro Lauret e Ana Mouta Faria.

94 O REFERENCIAL OF R

COMTRADIÇÃO RESTAURANTE

Rua da Misericórdia, 95 Lisboa Tel. + 351 213 470 114 tlm. + 351 911 157 805



RESTAURANTE

ESTANTE

O DIA DA LIBERDADE 25 DE ABRIL DE 1974 COORDENAÇÃO PEDRO LAURET

"O Dia da Liberdade"

Realizou-se no dia 22 de Abril a apresentação do livro "O Dia da Liberdade" obra coordenada por Pedro Lauret.

A sessão decorreu na sede da Associação 25 de Abril, tendo sido presidida pelo vice-presidente da Direcção, Aprígio Ramalho.

A apresentação do livro esteve a cargo de Maria Inácia Rezola e de Rosado Luz, tendo a sessão terminado com uma intervenção do coordenador da obra.

O livro apresentado, "O Dia da Liberdade", contou com a colaboração de vários autores, tendo havido a preocupação de colocar lado a lado textos de académicos e estudiosos da nossa história contemporânea com textos de protagonistas militares dos principais acontecimentos ocorridos naquele dia.

Na obra é ainda apresentada uma cronologia do dia 25 de Abril, ilustrada com textos, alguns deles inéditos, de protagonistas de episódios ocorridos naquele dia.

"O Dia da Liberdade" conta com textos de: Fernando Rosas, Maria Inácia Rezola, Medeiros Ferreira, António Reis, Otelo Saraiva de Carvalho, Salgueiro Maia, António de Spínola, Rosado da Luz e Pedro Lauret. O prefácio do livro é da autoria de Vasco Lourenço.

email. www.com-tradicalrestaurante.com www.com-tradicao.com

96 O REFERENCIAL

Fernando Vaza Pinheiro

Sargento-mor – militar de Abril escritor e poeta

MARTINS GUERREIRO



CONHECI O SARGENTO--MOR Vaza Pinheiro quando se encontrava em comissão em Angola na fragata "Comandante Roberto Ivens" e veio passar um mês de férias a Portugal, no ano de 1971.

O chefe de Serviço de Máquinas da "Roberto Ivens" era o saudoso João Lobo de Oliveira, oficial claramente oposicionista ao regime, organizado na estrutura dos jovens oficiais de Marinha.

O João tinha partido com uma missão que lhe tínhamos atribuído: aproveitar a comissão no navio para criar a bordo uma boa ligação com sargentos e pracas, de modo a desenvolver todas as actividades extra serviço que permitissem criar uma forte consciência política de crítica e oposição ao regime.

Os nossos contactos com o Lo-

bo de Oliveira eram frequentes, aproveitando todas as deslocações e oportunidades de servico. Fui assim informado da vinda de férias do sargento Vaza Pinheiro que pertencia ao seu servico, era sargento condutor de máquinas.

Encontrámo-nos pela primeira vez num café do Laranjeiro. Vaza Pinheiro deu-me informações da situação e da actividade no navio. A comunicacão entre nós foi fácil e sem percebemos preconceitos, rapidamente que os nossos objectivos de justiça e dignidade humana eram muito semelhantes.

Era um homem de feição relativamente fechada, que não falava muito. No entanto estabelecemos de imediato uma relação muito positiva. Penso que o facto de eu ser amigo do Lobo de Oliveira, pessoa por é um elemento essencial na

quem tinha grande estima, facilitou o nosso entendimento e ligação.

Voltámos a encontrar-nos antes da sua partida para Angola, entreguei-lhe alguns documentos e outro material político para a acção que estavam a levar a cabo no navio. Fiquei seguro que Vaza Pinheiro era um elemento de grande valor com quem poderíamos contar, o que se confirmou inteiramente.

De facto desempenhou um papel de grande relevo junto dos sargentos e praças e também junto dos oficiais, moderando por vezes a atitude de Lobo de Oliveira e fazendo-lhe ver os riscos em que poderia colocar os mais fracos.

Após o regresso da comissão da fragata "Comandante Roberto Ivens", Vaza Pinheiro

organização da estrutura dos sargentos no Movimento da Marinha. É uma referência pelo seu rigor profissional, pela ponderação, conhecimento e determinação com que aborda as questões da luta pela emancipação e dignificação das pessoas, a luta contra o regime opressor e ditatorial, a luta contra os agentes, servidores e bufos de tal regime.

Vaza Pinheiro pensou sempre pela sua própria cabeça, foi um espírito livre, não aceitava orientações externas ou alheias aos seus princípios e valores, rejeitou sem qualquer hesitação tentativas de partidarização do meio militar

Quando ocorre o 25 de Abril Vaza Pinheiro está no Grupo 2 de Escolas da Armada, profundamente envolvido no Movimento da Marinha, é chamado ao desempenho de

maiores responsabilidades na estrutura da Marinha e do MFA: Comissão Representativa dos Sargentos da Armada, Assembleia do MFA da Armada, Comissão de Dinamização e Esclarecimento, Comissão Nacional de Sargentos, Assembleia do MFA.

Mantivemos sempre sem dificuldade uma boa ligação e sintonia de posições.

No pós 25 de Novembro, o revanchismo de elementos da hierarquia da Marinha abateses sobre muitos militares de Abril, atingindo em cheio os mais fracos.

O sargento Vaza Pinheiro é um dos seus alvos. É perseguido, a sua carreira é congelada, é impedido de frequentar o curso de promoção a oficial. Verifiquei mais tarde que essa foi provavelmente a medida que mais o magoou: terem-lhe negado a possibilidade de escolher entre seguir a carreira de sargento ou optar pelo curso de oficial, como aconteceu

a muitos outros camaradas seus mais modernos.

Lutou com determinação e perseverança, ao longo de vinte anos, pela reconstituição da sua carreira e dos seus camaradas, pela recuperação da sua dignidade profissional e humana, nesta luta e em muitas das suas actividades politicas e culturais actuava em ligação estreita com Lopes Martins, encontrei-me muitas vezes com os dois.

Na década de 1990 criámos no âmbito da Marinha uma comissão de oficiais, sargentos e praças com vista ao levantamento dos camaradas que tinham sido objecto de descriminação política, visando criar condições para a reconstituição das suas carreiras. A oportunidade chegou com a aprovação da Lei 43/99.

Vaza Pinheiro, com Lopes Martins e Geraldo Silva Lourenço, foi dos maiores dinamizadores dessa comissão e processo, integrando mais tarde a comissão conjunta dos três ramos. Vaza Pinheiro e os outros camaradas são credores do reconhecimento da maioria dos militares a quem foi feita a justiça possível.

Finalmente algumas carreiras foram reconstituídas, o 1º sargento Vaza Pinheiro foi promovido com toda a justiça e mérito a sargento-mor.

A luta foi e continua muito difícil, ainda existem cerca de trinta casos pendentes, a que o Tribunal Administrativo acaba de fazer justiça reconhecendo-lhes a devida razão Já falei sobre o que foi a luta de Fernando Vaza Pinheiro pela liberdade e pela democracia e o que pagou por isso. É necessário falar também das diferentes dimensões do homem/cidadão, do marinheiro, do escritor e do poeta.

Vaza Pinheiro foi um estudioso autodidacta, um homem raro de convicções firmes, dedicado à causa da liberdade e da defesa da dignidade dos homens, um ser humano excepcional

Natural da Lisboa, nasceu a 7 de Março de 1930. Aos 17 anos assentou praça como voluntário na Marinha, entrou para a especialidade de fogueiro motorista, especialidade dura e das piores em condições de trabalho a bordo. Faleceu a 24 de Março de 2015. O corpo foi velado na igreja do Feijó e cremado no cemitério da mesma localidade.

Embarcou em diversos navios da Marinha: contratorpedeiro "Vouga", fragatas "Comandante Roberto Ivens" e "Pêro Escobar" entre outros. Fez varias comissões de embarque, uma na Índia e outra em Angola, em zona de intervenção militar.

Foi um profissional rigoroso, exigente e respeitado.

Para melhor percebermos como era o cabo Vaza Pinheiro passo a transcrever o testemunho de um seu camarada da guarnição do NRP "Vouga", o actual comandante Manuel Gonçalves de Carvalho:

Embarquei no contratorpedeiro "Vouga", em Abril de 1965, após ter concluído o ITE (instrução técnica elementar) de fogueiro-motorista, com apenas 16 anos de idade.

O navio estava amarrado à bóia, no quadro de navios do Mar da Palha. Eu, nesse primeiro dia antes da formatura para serviços, passeava no convés. Orgulhoso por pela primeira vez estar a pisar o convés dum navio da nossa Armada, fazendo parte da sua guarnição. Orgulhoso do meu uniforme de uso interno: calças de cotim claro, rigorosamente passadas, com um cinto e panamá imaculadamente brancos mercê das barrelas da minha mãe.

Entretanto alguém me dá ordem de desencapar a chaminé de vante – o navio ia sair para o mar depois de ser servido o almoço. Com as pernas já a tremer lá vou subindo as escadas e ao chegar ao cimo verifico que as duas mãos quase eram insuficientes para me agarrar ao vergueiro em volta da saia de chaminé quanto mais para desamarrar aqueles complicados nós que amarravam a sanefa.

Olhando para baixo ora via água ora o convés devido ao balanço dado por um vento moderado.

Mas lá consegui desenvencilhar--me do trabalho e eu e a sanefa lá chegámos ao convés vivos e sãos, mas o meu uniforme, antes sem mácula, mais parecia agora um camuflado atascado em fuligem. Filho único e mimado q.b., a precisar dumas palavras de conforto apenas vi alguns olhares indiferentes e entre eles vi um olhar, mais demorado e frio de reprovação - na altura fiquei sem perceber se a reprovação era contra mim ou contra quem me tinha dado a ordem, sem que me tivesse sido distribuído o fato de macaco. Esse olhar era do cabo Pinheiro.

Nesse dia antes da saída para o mar, é-me dado o cartão de de-

talhe onde dizia que a minha secção de serviço era na casa da máquina PP. onde pertencia também o cabo Pinheiro. Logo comecei a reparar que o cabo Pinheiro era homem de poucas palavras, rodeado dos seus livros cuidadosamente encapados e que não divulgava a ninguém. Reparava também que a sua forma dura de falar não era só com os grumetes, mas também com os superiores, incluindo oficiais o que lhes causava algum embaraço, devido ao bom profissionalismo e desempenho do caho Pinheiro.

Aprendi com ele a forma de me higienizar com pouca água. O navio navegava normalmente com água fechada, e então socorríamo-nos da água doce depositada nas embarcações miúdas, que ao fim de alguns dias era mais salgada do que doce. O cabo Pinheiro era um exemplo quer nos cuidados com o seu uniforme quer nos cuidados consigo próprio. Lembro o cabo Pinheiro com uma barba cerrada que o obrigava a desfazê-la duas vezes

por dia com a sua máquina eléctrica. Dos seus desodorizantes e aftershaves contrastando com a minha mini bisnaga "444" que na mão de grumete se transformava em bisnaga gigante. Recordo que um 2º grumete tinha pouco mais de um décimo do magro vencimento de um cabo, era preciso poupar!

O meu pai que já tinha tido problemas com a PIDE, devido às informações dadas pelos "bufos" na companhia onde trabalhava, tinha-me alertado pouco antes de embarcar para ter cuidado com as minhas, por vezes, descuidadas conversas, traçando--me o perfil dos informadores da PIDE e um dos traços era de alguém que por vezes tinha um comportamento diferente dos outros. Ora o cabo Pinheiro, embora fosse diferente dos outros, no seu todo era totalmente o oposto ao tal perfil e eu perguntava-me: será que o contrário também é verdadeiro? Ou seja, aqueles que são anti-salazaristas terão um comportamento semelhante ao cabo Pinheiro...

O cabo Pinheiro era assim...

Anos mais tarde voltámos a encontrar-nos ambos 1°s sargentos nas Assembleias do MFA da Armada (eu como delegado dos Açores) e o camarada Pinheiro não me deu azo a falarmos desses tempos do contratorpedeiro "Vouga". Os assuntos da altura eram muito mais importantes! – a Revolução estava em curso... O sargento Vaza Pinheiro era assim...

Em Fevereiro de 1969, com quase 39 anos de idade, foi promovido a 2.º sargento condutor de máquinas e em Fevereiro de 1973 a 1.º sargento.

Navegou por muitos mares, teve contacto com diferentes povos e culturas na Europa, Índia e em África. Passou pelas situações mais difíceis da vida a bordo enquanto marinheiro, formou a sua personalidade, assimilou os valores e assumiu os princípios que o orientaram durante toda a vida, num tempo difícil e duro, de ditadura, num meio hostil

à vida humana. Isto é o mar. A sua vida e carreira não foram fáceis, pelo contrário, percorreu os caminhos mais difíceis, partilhou de alma e coração o dia luminoso do 25 de Abril e dos anos escaldantes da Revolução conforme relata no seu livro os 579 Dias de Revolução.

Depois do 25 de Novembro de 1975 foi perseguido, desconsiderado e marginalizado.

Foi sempre uma referência de profissionalismo, dignidade e sobriedade.

O afastamento da Marinha levou-o a dedicar o seu tempo, saber e criatividade a outras artes, cultivou a História, a escrita e a poesia.

Escreveu em 1995 Os Sargentos na História de Portugal e em 1999 579 Dias de Revolução onde narra a sua experiência e explica o processo revolucionário, enquadrando-o no processo de transformação da sociedade portuguesa.

Participou sob a coordenação de Alice Nicolau e em cola-

boração com outros autores, entre os quais Carlos Fabião, no livro *Memórias da Guerra* Colonial.

Colaborou em diversos órgãos de comunicação social, da imprensa diária e regional:

Nos Anais de Almada publicou um estudo sob o título Terão os Vikings desembarcado nas terras da margem sul do Tejo?

Publicou vários artigos: na revista *Liber 25* (uma revista militar para civis e civil para militares) e em *O Referencial* da A25A de que foi colaborador. Também publicou um livro de poemas *Dispersos Emocionais*. Era membro da APE (Associação Portuguesa de Escritores) e da APP (Associação Portuguesa de Poetas)

Estive algumas vezes em sua casa no Laranjeiro, onde me mostrou o seu mundo, os seus livros, alguns dos seus trabalhos e estudos; apercebi-me do seu variado leque de interesses intelectuais, da sua vasta cultura e do seu lon-

go percurso de autodidacta. Participava com assiduidade nas actividades da Associação 25 de Abril e escrevia apara o nosso boletim, era um dos elementos da Tertúlia Rio da Prata de que me falou com entusiasmo, procurando interessar-me pela tertúlia, mas como não tinha disponibilidade de tempo não aderi, no entanto percebi que o grupo era de qualidade e com interesse pela literatura e poesia.

Para melhor percebermos esta dimensão de Vaza Pinheiro transcrevo o testemunho do seu companheiro de tertúlia e nosso camarada coronel João Repolho, aliás Julião Bernardes e alguns pequenos excertos desse seu livro de poesia:

Conheci o poeta Fernando Vaza Pinheiro na Tertúlia Rio de Prata, no restaurante Rio Prata, à avenida do Visconde de Valmor em Lisboa, por volta do ano 2000.

Constatei de imediato ser uma pessoa ponderada, não muito fa-

ladora mas interveniente, de expressão normalmente carregada, mas de uma forma que lhe seria natural.

Na altura não sabia que ele era militar e pertencera ao MFA. Da sua poesia ressalta com frequência esse facto e a sua desesperada esperança, sempre interveniente, sempre a "remar contra a corrente /mesmo que seja só eu...", como transparece dos poemas que a seguir transcrevo do seu livro Dispersos Emocionais, publicado em 2008, o qual tinha na capa significativamente uma reprodução de parte do quadro "O Grito" de Eduard Munch. Leiam-no com atenção, porque as palavras não estão ali por acaso, nem para rimar se for esse o caso: elas querem significar

O Protesto Hei-de gritar em meus versos como se fosse um arauto!

Que ao lixo as regras deitasse e no penedo da águia aí nascesse de novo. Nas arribas mais abruptas, nos murmúrios da ribeira, sinto a passada do lobo pulando de pedra em pedra

O Peso das horas Falamos das folhas secas que o Outono feneceu e da batida das horas sobre os ombros de quem sobe a ladeira duma encosta

-Sem um gesto solidário...-Sem um adeus revoltado...

Recusa de Outono O que foi já é passado mas continua seguro no coração mensageiro a caminho do futuro.

Contra a corrente Vou remar contra a corrente mesmo que seja só eu a contar as horas mortas do relógio indiferente.

Quando a morte for o fim só importa que meus versos sejam a voz dos contrários: gritem lá fora por mim! Continuar Iria continuar nos becos por onde andei e no coro das injúrias que tantas vezes gritei.

Eu seguiria adiante, mesmo que o frio cortante do meu corpo adormecido, se adornasse com meu luto

Iria continuar no furor da multidão, enquanto a razão quisesse e lhes dissesse que não.

Saudades de Abril Revejo a outra senhora na montra do tempo de hoje, como se a flor e o fruto fossem trastes sem valor.

Ah! Que saudades que eu tenho dos dias do alvoroço, a que chamei Primavera, de novo menino e moço!

Questionário Porque não voltas também a sorrir ao teu país: como a verdura dos campos às labutas de raiz? Para onde vais meu soldado sem teu bornal e sem lança: para onde vais meu irmão sem uma réstia de esperança?

Na Vastidão da Saudade Acordado a meio dum sonho e a palrar como um bebé, fui espreitar se era verdade, para saber por onde estava a bandeira liberdade.

O silêncio respondeu à minha testa enrugada e disse que a procurasse na vastidão da saudade.

Das múltiplas dimensões ética, politica, profissional, cívica e literária da rica personalidade de Vaza Pinheiro a sua poesia é talvez a menos conhecida dos camaradas militares, por isso me atrevo a referir mais três ligeiros excertos de outras poesias recentes:

No Sorriso que lhe vi – Abril 2009 De harpas na bandoleira ao levar a sua avante o sorriso deu-se à brisa num caniçal ondulante

Endechas para ti – Abril 2009 Na carta vadia da alma desnuda, vai minha jornada da noite e do dia. Vão dentro as estrelas que eu quero mostrar ao sol e ao luar com fome de vê-las.

Poeta não contes o quanto desgosta a trova vetusta dos risos ausentes. Dos loiros cabelos da deusa ternura, na alva ventura duns olhos tão belos.

Escrito no vento – Maio 2009 Oh, doce Primavera porque vieste à minha asa dorida?

A lua branca respondeu: sou a tua brisa

.....

aquele que te acorda de manhã e se esconde nos olhos da fantasia.

Sou aquela viajem ao jardim solar das tuas mãos quando o céu nasce luminoso.

••••

Fernando Vaza Pinheiro, militar de Abril, marinheiro de profissão, cidadão de corpo inteiro, homem justo e generoso, lutador pela liberdade e dignidade humanas, deixounos o seu nobre exemplo de vida, serviu sem nada pedir. Deixounos também obra escrita e a sua poesia. Amigo e companheiro, continuaremos a tua obra, o teu exemplo e coerência serão para os mais jovens uma fonte de inspiração e de alimento.

Bem hajas companheiro!

e significam.

A morte de um jornalista maior

JOSÉ ANTÓNIO SANTOS

A NOTÍCIA CHEGOU, inesperada, pelo telefone. Do outro lado da linha, disse a voz: "Fala da Agência Lusa, morreu Oscar Mascarenhas, queríamos pedir-lhe um comentário." Atónito, declinei o convite funesto com a justificação do estado de choque que a notícia em mim provocara. E, naquela manhã de 6 de Maio de 2015, dei comigo a olhar mais de três décadas da minha vida, tantos foram os anos de caminho vivido e construído com o Oscar.

Já ouvira falar dele mas só o conheci pessoalmente quando, em 1982, se transferiu da Redação de "A Capital" para a do "Diário de Notícias" onde eu já estava há alguns anos.

Nessa altura, sob a direcção de Mário Mesquita e da sua síntese luminosa – o "Diário de Notícias" é do Estado, não é dos governos –, o jornal praticava um jornalismo explicativo e até personalizado, com uma Redação comprometida com as regras do jogo e códigos de comportamento assumidos. Viviam-se no jornal tempos

novos e exaltantes por padrões de qualidade e de referência internacional, nunca antes alcancados. As épocas do jornalismo de combate de 1975, ou a fase da informação de agência, sem cor, entre 1976 e 1980, pertenciam ao passado. Oscar Mascarenhas chega, pois, ao "Diário de Notícias" a meio de um percurso de profundas alterações do jornal, com o desenvolvimento de seções inovadoras, criação de suplementos, novos espaços e entradas com abordagens mais dinâmicas, a abolicão do formato broadsheet para passagem ao formato tablóide, em 21 de Maio de 1984, e sente-se como peixe na água. Integra-se facilmente na equipa, questiona tudo, participa proativamente nos desígnios do jornal, e chega mesmo a ter a veleidade de influenciar a introdução de procedimentos inovadores no quotidiano do jornal centenário.

Ele trazia a cultura de "A Capital" e a prática em jornalismo desportivo. Quando se deu conta de que, na casa, os jornalistas saíam em reporta-



gem para o estrangeiro e na Redação não ficava nenhum camarada previamente escalado para lhe receber o serviço, editá-lo, e prestar o apoio necessário, Oscar Mascarenhas não descansou enquanto não viu instituído o preceito do "ficado especial", isto é, o jornalista que na Redação fazia equipa com o "enviado especial".

O repórter de grande talento, senhor de prosa espessa a espelhar o elevado nível cultural do autor, ficava irreconhecível nos momentos que antecediam os trabalhos de agenda no estrangeiro. Nessas ocasiões, apoderava-se dele tamanho nervosismo que o deixava sob enorme pressão. Então, só aos mais próximos consentia espaço para pequenas falas, invariavelmente, sobre a circunstância do serviço para que fora escalado. Dir-se-ia ser esta reacção mais condizente com a natureza própria de um estagiário, e, portanto, incompreensível no jornalista experimentado. Mas, não. A fraqueza era, afinal, sintoma da dimensão de jornalista maior que ele era. Oscar Mascarenhas sabia bem que o êxito da missão dependia da preparação e do estudo prévio. Analisava ao pormenor as situa-

106 O REFERENCIAL 107

OSCAR MASCARENHAS (1949-2015)

ções que pudessem deparar-se-lhe, imprevistos com que eventualmente viesse a confrontar-se, os detalhes do programa, o terreno onde iria trabalhar, os perfis das personalidades a contatar. Quando saía em serviço levava tudo estudado. Assim sendo, as suas reportagens só podiam correr bem.

Sem esforço, naturalmente, com o seu modo de ser e estar muito interventivo, rapidamente marcou espaço e se afirmou na Redação do DN como jornalista influente e respeitado. Na Redação e fora dela, ao servico do DN, fez tudo o que um jornalista pode fazer: notícias, crónicas, entrevistas, reportagens, opinião. Editou e foi editado. Cobriu acontecimentos de Política Nacional e Internacional, nomeadamente, visitas de Estado, as primeiras eleições livres na RDA, em 1990, após a queda do Muro de Berlim, e a Guerra no Golfo em 1991; fez Cultura, Sociedade, Desporto (Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984) e emitiu opinião ("Manifestos e Exageros"). Os jornalistas estagiários que acompanhou perceberam nele o mestre tão exigente como estimulante para a compreensão de valores essenciais ao exercício da profissão. A autoridade de Oscar Mascarenhas no exercício do jornalismo extravasou, em muito, a Redação do DN. No Sindicato dos Jornalistas, no Conselho Técnico e Deontológico, na Comissão da Carteira Profissional de Jornalista, no espaço público, Oscar Mascarenhas foi incansável arauto dos princípios éticos e da deontologia profissionais.

Determinado, controverso, lutador, coerente, generoso, defendia até à exaustão os valores em que acreditava, por um jornalismo livre e inde-

pendente. Por vezes, chegava a ser impiedoso com os interlocutores encurralados pela sua retórica. Quando se tratava de pugnar pela ética e pela liberdade cortava a direito, para ele não havia meio-termo. Dele alguém disse que tinha "a volúpia da polémica". Perante ele ninguém ficava indiferente: uns gostavam, outros menos. A contestação e a verve eram nele ditados por um ímpeto interior que só os mais próximos lhe conheciam: o rigor e a exigência que a si próprio impusera.

Em escrutínios no DN e no Sindicato estivemos algumas vezes em lados opostos. Em todas as pelejas nunca quebrámos a ponte da amizade. No conhecimento que tínhamos um do outro fundava-se o respeito mútuo suficiente para entre nós valorizarmos o lado bom da coisa sem ligar aos pecadilhos de ambos. E esse lado bom talvez fosse o caso de ambos desejarmos alcançar os mesmos objetivos, mas por trilhos diferentes. Assim fizemos caminho no DN, durante mais de duas décadas.

Encontrámo-nos, a seguir, na Agência Lusa e aí, em dez anos, sonhámos por uma agência de informação mais dinâmica e mais capaz de dar cumprimento ao desígnio do serviço público que lhe é pedido.

Oscar José Mascarenhas nasceu a 9 de Dezembro de 1949, em Ribandar (Goa). A família veio para Portugal em 1957 e fixou-se em Almada, onde o pai que era médico exerceu a profissão. Oscar estudou no Externato Frei Luís de Sousa (Almada) e no Liceu Gil Vicente (Lisboa), aí concluiu o ensino secundário e conheceu Carlos Cáceres Monteiro, Luís Almeida Martins e João Vaz que se tornariam jornalistas com

quem, anos depois, viria a trabalhar em "A Capital". Antes, porém, frequentou a Faculdade de Direito de Lisboa tendo feito parte de um curso que, entre outros, reuniu Leonor Beleza, Marcelo Rebelo de Sousa, Jorge Braga de Macedo, Alexandre do Nascimento, Vítor Milícias, Carlos Veiga, João Soares, Carlos Cáceres Monteiro, Luís Pinheiro de Almeida, Carlos Fino, António Mega Ferreira e Vítor Dias. Na faculdade fez parte da lista candidata à Associação Académica, sob o lema "Ousar lutar, ousar vencer", liderada por Arnaldo Matos. Não chegou a concluir o curso de Direito porque, entretanto, alistara-se como voluntário na Força Aérea Portugesa, que serviu nos Açores. Cumprido o serviço militar, Oscar Mascarenhas iniciou a carreira de jornalista no verpertino "A Capital", a 2 de Janeiro de 1975, onde se manteve até 1982 transferindo-se então para o "Diário de Notícias". Aqui trabalhou durante mais de vinte anos, e construiu a carreira profissional com o reconhecimento em 1992 de ter sido nomeado redactor-principal. Passou ainda pelo "Jornal do Fundão" correspondendo a um desafio que a Administração do DN lhe fizera para dinamizar aquele prestigiado semanário regional. Desgostoso por considerar não ter sido bem tratado por quem o convidara a exercer aquelas funções, abandona o grupo editorial e muda-se para a Agência Lusa (2003-2009). Antes, porém, a convite da União Europeia, esteve na Eslováquia como consultor para a reformulação das leis de imprensa, no quadro da pré--adesão daquele país. Regressaria ao DN para ser Provedor dos Leitores (2012-2014). Considerava o jornalismo como "a profissão mais

bela e apaixonante do mundo" e na última crónica de Provedor dos Leitores do DN deixou escrito o seu entendimento sobre o jornalismo, não um poder mas um serviço.

Oscar Mascarenhas era um cidadão empenhado. Por uma vez na vida militou num partido político, o Movimento de Esquerda Socialista (M.E.S.), colaborou no jornal "Poder Popular" e pertenceu à Redação do "Página Um", apoiante da candadatura presidencial de Otelo Saraiva de Carvalho. Depois, o empenhamento cívico exercê-lo-ia, sempre, na órbita da actividade jornalística militando activamente nas tarefas do Sindicato dos Jornalistas de que foi dirigente durante várias décadas, além de, em oito anos, ter assumido a presidência do Conselho Deontológico e de integrar a Comissão da Carteira Profissional.

Enfileirou o grupo de jornalistas que frequentaram o curso de pós-graduação Extensão Universitária em Jornalismo, no ISCTE Instituto Universitário de Lisboa (1999-2000), proposto por Diana Andriga, então presidente do Sindicato dos Jornalistas, para possibilitar aos profissionais de comunicação social, com mais de dez anos de exercício e tendo frequentado a Universidade, que tivessem acesso a mestrado académico. Em Julho de 2000, Oscar Mascrarenhas apresentou o trabalho final "O Poder Cooporativo contra a Informação" que mereceu uma das melhores notas do curso. Nove anos depois (Julho de 2009) concluiu o mestrado com a tese "O Detetive Historiador, o Jornalismo de Investigação e a sua Ética", avaliada pela Universidade com distinção e louvor.

De caminho foi formador no Centro Proto-

OSCAR MASCARENHAS (1949-2015)

colar de Formação Profissional de Jornalistas (CENJOR); docente da Escola Superior de Comunicação Social, em Lisboa, onde leccionou as cadeiras de Ética e de Metodologias de Investigação Aplicadas à Comunicação; tradutor de vasta bibliografia editada, e publicou dois livros: "O Poder Corporativo Contra a Informação" (2001, Minerva Coimbra) e "Nuvem de Chumbo – O Processo Casa Pia na Imprensa" (com Nuno Ivo, 2003, Dom Quixote). Deixou finalizados para serem publicados a dissertação de mestrado "O Detective Historiador, O Jornalismo de Investigação e a sua Ética" (Editora Âncora) e "Como diz fulano", um livro de citações, (Editora Marcador).

O Clube Português de Imprensa distinguiu-o com o Prémio Reportagem (1985) e o Prémio Viagem (1986).

O manto da altivez que fazia gala em exibir e revelava um ego sem limites, escondia uma enorme generosidade conjugada no culto da amizade. Arrisco mesmo a dizer que os mais próximos, aqueles a quem abriu a sua intimidade, só esses e apenas esses puderem conhecer realmente Oscar Mascarenhas.

Tive o privilégio de o descobrir levado por sua mão a frequentar uma tertúlia que ele prezava como família. Tratava-se de um grupo de operários de Almada, trabalhadores da Lisnave e do Porto de Lisboa que conhecera nos tempos da adolescência e juventude em acções do reviralho. Calejados pela luta da clandestinidade, alguns deles, já então com longos anos de militância no Partido Comunista Português, achavam graça ao miúdo pequeno-burguês que não se

importava de enturmar com o operariado e via nessa relação boas razões de "afirmação contra o fascismo". Desse tempo, independentemente das posições político-idiológicas de cada um, ficou uma amizade para a vida. Com regularidade, reuniam-se numa casa pegada com o Monumento de Cristo Rei e ali confraternizavam em refeições confecionadas por mãos calajadas pela indústria naval e pela estiva. Entre outros, pontificavam o José Goncalves (o patriarca) e seus irmãos Viriato e Agostinho; o Orlando, o Laranjeira, o José Júlio e o João Paiva. Mesmo em ocasiões excecionais quando às respectivas mulheres era concedido o privilégio de admissão ao convívio, apenas os homens cozinhavam e faziam tudo, como se tratasse de uma liturgia de louvor a velhas cumplicidades e a uma solidariedade indisível que, periodicamente, se renovavam e actualizavam na conjugação da fraternidade. Eram esses momentos aproveitados para discussão política, jogo de cartas, e pelas picardias de Oscar que não se coibia de mandar vir contra o "revisionismo" dos amigos que tudo aceitavam e perdoavam ao "seu menino" pequeno-burguês. Oscar Mascarenhas retribuiu sempre, até ao fim da vida, com a amizade genuína por amigos tão queridos a quem tudo oferecia e chamava "Fidalgos de Almada". O culto da amizade era para Oscar Mascarenhas um gesto permanente de grande despojamento e fidalgia.

Pensava reformar-se no próximo dia 9 de Dezembro, quando completasse 66 anos, e nessa altura cessar a situação de pré-reforma da Agência Lusa. Casado com a jornalista Natal Vaz com quem teve uma filha, Carolina, foi com estas duas mulheres da sua vida que Oscar Mascarenhas viveu os instantes derradeiros.

Levantara-se cedo, na manhã de 6 de Maio, porque ficara de enviar uma proposta de nomes para figurarem na galeria de jornalistas imortais a criar no futuro Museu das Notícias, em Sintra, por iniciativa de Luís Paixão Martins e que iria discutir, no almoco desse dia, com o promotor e Adelino Gomes e Alexandre Manuel. O almoço ficaria adiado eternamente. Mas o e-mail seguiu, às 07H44, com os nomes: Adolfo Simões Müller – jornalismo didático; António Paulouro - jornalismo regional; Artur Agostinho; Augusto de Castro - direcção e editorialismo: Camilo Castelo Branco - folhetinismo; Cândido de Oliveira - jornalismo desportivo; Carlos Pinhão; Carlos Pinto Coelho - jornalismo cultural televisivo; Eça de Queiroz - crónica de viagem; Eduardo Coelho pioneiro do noticiarismo e novas tecnologias; Fernando Assis Pacheco: Fernando Pessa jornalismo radiofónico e televisivo; Fialho de Almeida – jornalismo de crítica de costumes; Joshua Benoliel – fotografia; Leitão de Barros - jornalismo da nota do dia, "Os Corvos"; Manuel António Pina; Maria Lamas – jornalismo no feminino; Mário Castrim – jornalismo para jovens e pioneiro da crítica de televisão; Mons. Moreira das Neves – jornalismo religioso; Norberto de Araújo – olisipógrafo; Norberto Lopes - repórter de guerra e entrevistador; Rafael Bordalo Pinheiro – caricaturista; Ramalho Ortigão - polemista; Raul Proença - fundador da

"Seara Nova" e criador do "Guia de Portugal"; Raul Rego – jornalismo oposicionista; Reynaldo Ferreira – "Repórter X"; Roby Amorim – jornalismo enciclopédico; Rodrigues Sampaio – jornalismo político; Sousa Veloso – jornalismo televisivo de divulgação da agricultura; Stuart Carvalhais – cartoon; Vera Lagoa, Vítor Direito – jornalismo popular.

Cumprido o expediente matinal, Oscar Mascarenhas sentiu-se indisposto, foi chamado o INEM e assistido em casa. Como persistissem os sintomas decidiram conduzi-lo ao hospital para exames complementares. Pelo seu pé desceu até à ambulância. Já no interior da viatura sofreu um ataque cardíaco fulminante que lhe provocou uma paragem cardiorrespiratória e morreu.

O funeral realizou-se, dia 7 de Maio de 2015, para o cemitério do Alto de S. João, onde se procedeu à cremação.

A Assembleia da República, em plenário de 8 de maio de 2015, aprovou por unanimidade um voto de pesar pela morte de Oscar Mascarenhas, apresentado pelas bancadas parlamentares do PS, PCP e PEV.

Oscar José Mascarenhas era associado da A25A desde 2001. com o número 3120.

Agnóstico confesso tinha-se como respeitador da crença alheia que recusava discutir. Considerava a amizade como "coisa que é santa", e a liberdade "por essoutra que é divina". Termino, pois, com a afirmação que o Oscar gostava muito e não se cansava de proclamar: Viva a liberdade!

EFEMÉRIDE

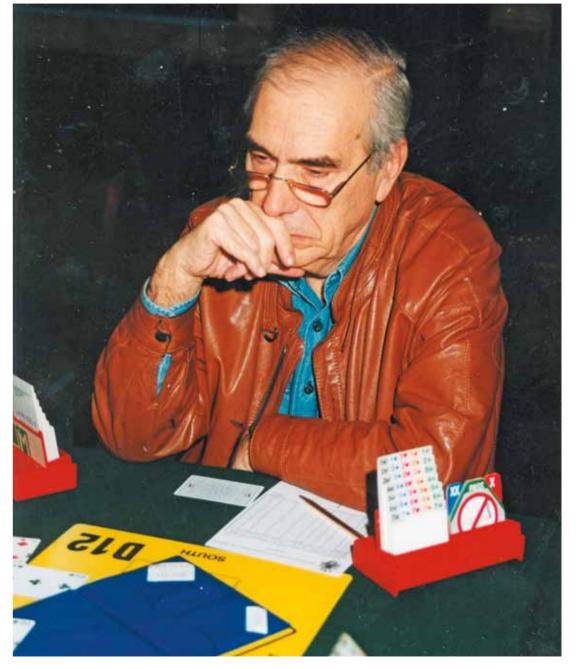
25 anos a ensinar Bridge NÚMERO

JOSÉ ANTÓNIO SANTOS

Luís Galvão assina a coluna "Bridge" em "O Referencial" há 25 anos consecutivos, perfazendo nesta edição a sua colaboração número 100. Trata-se de um exemplo de dedicação a todos os títulos notável, sem precedentes na nossa revista e um caso raro no panorama da colaboração editorial em publicações de especialidade. Tanto mais que a entrega de Luís Galvão em prol da divulgação do Bridge em "O Referencial" acontece, número após número, ao longo de duas décadas e meia, sem que o autor alguma vez se tenha repetido em qualquer texto. Temos, portanto, a singularidade de uma colaboração constante, sem desfalecimentos, perseverante e sempre inovadora.

Foi no n.º 10 de "O Referencial", relativo ao período de setembro de 1987 a Março de 1988,

quando o Boletim da A25A cumpria o quarto ano de edição, que Luís Galvão surgiu, na página 10, com o desafio: "Vamos aprender Bridge". Ao expor as razões da iniciativa, Luís Galvão apontou virtualidades da prática do jogo: "desenvolve o raciocínio lógico e também a capacidade de análise e de decisão, o que o leva a ser adotado como matéria curricular em várias universidades europeias e norte-amereicanas". Não obstante reconheceu "que, numa percentagem elevada os que se sentam à roda de uma mesa nunca leram uma linha sobre qualquer sistema de jogo, justificando com apelos à sua 'intuição' o seu desconhecimento das regras e conceitos na matéria". Estavam encontrados os fundamentos para a cruzada de Luís Galvão nas páginas da nossa revista.



112 O REFERENCIAL 113

EFEMÉRIDE

Luís Galvão nasceu em Olhão, corria o ano de 1938. Frequentou o liceu em Faro, a Faculdade de Ciências de Lisboa e a Academia Militar onde concluiu o Curso de Artilharia.

O interesse pelo Bridge surgiu de forma despreocupada, pouco antes de ser mobilizado para Angola, em 1969. Percebeu então que o jogo requeria uma aprendizagem teórica, "porque a sua complexidade não pactuava com a ligeireza de processos na sua prática". A partir de então não mais parou de estudar e aprofundar a teoria do jogo. Arranjou parceiros — Vasco Lourenço e Azevedo Paulo — e com eles formou pares tendo obtido "alguns resultados de apreço nas competições oficiais".

O prazer pelo Bridge levou-o a contribuir ativamente para o progresso da modalidade através da participação na direção federativa presidida por Francisco Sousa Tavares (1976/1979) e a presidir à mesa da Assembleia Geral da Associação Regional do Bridge de Lisboa, desde 2004. Promoveu também a formação, ajudando a formar praticantes, nomeadamente, em cursos ministrados na Academia Militar, na Escola Superior de Polícia e na A25A.

Não se estranhe, assim, que Luís Galvão conheça praticamente todos os jogadores portugueses de Bridge federados que, em Portugal, ascendem a cerca de dois mil, a maior parte, todos da sua geração.

Luís Galvão fala de Bridge com paixão e racionalidade. O rosto iluminou-se quando me recordou uma descoberta sua, há anos, na Holanda. "O Sindicato de Estivadores do Porto de Amesterdão dispõe de uma secção de Bridge".

Discorre a seguir sobre estudos de universidades onde se reconhecem as virtualidades da prática do Bridge como meio de prevenção do envelhecimento precoce e de patologias do foro neurológico, e lamenta que a prática da modalidade seja algumas vezes encarada como elitista. Elitista porquê? Luís Galvão contraria que assim seja e explica: o Bridge é uma modalidade onde todos os praticantes estão em igualdade de circunstâncias, todos têm o mesmo jogo. Exercita a mente humana, estimula o desenvolvimento do raciocínio lógico e a prática da sensatez por parte dos jogadores que nele são chamados a avaliar: as circunstâncias próprias, o jogo que têm; e a força dos aversários, o jogo que possam realizar; para, enfim, decidirem em conformidade. Ora, esta realidade, segundo Luís Galvão, resulta de um decalque da doutrina militar no que se refere a um qualquer plano de operações. Aí o chefe militar - para decidir – tem de fazer um estudo de operações e informação, sendo essencial a análise da sua própria situação e informação dos meios e recursos de que dispõe, e, por outro lado, conhecer o inimigo e as suas capacidades. Resulta daí o potencial relativo de combate, ou seja, o conhecimento das possibilidades resultantes do confronto. Luís Galvão passa de novo à sua modalidade de eleição e conclui: "No Bridge este estudo é obrigatório fazer e fazê-lo bem feito: em cada mão tenho de elencar o que sei sobre o jogo dos meus adeversários e cotejá-lo com a linha pessoal". A resolução da equação por parte de cada jogador espelhará a sua conduta. A similitude entre a doutrina militar e a filoso-



fia de jogo do Bridge aconselharia, no entender de Luís Galvão, a inclusão do estudo da modalidade nos currículos da Academia Militar. Por respeito e delicadeza, observa, nunca permitiu que alguém pudesse dizer que ele próprio desejava impor o Bridge na Academia Militar, mas lamenta que os chefes militares não tenham intuído ou percebido essa necessidade. Questiono Luís Galvão sobre o conteúdo dos cem textos divulgados em "O Referencial" nos últimos 25 anos. "O que está publicado já per-

correu todas as áreas do jogo"afirma, e precisa: "sistema de marcação; carteio; sinalização; ataque de flanco". Então, arrisco a pergunta derradeira: Vai coontinuar a escrever? "Isto dá para nunca mais parar. Podia durar mais 50 anos e não parava. A doutrina evoluiu: quando alguém descobre uma teoria, a testa e implementa, acontece a devolução. É o que está sempre a acontecer com os contributos dos estudiosos do Bridge".

LUIS GALVÃO

BRIDGE - 100

Não nos cansamos de referir que a génese da maioria das Convenções existentes aparece com a detecção de pontos fracos nos sistemas de marcação, em que estes respondem mal (ou nem respondem!) em determinadas situações. Vejamos um exemplo dum escolho no leilão que pode surgir com alguma frequência.

Suponhamos que, como respondente, detém a mão:

e que vê o seu parceiro abrir o leilão em 1♥. É evidente que responde 1♠ a que o abridor rebida com 2♠.

O leilão evoluiu de forma que o trouxe ao que podemos definir como buraco negro. Senão vejamos:

- Tem uma mão que, com a abertura do parceiro, tem força para a partida;
- Não deve marcar 3♠ porque estaria a indicar a existência de 6 cartas no naipe e, sobretudo, porque a voz não é forcing por indicar a posse de 11/12PH;
- Não deve marcar 3ST porque não tem defesa a ♣ e não tem qualquer garantia de que o parceiro a possua;
- Não parece correcto marcar a partida em 4♥, apenas com 2 cartas vis;
- Não deve apoiar os ♦ (em salto?) apenas com 3 cartas, apesar de ter 2 grandes figuras no naipe.

Perante este cenário, como poderá o infeliz respondente ultrapassar o Rubicão, arranjando forma para resolver o "trilema"?

Foi a legítima tentativa de encontrar solução para este tipo de dificuldade que levou à criação dum leilão artificial conhecido, entre os praticantes, como o "4.º NAIPE FORCING"

1. CONVENÇÕES

1.2.4 – O 4.° NAIPE FORCING

Esta Convenção, que começou por denominar-se como "4.º NAIPE ARTIFICIAL" é hoje conhecida em toda a parte como "4.º NAIPE FORCING" e foi uma criação do jogador inglês NORMAN SQUIRE (1907-1991).

A – COMO SE DESENCADEIA

Quem incluir esta Convenção no sistema que utiliza sabe que a indicação que foi transmitida, alertando para que a utilização da marcação artificial tinha sido desencadeada, se materializou com o anúncio pelo respondente do último naipe ainda não anunciado, até ao momento.

A "voz" de 2♦ é o anúncio de que fora desencadeada a utilização do "4.º NAIPE FORCING".

Mas esta regra tem uma excepção que convém ter presente. É de que essa forma artificial de leiloar não acontecer se feita ao nível 1.

No leilão supra o anúncio de 1♠ não pode ser confundido com o "4.º NAIPE FORCING", porque foi feito ao nível 1 do leilão, devendo antes ser entendido como uma voz perfeitamente natural.

Se o jogador pretende desencadear, com o leilão anterior, o "4.º NAIPE FORCING" deverá marcar:

A voz de 2♠ é perfeitamente artificial e materializa o desencadear da Convenção.

B – QUANDO UTILIZAR O 4.º NAIPE

Quando ponderar desencadear o "4.º NAIPE FORCING" tenha em conta que a sua mão dever ter uma FORÇA mínima de 12PH. É com isso que o abridor contará quando a Convenção for utilizada.

Há, no entanto, situações características que aconselham o recurso ao 4.º Naipe.

Uma das mais vulgares acontece quando o respondente tem uma mão balançada, vocacionada para a marcação dum contrato em ST, mas com o senão de não possuir qualquer defesa no naipe não falado.

É evidente que, com esta mão, o respondente está mais do que interessado em jogar partida. O problema é como saber se o abridor terá defesa a ♣, pois só assim a marcação de 3STpoderia ser equacionada.

A utilização do "4.º NAIPE FORCING", com a marcação de 3♣ esclarece a ambiguidade, dado que o parceiro ao definir a sua abertura, terá como prioridade informar se possui ou não defesa a ♣, marcando 3ST no caso afirmativo. Outra situação típica, que recomenda a utilização desta Convenção, aparece quando o respondente não sabe bem qual a partida que deve marcar.

Com esta mão e com o leilão produzido S poderá ser tentado em marcar 3ST. No entanto, no caso abridor deter 3 cartas em ♠, o contrato de 4♠ poderá ser muito mais consistente. A utilização do "4.º NAIPE FORCING" irá permitir-lhe esclarecer a nebulosa situação.

A Convenção em análise é também de grande utilidade sempre que o respondente identifique uma hipótese de chelem e pretenda ganhar espaço de marcação com a garantia de que o parceiro não poderá passar antes de atingida a partida.

C – O QUE DEVE FAZER O ABRIDOR APÓS O ANÚNCIO DO 4.º NAIPE

A resposta a esta questão é duma simplicidade espartana. Só tem de descrever e clarificar a mão que detém, tendo como primeira prioridade a preocupação de mostrar, *ou não*, apoio retardado no naipe do respondente.

Como segunda prioridade terá que clarificar se tem, *ou não*, defesa no 4.º naipe. Se tiver terá que rebidar em ST. Se a sua mão não satisfizer a nenhuma destas premissas procure fazer a anúncio que melhor descreva a mão que possui, tendo sempre em atenção que a utilização desta Convenção impõe que o leilão se mantenha aberto até à marcação da partida.

Até ao próximo número.

Precursores de um outro tempo

"MANDEM-NOS ALGUMA da vossa força, da vossa determinação, do vosso saber, que nos ajude a nós, enquanto cá estivermos e não formos ao vosso encontro, a recriar Abril! Uma garantia vos damos: também por vocês, nós não desistimos!". Com estas palavras se dirigiu Vasco Lourenço, presidente da Direcção da A25A, à memória das personalidades a quem fora conferida a dignidade de Sócio de Honra (ver quadro na página 119), no decorrer da cerimónia solene de entrega dos respectivos diplomas aos seus familiares e representantes, realizada, dia 24 de Junho de 2015, na sede da A25A. (Ver discurso na página 123).

As instituições perduram no tempo na razão directamente proporcional à capacidade das organizações em se constituirem estruturadamente e de se desenvolverem escouradas na sã expectativa daqueles que as servem. Os rituais celebrativos das comunidades como elementos congregadores favorecem a cultura da organização e tornam-se indispensável arrimo ao desenvolvimento e sustentabilidade da sabedoria das instituições por gerações sucessivas em que se revêm e prolongam. Quando instituições – dos Estados à pequena empresa, grupo ou associação cívica e cultural – homenageiam os seus melhores não prestam apenas um acto de justiça aos que distinguem mas fa-

zem igualmente bem a si próprias por que esse gesto tem o alcance de prolongar as próprias instituições na história do tempo.

Há muito que a A25A desejava promover um ritual celebrativo onde tornasse presentes os que entre os seus melhores já honrara em assembleias-gerais e lhes conferira a dignidade de Sócios de Honra. Não se tratava portanto apenas de dar cumprimento a um preceito estatutário mas o de traduzir nesse gesto afirmação plena da Associação 25 de Abril de reconhecimento aos melhores dos seus associados que, pelo testemunho e exemplo da sua vida, se tornaram artífices construtores da instituição que uns continuam e eles projectaram no tempo e na história.

Dezenas de familiares e amigos dos celebrados Sócios de Honra participaram num almoço de confraternização no restaurante da sede, seguindo-se depois a sessão solene dirigida por Vasco Lourenço, presidente da Direcção que se encontrava ladeado por Garcia dos Santos, presidente da Mesa da Assembleia-Geral, Martins Guerreiro, presidente do Conselho Fiscal, e por Aprígio Ramalho, vice-presidente da Direcção. Após Vasco Lourenço ter usado da palavra, procedeu-se à distribuição individual dos diplomas aos familiares e representantes dos homenageados. Cerimónia emotiva, carregada de





Aprígio Ramalho, vice-presidente da Direcção; Garcia dos Santos, presidente da Mesa da Assembleia Geral; Vasco Lourenço, presidente da Direcção; e Martins Guerreiro, presidente do Conselho Fiscal

recordações e muitas memórias, onde todos se lembravam de todos, sendo que os breves momentos da evocação de um só nome, na mente de familiares, significavam anos de uma vida, partilha, cumplicidade, amor.

Sentimentos que todos se esforçaram por exprimir com a simplicidade dos afectos.

Maria Madalena Nunes, filha de Alcides José Sacramento Marques, disse que "o legado foi muito grande". António Luís, filho de António Alva Rosa Coutinho, reconhecido, agradeceu a homenagem a seu pai. O mesmo gesto teve-o Luísa Marques Júnior, viúva de António Alves Marques Júnior: "quero agradecer a todos, estamos juntos, e toda a família está muito

reconhecida". Maria Alice Valente, viúva de Augusto José Monteiro Valente, visivelmente emocionada disse ter chegado a escrever um texto mas por o achar tão pessoal entendia não o dever ler. Agradeceu a homenagem ao marido. Depois, já no fim da cerimónia, partilhou o texto com "O Referencial" onde fala do privilégio de um vida de 38 anos plena de gratidão de um pai e um marido. Do exemplo que dele aprendeu quando afirmava que "o prazer de fazer o bem, é maior que recebê-lo". Do desgosto que sentia perante cabotinos, corruptos e oportunistas a quem atribuía a causa da enfermidade do Regime. Do modo como recordava a sua participação no 25 de Abril – "um tributo



que a inteligência prestou à liberdade". Margarida Fabião, viúva de Carlos Alberto Idães Soares Fabião, quis enviar um abraço a todos os presentes, gratificando-se pelo facto de ali se encontrar e de reconhecer que "o diploma é bonito". Graciete Camilo, viúva de Carlos Manuel Costa Lopes Camilo, dirigiu o seu "obrigado a todos para toda a vida" e Joana Melo Antunes, filha de Ernesto Augusto Melo Antunes, disse viver a "cerimónia com muita emoção". Fernando Valle, neto de Fernando Baeta Cardoso do Valle, sublinhou a "importância de manter viva a memória dos homenageados porque é imperioso continuar o seu exemplo", e Natércia Maia, viúva de Fernando José Salgueiro

Maia, instou "a A25A a prosseguir o empenhamento para que os valores de Abril sejam prática do dia-a-dia". Carlos Augusto Costa Carvalho, primo de Francisco da Costa Gomes, felicitou a A25A pela iniciativa: "Se o meu primo estivesse aqui ele nos exortaria a prosseguir a luta". Cristina Villalobos, viúva de José Luís Villalobos Filipe, agradeceu emocionada a distinção conferida ao marido. Zélia Afonso, viúva de José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos, fez questão de recordar que o Zeca era antimilitarista, mas de dizer também da alegria sentida por receber o diploma das mãos de quem não representa o espírito militarista; concluiu com um apelo: "precisamos de lutar outra vez".

DISCURSO DO PRESIDENTE DA A25A

Gratidão aos nossos heróis

Estatutariamente, a A25A pode atribuir a qualidade de Sócio de Honra a pessoas singulares ou colectivas, nacionais ou estrangeiras, que se identifiquem com os princípios e fins da A25A, ou, ainda, que tenham prestado serviços muito relevantes à mesma.

Até hoje, a A25A não tem sido nada pródiga. Pelo contrário, tem utilizado com enorme parcimónia essa competência e, durante os seus 33 anos de vida apenas atribuiu a qualidade de Sócio de Honra a 21 personalidades, a partir de 1988.

Com uma característica: são todas pessoas singulares e portuguesas.

Não concordando com o facto muito natural nas sociedades, em que só se dá importância ao que alguém faz, depois da morte desse alguém, acontece que todos os Sócios de Honra da A25A já deixaram o mundo dos vivos, já nos abandonaram fisicamente, já terão passado ao Oriente Eterno, como alguns dizem.

Isto, porque mesmo os que receberam essa distinção enquanto vivos também já não estão fisicamente entre nós.

Refiro-me a dois cidadãos de Abril, que não a dois militares de Abril, o Emídio Guerreiro e o Fernando Valle, que foram por nós distinguidos em vida, porque tinham ultrapassado os 100 anos. Só essa condição, para além das razões da atribuição do galardão, como é evidente, nos levou então a uma excepção.

Fica assim realçada a enorme consideração que a A25A tem para com as personalidades a quem atribuiu a qualidade de Sócio de Honra. Militares de Abril, antes, durante e após o 25 de Abril, cidadãos de Abril, que na sua actividade cívica defenderam os valores da Revolução dos Cravos, constituem um conjunto com tão elevada qualidade que nos enche de enorme orgulho, pois, como costumo dizer, é a A25A que se enobrece quando tem na sua galeria de Sócios de Honra as personalidades que hoje aqui evocamos e homenageamos (lamentavelmente, desse grupo apenas faz parte uma mulher). Fazemo-lo hoje, porquê?

Apenas e só, porque vale mais tarde que nunca! É nossa obrigação estatutária entregar ao agra-

Mário Pinto, neto de Mário Alfredo Brandão Rodrigues dos Santos, agradeceu a "cerimónia bonita que preserva os valores de Abril". Teresa Alves, viúva de Vítor Manuel Rodrigues Alves exclamou: "o Vítor ficaria muito comovido, ele vos tinha a todos no seu coração". Teresa Barata Salgueiro, viúva de Vítor Manuel Trigueiros Crespo, desejou que "a A25A continue a preservar a memória dos valores de Abril que precisam urgentemente de ser recuperados".

Em virtude de não poderem ter sido atempadamente contactados, por impossibilidade de comparência de alguns familiares ou seus representantes, ficaram por entregar os diplomas atribuídos a Emídio Guerreiro, João Sarmente Pimentel, Maria de Lurdes Pintasilgo, Mário Almeida Lebre, Nuno Fisher Lopes Pires e Vasco Gonçalves. Oportunamente, a Direcção da A25A encarregar-se-á de os fazer chegar aos destinatários.

A concluir a cerimónia Vasco Lourenço recordou que estatutariamente a atribuição da dignidade de sócio de honra é conferida pela Assembleia-Geral sob proposta da Direcção ou fundamentada por cinquenta associados e disse que os vinte e um Sócios de Honra da A25A foram todos propostos pela Direcção e todos aprovados em assembleia-geral por unanimidade e aclamação.

No final da sessão sentia-se nos olhares húmidos a consciência e a paz de quem celebra a memória, honra o passado e sabe construir o futuro. Por acaso, mas feliz coincidência, tudo se passou em dia de São João. E tal como o profeta do rio Jordão, também os nossos vinte e um Sócios de Honra foram vozes lúcidas e incómodas, precursores de um outro tempo, a traçar caminhos novos e horizontes futuros. De esperança num amanhã de Abril.

J.A.S.





ciado, ou à sua família, um diploma com a atribuição do galardão.

Nunca o fizemos. Estamos em falta.

Por isso, decidimos organizar uma cerimónia em que o fizéssemos. A data não foi escolhida, calhou ser no dia 24 de Junho de 2015.

Ficaremos mais descansados, mais libertos, porque colmatámos uma falha nas nossas obrigações.

Muito naturalmente, queremos agradecer a todos os familiares dos nossos "heróis", dos nossos Sócios de honra, a aceitação do convite para aqui comparecerem.

Sem vocês, todas e todos, esta cerimónia não teria sido possível.

Sabemos que é sempre complicado reviver emoções, fazer evocações dos entes que nos são queridos.

Como é por boas razões, estamos certos de que nos relevam esta atitude.

Ela e eles estão connosco, queremos recordálos sempre com saudade, mas com enorme consideração e amizade.

Fui amigo pessoal de todos eles (mesmo de Sarmento Pimentel, com quem convivi menos) e tenho neste grupo alguns dos meus melhores

e maiores amigos de sempre. Compreendem, portanto, a enorme honra e a grande emoção com que estou a presidir a esta sessão.

Minha querida amiga e meus queridos amigos Sócios de Honra, lá onde estiverem, daqui vos digo, acreditem que nos fazem falta, para ajudar nesta luta sem tréguas, contra os inimigos de Abril, pela recuperação dos valores que há mais de 41 anos nos levaram a envolver na maravilhosa aventura de libertar Portugal, de construir uma sociedade livre, justa, igual, fraterna e em paz.

Por isso, porque sei que não nos abandonaram, vos peço: mandem-nos alguma da vossa força, da vossa determinação, do vosso saber, que nos ajude a nós, enquanto cá estivermos e não formos ao vosso encontro, a recriar Abril! Uma garantia vos damos: também por vocês, nós não desistimos!

Um grande abraço para todos os aqui presentes, seja fisicamente, seja em espírito.

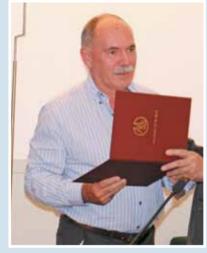
Até sempre! Viva o 25 de Abril!

Viva Portugal!

Vasco Lourenço



Maria Madalena Nunes, filha de Alcides José Sacramento Marques



António Luís, filho de António Alva Rosa Coutinho



Luísa Marques Júnior, viúva de António Alves Marques Júnior



Maria Alice Valente, viúva de Augusto José Monteiro Valente



Margarida Fabião, viúva de Carlos Alberto Idães Soares Fabião



Joana Melo Antunes, filha de Ernesto Augusto Melo Antunes



Graciete Camilo, viúva de Carlos Manuel Costa Lopes Camilo



Fernando Valle, neto de Fernando Baeta Cardoso do Valle



Natércia Maia, viúva de Fernando José Salgueiro Maia



Zélia Afonso, viúva de José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos



Carlos Augusto Costa Carvalho, primo de Francisco da Costa Gomes



Mário Pinto, neto de Mário alfredo Brandão Rodrigues dos Santos



Teresa Alves, viúva de Vítor Manuel Rodrigues Alves



Teresa Barata Salgueiro, viúva de Vítor Manuel Trigueiros Crespo



COMUNICADO

Em 2012, 2013 e 2014 a Associação 25 de Abril decidiu não aceitar o convite para assistir à sessão solene comemorativa do 25 de Abril na Assembleia da República.

Nessas ocasiões, a A25A difundiu as razões que a levaram a essa atitude e que se prenderam com os crescentes e continuados desvios às esperanças e valores de Abril.

Neste ano de 2015, porque essas razões se acentuaram, porque vivemos numa situação onde o próprio Presidente da República não cumpre, em nosso entender, a sua função constitucional de garante do regular funcionamento das instituições, volta a Associação 25 de Abril a declinar o convite para marcar presença na sessão solene da Assembleia da República comemorativa dos 41 anos da Revolução dos Cravos.

Porque não renegamos a nossa responsabilidade na construção de um Estado Democrático e de Direito em Portugal, mantemos pela instituição Assembleia da República, a "Casa da Democracia", uma grande consideração.

É essa consideração pelo mais genuíno representante do Povo Português que, independentemente de posições muito críticas face à forma como cumpre o preceito constitucional de fiscalizar a acção do Governo, que nos leva a aceitar o convite e a colaborar com a Assembleia da República, em actividades evocativas do 25 de Abril e das eleições para a Assembleia Constituinte realizadas há 40 anos.

Reafirmando a nossa postura, de continuarmos a acreditar na Democracia, de continuarmos a considerar que os problemas da Democracia só se resolvem com mais Democracia, voltamos a esclarecer que, com esta nossa atitude, não pretendemos colocar em causa as instituições de soberania democrática, não queremos confundi-las com os que são seus titulares e exercem o poder. Fazemos votos para que em 2016 estejam criadas condições que nos permitam voltar a aceitar o convite para estarmos presentes na sessão solene da Assembleia da República, comemorativa dos 42 anos do 25 de Abril.

Até lá, apelamos aos Portugueses para que lutem e exerçam todo o esforço, na recuperação dos valores que há 41 anos nos levaram a arrancar para uma acção libertadora, de que muito nos orgulhamos.

Lisboa, 16 de Abril de 2015

A Direcção

ASSEMBLEIA GERAL DA DELEGAÇÃO NORTE DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL

NO PASSADO DIA 21 de Março, teve lugar a Assembleia Geral da Delegação Norte da Associação 25 de Abril, com início pelas dez horas e trinta na sede da Delegação, presidida pelo capitão-de-fragata Engº Naval Abel Joaquim Tavares. Depois de guardado um minuto de silêncio pelos sócios falecidos durante o último ano, prosseguiu-se com o cumprimento da ordem de trabalhos. Foi lido e aprovado o Relatório de Actividades respeitante ao ano de 2014 e a este propósito foram trocadas algumas impressões pelos, infelizmente poucos, associados presentes.

O Cor. Ribeiro da Silva chamou particular atenção para as conclusões que disse serem, de sua parte muito "azedas", mas que traduziam o seu modo de ver a actual situação em que os valores de carácter e ética se esquecem e, não descortinando como sair desta dituação, temos que nos sentir frustrados.

No geral, as conclusões foram consideradas de certo modo demasiado radicais, pois que importa ser feita uma análise do futuro um pouco mais abrangente. A visão apresentada foi considerada demasiado restritiva. Reflecte, sem dúvida, uma falta de participação que é incontornável, até pela fraca presença dos nossos associados, mas a conclusão terá sempre que ser a de que não é permitido desanimar.

Temos de facto de refletir sobre o futuro. Procurar saber o que move a nova geração e o que pensa do que se passa à sua volta.

O poder político é nesta altura dominado pelos descendentes daqueles que passaram pela descolonização. Têm um sentimento de revolta e sentem-se como vítimas, tendo consciência de um futuro difícil e culpando a geração anterior que a isto, segundo eles, os levou.

Importa, da nossa parte, encontrar modo de lhes dar conhecimento das situações reais passadas, que vivemos.

O Congresso da Cidadania passou de um modo geral despercebido da comunicação social.

Todos os males, tudo quanto se discute e parece ter interesse é a falta de dinheiro. Será que nos tornamos preconceituosos não elegendo como valores fundamentais a ética e o carácter, não apostando na dignidade de todos os cidadãos?

Estas foram algumas das reflexões que animaram a reunião e que terminou com os cumprimentos do presidente aos resistentes.

NÚCLEO DE OEIRAS E CASCAIS

DE ENTRE AS ACTIVIDADES que o núcleo de Oeiras e Cascais da A25A tem levado a cabo, nos últimos dois anos, destacam-se as palestras em escolas dos concelhos de Oeiras, Cascais e Amadora, efetuadas por alguns dos seus membros. Os temas focados relacionam-se com o 25 de Abril de 1974, os quais fazem parte dos *curricula* dos 6.º, 9.º e 12.º anos, da disciplina de História, da unidade didáctica de História Contemporânea. As palestras tiveram, normalmente, a duração de um bloco, ou seja, de noventa minutos, e a que as-

No ano de 2014 foram percorridas dezassete escolas nos concelhos atrás focados, tendo havido contacto, com 104 professores e 1.465 alunos.

sistem uma ou duas turmas, sempre acompanha-

das dos respetivos professores e, frequentemente,

dos próprios directores dos Agrupamentos.

Em 2015, houve um incremento do número de escolas para vinte, de professores para 125 e de alunos para 1.723.

Verifica-se, assim, que uma vasta população de professores e de alunos dos três concelhos têm assistido às referidas palestras, contribuindo para manter vivo o espírito do 25 de Abril, nas

camadas mais jovens, as quais têm a oportunidade de discutir a problemática da revolução de Abril, os seus antecedentes e desenvolvimentos posteriores, desde a 2.ª Guerra Mundial até à actualidade, para além de terem um contacto mais próximo com alguns dos intervenientes directos na Revolução de Abril, facto que os alunos muito apreciam, e que lhes proporciona uma interessante memória futura.

Recentemente, criámos no Facebook a página "A25A Oeiras e Cascais" (www.facebook.com/a25aoeirascascais), para melhorar a ligação do núcleo de Oeiras e Cascais da A25A com as pessoas e organizações interessadas na nossa actividade. Para o próximo ano lectivo, está planeado fazer diligências, com diferentes entidades educativas/escolas no sentido de expandir o impacto positivo destas ações, através da sua emissão online, em simultâneo ou em diferido, envolvendo, assim, um maior número de professores e alunos, quer em Portugal, quer no estrangeiro. Seria interessante que membros da A25A a viverem noutros concelhos pudessem replicar esta iniciativa, de forma alargada, a outras escolas do País.



MEDALHA DE HONRA DA JUNTA DE FREGUESIA DO LUMIAR

A Junta de Freguesia do Lumiar atribuiu a Medalha de Honra da Freguesia à A25A, por ocasião das celebrações do 794.º aniversário daquela subdivisão municipal de Lisboa. A entrega da distinção decorreu em sessão própria, no dia 18 de Abril de 2015, e foi recebida por Nuno Santos Silva. secretário da A25A.



COMANDANTE PEDRO PIRES NA A25A

O comandante Pedro Pires foi recebido pela Direcção da A25A para um almoço de convívio, no dia 26 de Maio. O encontro surgiu na sequência do Protocolo da A25A com a Fundação Amilcar Cabral, assinado em Março de

2014. Aproveitando a deslocação a Lisboa, por ocasião de uma homenagem à Casa dos Estudantes do Império, Pedro Pires e a Direcção da A25A manifestaram o propósito de desenvolverem o aprofundamento da cooperação.

Cravos vermelhos na ilha de Tenerife

JOSÉ LUIS DOMENECH BERCERO

NO PASSADO MÊS DE SETEMBRO, a Asociación de Antiguos Alumnos y Amigos de la Universidad de La Laguna promoveu a realização de uma sessão de homenagem aos 40 anos da Revolução dos Cravos. A sessão contou com a presença do presidente da Direcção da Associação 25 de Abril, Vasco Lourenço, Aprígio Ramalho, seu vice-presidente, e de Artur Pita Alves.

Antes de entrarem no salão nobre, os Capitães de Abril foram saudados pelo cônsul de Portugal em Tenerife, Francisco Javier Álvarez, e pelo presidente da AAAAULL, Zenaido Hernández. A conferência iniciou-se com uma saudação de boas-vindas do vice-presidente da Câmara Municipal, José Alberto Díaz, a que se seguiram as palavras de abertura da sessão proferidas pelo presidente da AAAAULL.

No uso da palavra, o presidente da Direcção da A25A relembrou os meses de preparação que antecederam o golpe militar, bem como a sua execução e transformação numa revolução popular que passou à História como a Revolução dos Cravos. Foi assim que se pôs fim a décadas de ditadura e se levou a Democracia, o Desen-

volvimento e a Descolonização ao povo português. Estes eram os propósitos que figuravam no programa político dos militares e que foram concretizados com pulso firme no meio de tensões e de situações políticas difíceis que a justeza de ideias e as rectas intenções dos seus protagonistas, os capitães, conseguiram superar e asssim levar a bom porto a Revolução de Abril. O evento contou com a participação do Duo Atenea, composto por pianista e soprano, que interpretou obras de Mozart e Händel.

Após um período de perguntas e respostas foi a sessão encerrada, com agradecimento aos capitães pela sua presença num edifício histórico do século XVII, pertencente à Câmara Municipal de Laguna, que por acaso do destino se chama La Casa dos Capitanes. Em todas as ilhas Canárias não poderia haver local mais apropriado para celebrar os 40 anos de uma revolução pacífica que não só mudou o destino de Portugal, como também exerceu a sua influência, acelerando o derrube de outros regimes totalitários que existiam na Europa e na América Latina.





134 O REFERENCIAL 135

Chaimite ganha concurso de fotografia em Cuba

O trabalho "Reflexos de Guerra" de José Fernandes foi distinguido com o primeiro prémio de fotografia do IV Festival Internacional de Fotografia Autodidacta Pela Paz Mundial, no âmbito da jornada "22 Romarias de Maio Porque não há hoje sem ontem", realizado em Holguín (Cuba), em Maio de 2015.

A chaimite do 25 de Abril, na imagem de José Fernandes, salientou-se entre as vinte obras a concurso, de autores – além de Portugal – oriundos de Cuba, Equador, Espanha, México e Estados Unidos. Aqui se registam os três primeiros prémios e as duas menções especiais distinguidas pelo júri.





Mensões especiais "Identidad", Pauly Bustamante, Equador



1.º Prémio "Reflexos da Guerra", José Fernandes, Portugal



3.º Prémio 'Pinamares 429". Gonzalo Pablo. Argentina



2.º Prémio "Pescadores", Ricardo Rubén de Luca, Argentina

CONVITES

Intervenção Democrática, debate público "Resgate das pequenas unidades de producão", 11-04-2015; presidente da Câmara Municipal de Almada, estreia de "As possibilidades", de Howard Barker, 08-05-2015; Edições Colibri e o Departamento de Ciências Políticas, Segurança e Relacões Internacionais da Universidade Lusófana, apresentacão do livro "Angola -Contributos à reflexão" de Adolfo Maria, 29-04-2015; Fundação INATEL/Teatro Trindade, Municipio de Faro e ACTA – A Companhia de Teatro do Algarve, estreia do espectáculo "À Espera de Godot", 17-04-2015; Associação dos Deficientes das Forças Armadas, sessão solene comemorativa do 41.º

cão da ADFA, 14-05-2015: Teatro Nacional D. Maria II, estreia de "Sex Tenor", 07-05-2015: Fundação Mário Soares, Vidas sem Sentido - José Mariano Gago - 30-04-2015: Associação Portuguesa de Escritores e Editorial Caminho, sessão comemorativa do 50.º aniversário da extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores, 26-05-2015; presidente da Liga dos Combatentes e Associações de Combatentes congéneres, cerimónia Dia do Combatente, 09-04-2015: Teatro Nacional D. Maria II e Mala Voadora, estreia "Pirandello", 12-03-2015; presidente da Câmara Municipal de Lisboa, inauguração do Museu do Aljube - Resistência e Liberdade, 25-04-2015; presidente da Câmara Municipal de

Aniversário da funda-

REGISTÁMOS O FALECIMENTO DOS SEGUINTES ASSOCIADOS:

António Luis Serpa Lopes da Costa (sócio efectivo), Apolinário Joaquim Grilo (sócio fundador); Augusto Tamagnini (sócio efectivo); Carlos dos Santos Lajes (sócio efectivo); Carlos Duarte Gonçalves Serrenho (sócio efectivo); Domingos Alberto Pinto Catalão (sócio fundador); Eduardo Jorge da Cunha Luz (sócio efectivo); Fernando da Vaza Pinheiro (sócio efectivo); Francisco Ferreira Bento (sócio efectivo); Guilherme dos Reis Pereira (sócio efectivo); Jacinto José Ferreira (sócio efectivo); João José R. Galhardas (sócio efectivo); Joaquim Alves Ribeiro (sócio efectivo); Joaquim Matos Esteves (sócio efectivo); Joaquim Simões Cortez (sócio efectivo); Óscar José Mascarenhas (sócio efectivo); Manuel Augusto Pinto Gomes dos Santos (sócio efectivo); Altino Pinheiro Coelho de Abreu (apoiante); António Carmo Galhardas (apoiante); António Mateus Jubilot (apoiante); Às famílias enlutadas apresentamos sentidas condolências.

Pedrogão Grande. apresentação do livro "Segredos de Amor e Sangue" de Francisco Moita Flores, 23-04-2015; Reitoria e Administração da Universidade Lusófana de Humanidades e Tecnologias, comemoração do Dia da Universidade, 28-03-2015; presidente da Câmara Municipal da Santa Maria da Feira, e escultor José Aurélio, visita guiada aos trabalhos públicos da autoria do escultor existentes no Municipio, 24-01-2015; Fundação Manuel Viegas Guerreiro, antestreia do documentário "Os últinos dias da PIDE", 11-04-2015; Câmara Municipal de Baião, Edições Colibri e coordenadores, apresentacão do livro "Alves Redol - o Olhar das Ciências Sociais" coordenação de Paula Godinho e António Mota Redol,

06-06-2015: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, apresentação do livro "Sim ou não?" de Maria João Ferreira, 21-03-2015; Cartoonxira, inauguracão da expoisção "A CartoonXira», 14-03-2015; AJA-Lisboa, concerto de Ioão Afonso apresentação do album "Sangue Bom", 19-03-2015; apresentação do último CD de Afonso Dias "O mar ao fundo", 09-04-2015; Âncora Editora e Câmara Municipal do Porto, apresentação do livro "Ecos do Grande Norte Recordações da Pesca do Bacalhau" de Valdemar Aveiro, 23-05-2015; Cooperativa de Comunicação e Cultura, inauguração da exposição "Cronologia de Torres" de Vasco Torres, 28-03-2015; Câmara Municipal de Loures, apresentação do livro "Fanhões Homi-

nes Petroe" de Ernesto Matos e lonha Heilmar, 28-03-2015; Câmara Municipal de Almada, Associação de Praças, Clube de Pracas da Armada e Edicões Colibri, apresentação do livro "A Revolução de Abril – Praças da Armada", 28-03-2015; Câmara Municipal de Grândola, inauguração da exposição "João Cutileiro, escultura, desenho-fotografia", 02-04-2015; Inauguração de exposição colectiva de escultura, 02-04-2015: Biblioteca--Museu República e Resistência, Ciclo de Poesia Africana, homengem aos poetas moçambicanos Virgilio de Lemos e Noémia de Sousa, 07-04-2015; Ciclo de Poesia Africana, homenagem poeta moçambicano Jorge 02-06-2015; Viegas, Conferência "Centenário do 14 de Maio: A

revolução mais sangrenta e a grave cisão na maçonaria Portuguesa", 14-05-2015; Convento dos Cardaes. Graça Sá-Fernandes e Editora Althum, lancamento do livro "Receitas do Convento dos Cardaes", 13-04-2015; Associação Abril e Sociedade Portuguesa de Autores, 1.ª Sessão do Festival dos Cravos -Literaturas mil...em Abril!, 10-04-2015; residente da Câmara Municipal de Oeiras e presidente da Liga dos Combatentes, cerimónia do Dia do Combatente e do 97.º Aniversário da Batalha de Lalys, 09-04-2015; presidente da Câmara Municipal de Almada e director do Teatro Municipal Joaquim Benite, inauguração da exposição de fotografia de José de Almeida, 11-04-2015; Câmara Municipal de Elvas e Edi-

ções Colibri, apresentação da obra "Cidade--Quartel fronteirica de Elvas e suas fortificacões", 18-04-2015; Edicões Colibri e o autor Leonel Fadigas, sessão de lancamento do livro "Urbanismo Território – as políticas públicas", 23-04-2015: Santa Casa da Misericórdia de Almada, inauguração da expoisção "Olhares do Bairro", 18-04-2015; Câmara Municipal de Grândola, apresentação do livro "Escrevam a dizer quem foi ao meu funeral" de Celso Filipe, 23-04-2015; Nú-Impulsionador das Conferências da Cooperativa Militar, lançamento do livro "Desafios para o Futuro: Colégio Militar, Instituto de Odivelas, e Instituto Pupilos do Exército" 23-04-2015; presidente da Câmara Municipal de Oeiras, 3.ª sessão do projecto

"Livros proibidos, ciclo de conversas", 22-04-2015; evento "Há prova em Oeiras - gastronomia e vinhos", 1, 2, 3-05-2015; cerimónia de homenagem aos Militares do Concelho de Oeiras, 10-06-2015: Edições Colibri, apresentação do livro "A respiração dos dias" de Goretti Pina, 24-04-2015; Direcção-Geral do Consumidor a Nexo Literário e o autor Mário Beja Santos, apresentação do livro "De freguês a consumidor", 28-04-2015; Assembleia da República, Café Literário: "A Política e a Literatura", 23-04-2015; presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. Paulo Cunha, e o Museu Bernardino Machado, "Versos e Sons de Abril", 25-04-2015; exposição "O Nascimento de uma Democracia 1974-

1976", 10-05-2015; Centro de Estudos de Teatro (CET) e Companhia de Teatro de Almada, lancamento da obra Luís Miguel Cintra – "Cinco Conversas em Almada", 27-04-2015; Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto/InEd. Centro de Investigação e Inovacão em Educação, II Ciclo de Conferências "Entre Guerras - os anos de 1930 e 1940 (1933-1945)", 03-06-2015; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, apresentação da obra "Vida dupla" de Sérgio Godinho, 09-05-2015; apresentação do livro "Viagem pela Litratura Europeia" de António Mega ferreira, 06-05-2015; Edições Colibri e Casa do Alentejo, apresentação do livro "Quase só a voz do vento", de João Mário Caldeira, 08-05-

2015; presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, exposição "Fábrica das Palavras - Viagem Projectual", de Miguel Arruda Arquitectos Associados, 07-05-2015; Edições Colibri, apresentação do livro "Ética e cidadania", de Maria do Céu Pires, 09-05-2015; Instituto Português do Desporto e Juventude. Centro de Estudos de Religiões e Culturas da Universidade Católica Portuguesa e Instituto Luso Lírico, Colóquio Internacional "Desporto. Ética e Transcendência", 20-05-2015, O Farol, apresentação do livro "Urbano o eterno sedutor", de Eduardo Raposo, 14-05-2015; apresentação do livro "Contrastes" de Modesto Viegas, 30-05-2015; Direcção da Confederação Nacional dos

Reformados, Pensio-

nistas e Idosos MUR-PI, 20.º Piquenicão Nacional, 24-05-2015; Casa-Museu João Soares, em colaboração com o Prof. Doutor Nuno Ventura Bento, Doutorado em Políticas Públicas pelo ISCTE com o Dr. Acácio de Sousa, presidente da direcção do Orfeão de Leiria, colóquio "Política em Leiria. Uma invocação das Conferências do Casino, uma reflexão cívica a pensar o futuro", 19-05-2015; Sinapis e os autores, apresentação do livro "Tempo mágico - colectânea de poesia e texto poético da Luso-09-05-2015; fonia", presidente da Câmara Municipal de Almada, inauguração da exposição "Ir a banhos", 16-05-2015; Junta de Freguesia do Laranjeiro e Feijó, inauguração da exposição "Oito esculturas que falam...pela

mão" de José António Silva, 15-05-2015; Direccão da Associação Portuguesa de Mulheres Juristas, Sessão de Lancamento do livro "Introdução às Teorias Feministas do Direito", de Rita Mota e 15-05-2015. Sousa. conferência "Assédio Sexual? Não, Obrigada!",18-06-2015; José Canteiro, lançamento do livro "Vivências de uma geração", 23-05-2015; Associação Abril e Sociedade Portuguesa de Autores, conferência/debate inserida no ciclo "Radiografias do nosso tempo", denominada Memórias do PREC, 28-05-2015, Câmara Municipal de Lisboa e União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa, inauguração da exposição "Casa dos Estudantes do Império (1944-1965), 21-05-2015; João de Deus Rodrigues,

lancamento do livro "Memória e Divagações", 29-05-2015; Presidente do Centro Nacional de Cultura, Gala Comemorativa do 70.º Aniversário, 03-06-2015; Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura. Recreio e Desporto, Comemorações do Dia Nacional da s colectividades e 91.º Aniversário da CPCCRD, 31-05-2015; Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL e Edicões Colibri, lancamento do livro "Cem dias de solidão" de Christopher Damien Auretta, 28-05-2015; Associação Caboverdeana de Lisboa (ACV), conferência sobre o tema religião intitulada "A Acção Inquisitorial em Cabo Verde (séculos XVI-XVII)", 28-05-2015; Edições Colibri e Casa do Alentejo, apresentação do livro "Fi-

lhos do Engano", de Isabel Maçano, 28-05-2015, Bertrand Editora, lancamento do livro "Para onde vai Portugal?" de Leonor Varela, 05-06-2015; Centro de Investigação Media e Jornalismo e Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, colóquio "O Jornalismo Português na Guerra Colonial", 28-05-2015; presidente da Câmara Municipal de Nisa e Edições Colibri, apresentação do livro "O anel de Lázaro" de Luís Mário Bento, 31-05-2015; Editora Althum, apresentação do livro "A aparição do tempo" de Adalberto Alves, 04-06-2015; Assembleia da República, inauguração da exposição "Desporto/património/memória", 04-06-2015; inauguração da exposição de pintura de Norberto Nunes; 17 -07-2015; Cooperativa de Comunicação e Cultura, exposição de fotografia "Espelho Negro" de Rita Magalhães, 06-06-2015; presidente da Fundação Mário Soares, sessão evocativa de "Malagatana Valente Ngwenya (1936-2011"), 06-06-2015; Instituto Português do Desporto e Juventude e o Instituto para o Desenvolvimento Humano, apresentação do livro "Manual de boas práticas ambientais no desporto", do Prof. Doutor. Francisco ferreira, 03-06-2015, Edições Colibri e Casa do Alentejo, apresentação do livro "Rios de Paixão", de Carmo Miranda Machado, 05-06-2015; reitor da Universidade de Lisboa (UL), Semana da Inovação da Universidade de Lisboa, 15-18-06-2015; Instituto Português do Desporto e Juventude. Festa do Desporto; Associação José Afonso, concerto com Andrés Staganaro; 13-06-2015; patriarca de Lisboa e Editora Althum, concerto do organista António Esteireiro e Coro Gregoriano do Instituto Gregoriano de Lisboa, 13-06-2015; Edições Colibri, apresentação da obra "Rolão Preto - Obras Completas", 14-06-2015; presidente do Conselho de Administração da Fundação "O Século" cerimónia de entrega dos Prémios João Pereira da Rosa/2015: 18/19-07-2015; Fundação Mário Soares e Altheia Editores, apresentação do livro "Um erro de Afonso Costa – as missões laicas republicanas (1913-1926)", 16-06-Rui 2015; Tinto, "Crianças em Movimento", 14-06-2015; Fundação Mário Soares. "Vidas com sentido – Eduardo Pereira", 18-06-2015

OFERTAS À A25A

Livros: "Guerra colonial – Lágrimas", oferta da Biblioteca Municipal de Penafiel; "Burguesia Criminosa" de René Ormazabal, oferta do associado Nuno Santos Silva: "O Seminarista e o Guerrilheiro" de Cândido Matos Gago, oferta do autor "O Dia da Liberdade – 25 de Abril de 1974". coordenação de Pedro Lauret, oferta do autor: "Bairro Ocidental de Manuel Alegre, oferta do autor, "A Serra de Aire por horizonte" de Claudino Rosa Soares, oferta do autor; "A porta para a Liberdade - 1960 - Peniche", de Pedro Prates da Fonseca oferta de Carlos Ademar; 8 livros oferta Di Chins di peso –

Provincia di Cuneo, ao presidente da Direcção na sua visita.

Diversos: Estatueta em vidro - oferta Núcleo de Estudos 25 de Abril; DVD - documentário "25 de Abril sempre" e DVD - "Portugal, 25 avril 1974: voyage au coeur d'une révolution", ofertada da produtora, Elsa Cornevin; Medalha de Honra. oferta da Junta de Freguesia do Lumiar; Medalha comemorativa dos 41 anos do 25 de Abril, oferta da Associação Cultural 25 de Abril em Toronto-Núcleo Salgueiro Maia; CD - casa Museu Galimberti, CD - Duccio Galimberti; DVD - l'e e cidio di Piazza Pascheta – Peveragno 10 Gennaio 1944; 1 t--shirt; 1 lenço, oferta da Provincia di Cuneo.



